



Universidade de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



Observação e Análise do Jogo

Estágio como vídeo-analista das equipas profissional e sub-16 do Sport Lisboa e Benfica

Relatório de estágio elaborado com vista à obtenção do grau de Mestre em Treino Desportivo

Orientador: Mestre João Filipe Aroso Lopes da Silva

Júri:

Presidente

Doutor António Paulo Pereira Ferreira

Vogais

Doutor José Maria Dionísio Calado Pratas

Mestre João Filipe Aroso Lopes da Silva

Sandro Miguel Gonçalves Canha

2018

Relatório de estágio na modalidade de futebol
apresentado à Faculdade de Motricidade Humana,
como requisito para a obtenção do grau de Mestre
em Treino Desportivo, sob a orientação técnica
e científica do Mestre João Aroso.

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente participaram e auxiliaram antes, durante e após o processo de estágio.

Muito Obrigado.

Resumo

O presente trabalho advém da prática de estágio realizada na área de observação e análise – Benfica LAB no Sport Lisboa e Benfica na época desportiva 2015-2016 e encontra-se dividido em três áreas.

Na **Área 1 - Prática Profissional** - encontramos a descrição de todo o trabalho operacional desenvolvido ao longo da prática de estágio quer na equipa principal assim como nos sub-16, desde as tarefas diagnóstico, formações específicas, tarefas operacionais e complementares.

A **Área 2 – Investigação** – análise dos golos marcados pelos sub-16 do Sport Lisboa e Benfica na época 2015-2016 de forma a verificar uma relação entre os padrões táticos ofensivos da equipa e os resultados obtidos. Verificámos que o maior número de recuperações ocorreu no meio campo adversário e que o método de obtenção de golo mais frequente foi o Contra Ataque. Foi possível também verificar uma associação positiva entre as variáveis definidas no objetivo.

A **Área 3 – Relação com a Comunidade** – descreve os procedimentos realizados para a criação do evento *Sports Sciences Day*. Este evento teve como objetivo dar a conhecer ao público algumas das práticas operacionais do Benfica LAB.

Palavras-chave: Futebol; Sport Lisboa e Benfica; Benfica LAB; Observação e Análise de Jogo; Scouting; Golo.

Abstract

This work comes from the internship practiced in performance analysis – Benfica LAB in Sport Lisboa and Benfica on the 2015-2016 season and is divided into three areas:

Area 1 – Professional Practice – we show the description of all the operational work developed during the internship practice both in the first team, as well in the Under-16, from the diagnostic tasks, specific training, operational and complementary tasks.

Area 2 – Investigation – analysis of the goals scored by the U16 of Sport Lisboa and Benfica in the period 2015-2016 in order to verify a relation between the offensive tactical patterns and the obtained results. We found that the highest number of recoveries occurred in the offensive midfield and that the most frequent method of attack was Counter Attack. It was also possible to verify a positive association between the variables defined earlier.

Area 3 – Relationship with the community – describes the procedures performed for the creation of the *Sports Sciences Day* event. This event had the purpose of informing the public about some of the operational practices of Benfica Lab.

Keywords: Soccer; Sport Lisboa and Benfica; Benfica LAB; Performance analysis; Scouting; Goal.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Índice de Figuras	ix
Índice de Tabelas	ix
Capítulo I – Introdução	1
I. Introdução	2
1.1. Enquadramento Geral	2
1.2. Caracterização Geral do Estágio	3
1.3. Objetivos	4
1.4. Planeamento Anual de Atividades	6
1.5. Estrutura do Relatório	7
Capítulo II – Revisão da Literatura	8
II. Revisão da Literatura	9
2.1. Observação e Análise de Jogo	9
2.1.1. Perspetiva Histórica do Scouting	9
2.1.2. Definição	11
2.1.3. Domínios	12
2.1.4. Relevância	13
2.2. Procedimentos da Observação e Análise de Jogo	15
Capítulo III – Operacionalização do Estágio	18
III. Operacionalização do Estágio	19
3.1. Tarefas de Diagnóstico	19
3.1.1. Relatório de Jogo	19
3.1.2. Análise Crítica – Artigo Científico	20
3.2. Formação Específica	21
3.2.1. Técnicas de Filmagem – Plano Aberto	21
3.2.2. <i>Sports Analyzer</i>	23
3.2.3. <i>Longomatch</i>	24
3.2.4. <i>Adobe Premiere Pro</i>	24
3.2.5. <i>Datatrax</i>	25
3.2.6. Simulador 360s	25
3.3. Tarefas Operacionais	26
3.3.1. Tarefas Operacionais – Equipa Principal	26

3.3.1.1.	Equipas Tipo	27
3.3.1.2.	Estratégia Posicional Adversária	28
3.3.1.3.	Observação ao Adversário «in loco»	29
3.3.1.4.	Datatrax.....	30
3.3.2.	Tarefas Operacionais – Juvenis B.....	31
3.3.2.1.	Filmagem de Jogos e Treinos	32
3.3.2.2.	Editar, Exportar e “Cortar” o Jogo.....	34
3.3.2.3.	Análise do Desempenho da Equipa – Relatório de Jogo.....	34
3.3.2.3.1.	Análise Qualitativa	34
3.3.2.3.2.	Análise Quantitativa	36
3.3.2.4.	Catálogo de Exercícios de Treino.....	37
3.3.2.5.	Análise Individual e Coletiva da Equipa.....	38
3.4.	Tarefas Complementares.....	38
3.4.1	Biblioteca Virtual	38
3.4.2	Análise de situações de golo – Equipas de Elite Europeia	39
3.4.3	Trabalho de investigação – Análise do Golo	40
3.4.4.	Geração Benfica.....	41
3.5.	Controlo e Avaliação.....	41
3.5.1.	Balanço Semanal e Mensal	41
3.5.2.	Reunião Mensal	41
	Capítulo IV – Estudo de Investigação	43
	IV. Estudo de Investigação: Análise dos golos marcados pela equipa de sub-16 do Sport Lisboa e Benfica na época 2015-2016	44
4.1.	Introdução.....	44
4.1.1.	Objetivo do Estudo.....	45
4.2.	Metodologia	46
4.2.1.	Amostra.....	46
4.2.2.	Instrumento	46
4.2.3.	Procedimentos.....	49
4.2.4.	Tratamento Estatístico.....	50
4.3.	Resultados	50
4.4.	Discussão	58
4.5.	Conclusões.....	62
	Capítulo V – Relação com a Comunidade: ‘Sports Sciences Day’	64
	V. Relação com a Comunidade: ‘Sports Sciences Day’	65
5.1.	Enquadramento Geral	65
5.2.	Procedimentos e Logística	66

5.2.1.	Oradores e Conteúdo	66
5.2.2.	Data e Local do Evento	67
5.2.3.	Distribuição de Tarefas.....	67
5.2.4.	Recursos	69
5.2.4.1.	Recursos Humanos	69
5.2.4.2.	Recursos Logísticos	69
5.2.4.3.	Recursos Materiais.....	70
5.2.4.4.	Orçamento.....	70
5.2.4.5.	Divulgação do evento: “Sports Sciences Day”	70
5.2.4.6.	Avaliação do Evento.....	71
5.3.	Formato Final – “Sports Sciences Day”	71
5.3.1.1.	Avaliação Final do Evento	73
	Capítulo VI – Reflexão sobre o Estágio.....	74
VI.	Reflexão sobre o Estágio	75
6.1.	Formações Específicas	75
6.2.	Tarefas na Equipa Principal do Sport Lisboa e Benfica	77
6.3.	Tarefas na equipa Sub-16 do Sport Lisboa e Benfica	78
6.4.	Tarefas Complementares.....	80
6.5.	Sports Sciences Day.....	81
6.6.	Considerações finais	82
	Bibliografia	84
	Anexos	88

Índice de Figuras

Figura 1 – Ciclo de preparação para competição. Carling et. al., (2005).....	15
Figura 2 – Filmagem em Plano Aberto – Benfica LAB.....	22
Figura 3 – Filmagem para Transmissão Televisiva.....	22
Figura 4 – Campograma divisório das zonas do terreno de jogo (adaptado de Gréhaigine, Mahut & Fernandez, 2001).....	48
Figura 5 – Zonas de Finalização.....	48
Figura 6 – Comparação da zona de recuperação da bola entre a primeira e segunda volta do campeonato.....	53
Figura 7 – Comparação da zona do último passe para finalização entre a primeira e segunda volta do campeonato.....	54
Figura 8 – Relação entre a zona de recuperação da bola e o método de obtenção do golo – Contra Ataque.....	56
Figura 9 – Relação entre a zona de recuperação da bola e o método de obtenção do golo – Ataque Rápido.....	56
Figura 10 – Relação entre a zona de recuperação da bola e o método de obtenção do golo – Ataque Posicional.....	57

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Planeamento anual das tarefas de estágio.....	6
Tabela 2 – Sistema de Observação do Golo no Futebol.....	47
Tabela 3 – Período de ocorrência do golo.....	49
Tabela 4 – Forma de recuperação da bola.....	50
Tabela 5 – Zona de recuperação da bola.....	51
Tabela 6 – Zona do último passe para finalização.....	51
Tabela 7 – Método para obtenção do golo.....	52
Tabela 8 – Forma de finalização.....	52
Tabela 9 – Zona de finalização.....	52
Tabela 10 – Período do golo.....	53

Tabela 11 – Comparação do método de obtenção do golo entre a primeira e segunda volta do campeonato.....	54
Tabela 12 – Comparação da zona de finalização entre a primeira e segunda volta do campeonato.....	55
Tabela 13 – Distribuição de Tarefas Sports Sciences Day.....	67
Tabela 14 – Tarefas por estagiário: Observação e Análise de Jogo.....	68
Tabela 15 – Tarefas por estagiário: Fisiologia.....	68
Tabela 16 – Programa do Sports Sciences Day.....	71

Capítulo I – Introdução

I. Introdução

1.1. Enquadramento Geral

O Desporto é um elemento que, tal como qualquer outra atividade humana, encontra-se em constante mutação, pois faz parte do nosso código genético a procura incessante pela evolução. Desta forma, o Futebol não foge à regra. Desde a sua fundação, o Futebol e todos os seus elementos integrantes têm sofrido transformações ao longo dos anos, quer ao nível do treino, do entendimento do próprio jogo até aos seus agentes desportivos. Nas equipas onde existe uma grande exigência relativamente ao processo de desenvolvimento dos jogadores e obtenção de resultados, é normal verificarmos que as equipas técnicas são multidisciplinares e com elevado grau de especialização de forma a proporcionar as melhores condições possíveis para a obtenção do “alto rendimento”. Desta forma, se compararmos uma equipa técnica nos dias que correm com uma equipa técnica dos anos 80-90, iremos com certeza verificar que atualmente existem cargos que não existiam antigamente, sendo uma dessas posições a do observador e analista de jogo.

Na atualidade é dado ênfase à importância do observador e analista de jogo, pois a informação é um bem precioso e que nos permite um maior conhecimento sobre o futuro de forma a podermos estar preparados para o receber e intervir sobre o mesmo. O papel do observador e analista de jogo vai de encontro ao que foi dito no parágrafo anterior, pois espera-se que este elemento seja capaz de conhecer e compreender o jogo, de forma a poder transmitir informações pertinentes e objetivas ao treinador, não só sobre os próximos adversários, mas também acerca da própria equipa.

Este relatório emerge do estágio profissionalizante realizado no Sport Lisboa e Benfica – Benfica LAB (Observação e Análise de Jogo), através do Mestrado em Treino Desportivo e tem o intuito de descrever as tarefas ligadas ao processo de observação e análise de jogo num clube que se encontra inserido na elite do futebol mundial.

1.2. Caracterização Geral do Estágio

O Benfica LAB é composto por três áreas fundamentais: Observação e Análise de Jogo, Fisiologia e Nutrição. São três áreas fulcrais que se interligam com o objetivo final de otimizar o desenvolvimento-rendimento dos jogadores da formação e do Futebol profissional.

Devido ao protocolo existente entre a Faculdade de Motricidade Humana e o Sport Lisboa e Benfica, através do Mestrado em Treino Desportivo, o processo de estágio deu-se na área de observação e análise – Benfica LAB do Sport Lisboa e Benfica, no Caixa Futebol Campus e teve a duração de uma época desportiva, nomeadamente na época 2015/2016.

Relativamente ao trabalho operacional desenvolvido pela minha pessoa durante o período de estágio, este pode ser dividido em duas partes:

1. Futebol Profissional – Observação e análise da equipa profissional A do Sport Lisboa e Benfica, assim como dos seus adversários;
2. Futebol de Formação – Observação e análise da equipa de formação sub-16, assim como auxílio no processo de treino de quatro turmas que compõem a Geração Benfica.

É importante referir que no período inicial do estágio, as tarefas operacionais diziam respeito apenas à equipa principal, sendo que no decorrer deste surgiu a hipótese de conjugar as mesmas com tarefas de vídeo-analista de uma equipa da formação que não possuía um elemento afeto a esta função, nomeadamente o escalão de sub-16.

Para a obtenção do grau de mestre em Treino Desportivo, no final do estágio e como requisito para tal efeito, foi elaborado um relatório de estágio profissionalizante que visava a caracterização do processo de estágio e que se divide em três partes:

1. Observação e Análise de Jogo – Área 1;
2. Inovação e Investigação – Área 2;
3. Relação com a Comunidade – Área 3.

1.3. Objetivos

No início do processo de estágio, foram estabelecidos objetivos a serem concretizados durante e após o término do mesmo. Nas alíneas seguintes, encontram-se descritos os objetivos definidos em conformidade com o Benfica LAB:

Gerais

- Desenvolver a capacidade de me adaptar à realidade profissional envolvente e ao compromisso constante entre celeridade e garantia de qualidade no trabalho desenvolvido;
- Estruturar, argumentar e justificar estratégias de planificação assim como conceber documentos que suportem as mesmas;
- Desenvolver a capacidade de avaliar e ajustar a planificação no decorrer da operacionalização assim como a criação de documentos de apoio à mesma;
- Adquirir conhecimentos dos procedimentos logísticos inerentes à análise e observação;
- Desenvolver a capacidade de observação e análise - correção, pertinência, assertividade, síntese e objetividade - Observação in loco - Observação à posteriori - Relatórios;
- Adquirir, desenvolver e aperfeiçoar o conhecimento necessário para a utilização de softwares de suporte ao processo de observação;
- Desenvolver a capacidade de investigação e inovação suportada com uma argumentação sólida e válida relativa a assuntos específicos da modalidade;
- Desenvolver a capacidade de síntese na elaboração dos Balanços Mensais e Relatório Final;
- Desenvolver de forma elementar as capacidades práticas e teóricas ao nível da condução do treino, perspetivando no que for possível, o "transfer" da atividade de observação e análise para o processo de treino;
- Desenvolver a proatividade procurando de forma constante apresentar novas ideias relativamente às diversas tarefas de estágio.

Específicos

- Planificar períodos de observação e análise assentes na(s) competição(ões) inerentes e aferir o nível da sua real concretização, efetuando ou não os necessários ajustes;
- Filmar em plano aberto;
- Utilizar de forma competente alguns dos softwares de apoio ao processo de Análise e Observação: 1-Sports Code; 2-Edius; 3-Sports Analyzer; 4-DataTrax;
- Planificar e operacionalizar observações de jogos in loco;
- Recolher e analisar dados de forma estruturada e objetiva nas Observações in Loco: Estratégia Posicional; Organização Ofensiva e Defensiva; Sistemas Táticos;
- Utilizar estratégias e meios de recolha e organização de informação relativa a jogos a serem transmitidos via TV;
- Recolher e analisar dados (à posteriori do jogo) de forma estruturada e objetiva: Estratégia Posicional; Organização Ofensiva e Defensiva; Sistemas Táticas; Dados adicionais/complementares;
- Construir um Relatório Escrito de Observação e/ou Relatório-Vídeo (Individual e Coletivo) acerca da própria equipa e/ou adversário;
- Elaborar e apresentar um trabalho de investigação subjacente a assuntos específicos da atividade;
- Planear, elaborar e apresentar uma (ou mais) ações de formação, cujos temas e conteúdos reúnam os critérios de qualidade necessários a poderem ser incluídas no plano de formação interna do Benfica-LAB;
- Planear, elaborar e aplicar uma (ou mais) sessões de treino na Escola Geração Benfica, sob a supervisão dos seus técnicos principais e Orientados Benfica - LAB;
- Analisar e apresentar em documentos próprios para o efeito, movimentações padronizadas dentro do Modelo de Jogo da própria equipa;
- Analisar e catalogar exercícios de treino de várias fontes e inseri-los em Fichas de Exercícios e Base de Dados do próprio clube;
- Ser proativo na apresentação de propostas válidas que visem o desenvolvimento, aperfeiçoamento e atualização constantes.

1.4. Planeamento Anual de Atividades

Tabela 1 – Planeamento Anual das Tarefas de Estágio

Planeamento Anual das Tarefas de Estágio												
Etapa Preparatória	Integração	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Reunião Preparatória	x										
	Conhecimento e Integração na Instituição	x										
	Plano Individual de Estágio	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Elaboração do Plano	x										
	Entrega	x										
	Discussão	x										
	Definição	x										
	Formação Específica	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Estratégias de Recolha, Observação e Análise de Dados	x	x									
	Sports Analyzer	x	x									
	Sports Code	x	x									
	DataTrax	x	x									
	Adobe Premiere / Edius	x	x	x								
Etapa Operacional	Técnicas de Filmagem em Plano Aberto	x	x	x								
	Programação de Jogos - Canais TV	x	x									
	Tarefas Complementares	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Avaliação Contínua do Plano Individual de Estágio	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Balanco Periódico		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Tarefas Operacionais	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Recolha, Observação e Análise de Jogos In Loco	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Acompanhamento de Observações/Filmagens In Loco	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Filmagem em Plano Aberto (Filmagem Supervisionada)	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Balancos Sucintos das Observações	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Recolha e Análise de Dados	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Estratégia Posicional: Jogos/Equipas/Jogadores	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Sistemas Táticos: Jogos/Equipas/Jogadores	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Organização Ofensiva-Defensiva: Jogos/Equipas/Jogadores	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Dados Adicionais: Jogos/Equipas/Jogadores	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Programações TV	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Recolha e organização de informação: Jogos - Canais TV				x	x	x	x	x	x	x	x
	DataTrax	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Tracking		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Repair do Tracking		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Ficheiro de Perdas e Recuperação de Bola		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Tarefas Complementares	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Escola de Futebol - "Geração Benfica"	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Formação/Enquadramento		x	x	x	x						
	Tarefas de Técnico Estagiário - Treino			x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Elaboração e Aplicação Supervisionada de Unidades de Treino									x	x	x
	Ações de Formação Específicas							x	x	x	x	x
	Filmagem das Sessões de Treino				x	x	x	x	x	x	x	x
	Análise de Movimentos de Jogadores S.L.Benfica	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Formação de Procedimentos Adequados	x	x	x	x							
	Processo de Análise				x	x	x	x	x	x	x	
	Catálogo de Exercícios	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Atualização da Base de Dados			x	x	x	x	x	x	x	x	
	Atualização da "Biblioteca Virtual" - Benfica LAB	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Investigação e Atualização permanente da Base de Dados			x	x	x	x	x	x	x	x	
	"Nós estagiários propomos..."	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Propostas e Sugestões de Inovação e Desenvolvimento			x(i)						x(f)		
	Tarefas de Desenvolvimento	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Proposta de Relatório Escrito de Observação de Adversários/Própria Equipa	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Relatório de Raiz		x(i)	x(f)								
	Relatório(s) após Feedback					x(i)	x(f)	x(i)	x(f)			
	Relatórios - Resumo				x	x	x	x	x	x	x	x
	Proposta de Relatório Vídeo de Observação de Adversários/Própria Equipa	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Relatório de Raiz de Análise Coletiva					x(i)	x(f)					
	Relatório de Raiz de Análise Individual					x(i)	x(f)					
	Relatório(s) de Análise Coletiva após Feedback							x(i)	x(f)			
	Relatório(s) de Análise Individual após Feedback							x(i)	x(f)			
	Projeto de Investigação, Desenvolvimento e Inovação	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Trabalho Escrito			x(i)							x(f)	
	Apresentação/Ação de Formação			x(i)							x(f)	
Etapa Preparatória	Dossier de Estágio	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Entrega do Dossier com o Relatório Final					x(i)					x(f)	
	Momentos de Avaliação	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
	Reuniões Mensais	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Reuniões de Final de Etapa			x - ep						x - eo		
Etapa Preparatória	Reunião de Balanço do Trabalho de Investigação	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Reunião de Avaliação Final											x

x	Presença
x(i)	Apresentação Intermediária
x(f)	Apresentação Final
x - ep	Etapa Preparatória
x - eo	Etapa Operacional

1.5. Estrutura do Relatório

O presente trabalho encontra-se estruturado através de seis capítulos:

No primeiro capítulo, “**I – Introdução**”, pretende-se dar a conhecer o enquadramento geral do estágio, assim como os seus objetivos e o planeamento anual das atividades.

O segundo, “**II – Revisão da Literatura**”, diz respeito ao suporte bibliográfico necessário para um relatório desta natureza, onde são abordados aspetos importantes relacionados com a observação e análise, como a sua perspetiva histórica, definição, domínios, relevância ou procedimentos.

No terceiro, “**III – Operacionalização do Estágio**”, encontram-se descritas todas as práticas operacionais efetuadas ao longo do processo de estágio.

O quarto, “**IV – Estudo de Investigação: Análise dos golos marcados pela equipa de sub-16 do Sport Lisboa e Benfica na época 2015-2016**”, diz respeito ao estudo de investigação implementado com base nos golos marcados pela equipa de sub-16.

O quinto, “**V – Relação com a Comunidade: Sports Sciences Day**”, é onde se encontram descritos todos os procedimentos realizados para a criação e desenvolvimento do evento destinado à comunidade.

Por fim, no sexto, “**VI – Reflexão sobre o Estágio**”, é dada a opinião pessoal acerca de todas as tarefas realizadas e derivadas do processo de estágio.

Capítulo II – Revisão da Literatura

II. Revisão da Literatura

2.1. Observação e Análise de Jogo

2.1.1. Perspetiva Histórica do Scouting

O *Scouting* é descrito na literatura como o processo de recolha de dados dos parâmetros inerentes ao «jogo», da própria equipa e do adversário através de instrumentos que podem assumir um carácter tecnológico ou manual para posteriormente serem tratados e difundidos para o treinador principal que por sua vez fará a seleção da informação a ser transmitida aos jogadores e necessária para a elaboração de planos de atuação na direção do próximo momento competitivo (Pedreño, 2014).

O estudo do jogo e consequente comportamento dos jogadores e equipas é um fenómeno que, apesar de estar popularizado nos dias que correm, segundo Garganta (2001) teve início há muitos anos atrás, mais propriamente na década de 30, sendo que um dos primeiros estudos de que há registo deu-se na modalidade de Basquetebol e foi realizado por Messersmith e Corey. Aquele autor acrescenta que o primeiro estudo relacionado com o Futebol teve lugar no ano de 1952 através de Winterbotton.

Inicialmente, os estudos realizados centravam-se principalmente na dimensão física dos jogadores, com especial ênfase nas distâncias percorridas pelos mesmos (Nevill, Atkinson, & Hughes, 2008). O paradigma de investigação foi evoluindo com o passar do tempo e começou-se a dar importância à frequência de tarefas motoras realizadas pelos jogadores ao longo do jogo, sendo importante destacar o estudo de Reilly & Thomas (1976). Passados alguns anos, o ênfase passou a centrar-se nas habilidades técnicas. Esta tendência teve pouco sucesso, dado que as conclusões e os dados recolhidos tiveram pouca pertinência, quer na vertente científica quer prática (Garganta, 2001).

Após as tipologias de estudos referidas anteriormente, veio finalmente o paradigma relacionado com a tática e a consequente valorização da sua importância nos jogos desportivos coletivos, sendo que o principal foco de estudo se centrou na identificação de padrões na ação dos jogadores e das equipas (Garganta, 2001).

Especificamente na modalidade de Futebol, a observação e análise nas partidas de começaram a adquirir protagonismo no início dos anos 90, passando a ser aceite como

um fator de incremento do rendimento pelos treinadores e demais agentes desportivos (Carling, Reilly, & Williams, 2009).

A observação e análise de jogo, tal como qualquer outra atividade humana está em constante evolução, aparecendo frequentemente novos meios tecnológicos que permitem facilitar e incrementar o resultado final. Desta forma, apresentamos de seguida a evolução cronológica dos métodos utilizados pela análise de jogo desde o seu início, de acordo com Garganta (2001):

1. Sistemas de notação manual utilizando lápis e papel;
2. Combinação de notação manual com relato oral direcionado para um dictafone;
3. Utilização do computador após a observação para registo, tratamento e armazenamento de dados;
4. Utilização do computador para registar dados em simultâneo com a observação, quer em direto como em diferido;
5. Introdução de dados no computador através de reconhecimento vocal, correspondente a um sistema considerado como um facilitador entre a recolha e introdução de informação;
6. Sistema AMISCO que permitia digitalizar semi-automaticamente as ações realizadas pelos intervenientes do jogo (individual e coletivo), em tempo real visualizando toda a área de jogo através de um conjunto de câmaras fixas na estrutura do estádio.

O que foi dito anteriormente, é suportado por Sarmiento et al. (2014), que refere que as ferramentas que têm vindo a ser desenvolvidas ao longo dos anos, têm permitido auxiliar as equipas técnicas a recolher, filtrar, tratar e analisar a informação, atribuindo-lhe um significado.

Mas no início, quando começou a ser dada importância ao processo de analisar o que estava efetivamente a acontecer, o processo não era o mais correto, fruto da tecnologia e do conhecimento existente na época, pelo que as primeiras observações se realizaram «in loco», sem qualquer meio auxiliar e apenas baseado na memória do treinador, comprometendo a fiabilidade da informação, sendo que esta fase ficou conhecida como “Análise Visual” (Vázquez, 2014).

Posteriormente e após a verificação dos problemas de não registar a informação num meio auxiliar, deu-se a fase da “Notação Manual”, onde deixou de haver uma dependência da memória do observador e a informação observada passou a ser colocada

diretamente no papel, havendo também por vezes a utilização de relato oral e notação manual para aumentar a eficiência do processo e a eficácia da informação. (Garganta, 2001)

Com a evolução da tecnologia e o frequente aparecimento de meios informáticos de suporte, existe cada vez mais uma dependência destes para o processo de recolha, tratamento, análise e armazenamento da informação (Garganta, 2001). Segundo Vázquez (2001), devido a esta evolução e dependência, esta fase fica marcada como “Análise baseada no Vídeo” e que através da gravação em vídeo do evento, permite a catalogação dos mesmos de forma a serem analisados as vezes que forem precisas e desta forma obter a informação necessária.

De acordo com o mesmo autor, hoje em dia vivemos na fase da “Análise baseada na Tecnologia Informática”, que é a forma mais sofisticada e precisa no que diz respeito a analisar dados de cariz quantitativo e qualitativo.

2.1.2. Definição

É muito comum ouvirmos a palavra *Scouting* na modalidade de Futebol. Mas qual o seu significado? Segundo Gouveia (1995); Castelo (1996) podemos entender o termo *Scouting* como um processo que permite a melhor preparação possível de uma equipa para um determinado jogo através da observação do adversário, obtendo informações relacionadas, por exemplo, com as intenções técnico-táticas do adversário.

Dufour (1990) corrobora o que foi dito anteriormente, ao afirmar que o *Scouting* tem um papel cada vez mais importante na preparação de um ou mais jogos, na medida em que permite recolher, observar e analisar informações relativas à equipa adversária.

Parece-nos importante referir que o *Scouting* não se refere apenas à observação do adversário, sendo que este processo deve ser entendido como um processo fulcral para a obtenção de informações, quer em relação a oponentes, como já foi referido, quer em relação à própria equipa, com o intuito de incrementar o seu desenvolvimento e consequente rendimento. Isto é confirmado por Pedreño (2014), que refere que o *Scouting* é um processo de recolha de informação de variáveis referentes aos jogos ou treinos da própria equipa, sendo que após a recolha, tratamento e análise da informação, a mesma é transmitida ao treinador que fará a última seleção para definir o plano de jogo e passar o mesmo aos jogadores.

Segundo Ventura (2013), o *Scouting* é um complemento importante ao trabalho do treinador, dado que fornece informação importante para este desenvolver o microciclo de treino e preparar da melhor forma a estratégia mais eficiente para o jogo seguinte, tendo em conta as potencialidades/fraquezas da própria equipa, assim como do adversário.

2.1.3. Domínios

De acordo com Ventura (2013), o *Scouting* engloba dois domínios diferentes, que estão relacionados efetivamente com o rendimento e recrutamento. O *Scouting* relacionado com o rendimento pressupõe a observação e análise do adversário e/ou da própria equipa com o intuito de incrementar o desempenho desta, enquanto que o de recrutamento consiste em observar e analisar jogadores, quer a nível de Futebol de formação quer sénior, de forma a obter conhecimento sobre os mesmos para, em caso de interesse proporcionar a sua contratação.

Segundo o mesmo autor, independentemente do tipo de *Scouting*, o mesmo é constituído por três fases: a fase de preparação, onde são definidos os objetivos; a fase de recolha de informação; e, por fim, a fase de análise da mesma.

Para Pedreño (2014) o *Scouting* é uma área abrangente e que implica a diferenciação de papéis atribuídos ao mesmo termo, onde existe sempre uma observação e análise, mas varia no objeto a ser estudado. O mesmo autor afirma que existem dois papéis a ser desempenhados:

- Analista de jogo: responsável pela observação e análise da própria equipa e do adversário, apresentando uma metodologia definida para este efeito;
- Prospetor: responsável por analisar individualmente jogadores realizando relatórios detalhados acerca do mesmo, para aumentar o conhecimento sobre o “mercado” e em última instância dar o aval positivo relativamente à intenção de aquisição deste.

Segundo Ventura (2013), o *Scouting* apresenta dois domínios que podem ser definidos da seguinte forma:

- Análise para o Rendimento
 - Análise e observação da própria equipa;
 - Análise e observação do adversário;
- Análise para a Prospeção
 - Prospeção de jogadores para os escalões de formação;
 - Prospeção de jogadores para o plantel sénior.

2.1.4. Relevância

É comum dizer-se que vivemos na designada “Era da Informação”. Na última década a informação tem sido um dos alicerces da evolução que o desporto em geral tem sofrido, permitindo – falando em termos de rendimento – a obtenção de feitos grandiosos e a superação de recordes que pareciam inatingíveis.

Por tudo o que já referimos anteriormente, a Observação e Análise de Jogo encontram-se intimamente ligadas à informação. De acordo com Ventura (2013), é cada vez mais recorrente e necessário os treinadores rodearem-se de especialistas nas mais variadas áreas de forma a recolherem informação acerca da própria equipa ou sobre adversários. Pedreño (2014) suporta a mesma ideia, afirmando que cada vez mais se verifica uma profissionalização crescente na vertente de observação e análise de jogo, sendo que atualmente grande parte das equipas profissionais integram nas suas equipas técnicas um analista.

O processo de observação e análise de jogo tem vindo a ganhar importância nos jogos desportivos coletivos de forma a garantir uma melhor compreensão dos constrangimentos colocados pelo jogo com o objetivo de aumentar a probabilidade de sucesso das equipas (Carling, Reilly & Williams, 2009).

Esta importância na procura de informação, quer da própria equipa, quer do adversário, é apoiada também por Comas (1991) e Garganta (2000), que afirmam que é impensável querer procurar o desenvolvimento do rendimento e conseqüente procura do resultado sem recorrer ao *Scouting*.

Segundo Ventura (2013), pensar no *Scouting* como apenas o observar dum jogo é minimizar e relativizar a sua importância, dado que é um processo complexo e que procura de forma objetiva desenvolver comportamentos dos jogadores e equipas. Isto é realizado através de três fases:

1. **Preparação:** consiste no planeamento de como, quem e na forma como a observação se vai desenrolar;
2. **Observação:** é onde se põe em prática tudo o que foi definido na fase anterior e que irá permitir extrair a informação pretendida;
3. **Análise de Informação – Planeamento:** é a fase em que é analisada a informação recolhida e onde é atribuído um significado à mesma de forma a ser pertinente para a preparação da equipa.

Como já foi referido anteriormente, a observação e análise torna-se pertinente para conhecer de forma mais aprofundada o adversário, assim como a própria equipa, também se revelando como um elemento de suporte chave ao planeamento do treino. Isso mesmo é defendido por Korcek (1981) que defende que a construção do microciclo deverá em certa medida partir da informação retirada do jogo (estrutura do movimento e da carga, zonas de intervenção predominantes, modelo e conceção de jogo).

Este argumento é também sustentado por Oliveira (1993); Oliveira Silva (2006); Lago (2008) que afirmam que a análise da própria equipa, assim como do adversário são elementos fundamentais para a regulação do processo de treino e que deve estar ligada ao trabalho diário da equipa de forma a identificar os pontos fortes (otimização) e os fracos (correção).

Segundo Garganta (1997); Silva, P., Castelo, J., Santos, P., (2011) a análise da performance da equipa utilizando como meio a observação e análise de jogo, possibilita estudar e interpretar quais as ações que promovem a qualidade de jogo, planear o processo de treino e estabelecer estratégias em função dos próximos adversários.

De acordo com Carling et al., (2005), o *Scouting* é muito mais complexo que uma simples observação, sendo uma ferramenta chave para o treinador, pois tem um papel fundamental no planeamento e preparação dos jogos num futuro próximo.

O mesmo autor define o ciclo de preparação para um jogo ou competição de uma equipa da seguinte forma:

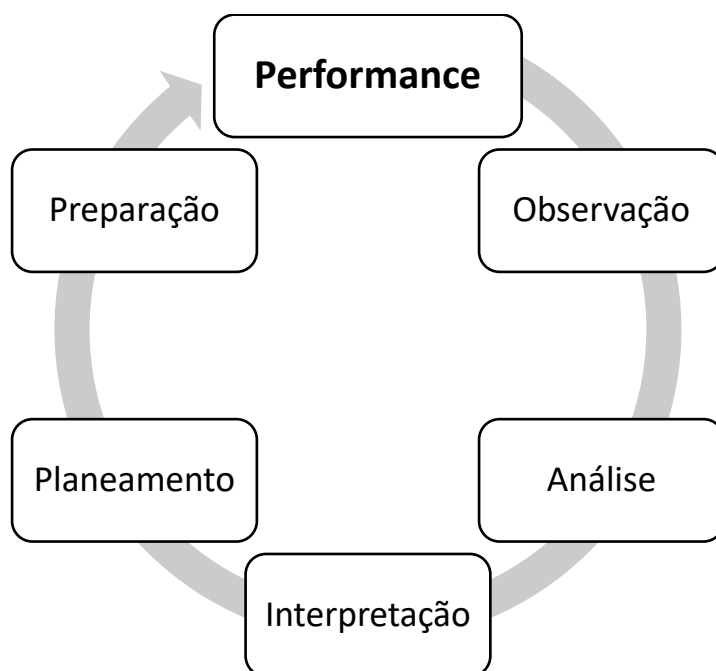


Figura 1 – Ciclo de preparação para competição. Carling et. al., (2005)

2.2. Procedimentos da Observação e Análise de Jogo

De acordo com Garganta (2001) o processo de preparação, recolha, tratamento e transmissão de informação proveniente do jogo é um aspeto cada vez mais fulcral na otimização do desenvolvimento-rendimento dos jogadores e consequentemente das equipas, sendo que desta forma os especialistas na matéria procuram desenvolver meios que permitam uma facilitação e otimização deste processo.

A análise do rendimento baseia-se no pressuposto de observar, analisar e dar significado à informação proveniente do processo de observação a um jogador ou equipa (Lee, 2011).

Segundo Carling, Reilly & Williams (2009), no processo de observação e análise torna-se fulcral definir o «quê» e o «porquê» da observação, decidindo que tipo de informação é que torna eficiente a incisão sobre o rendimento da equipa.

O processo de observação e análise na modalidade de futebol pode ser dividido em três vertentes (Ventura, 2013):

- Observação direta: é a análise ao jogo «*in loco*», onde o observador tem que se deslocar ao local da competição (implicando um conjunto de procedimentos logísticos prévios), de forma a retirar informações, não só sobre o jogo, mas também sobre o ambiente, condições de prática, entre outras variáveis;
- Observação indireta: consiste em analisar o jogo através de formato de vídeo, sem haver a necessidade de deslocação ao local da prática, sendo que este tipo de observação permite uma observação mais detalhada sobre a equipa a observar, derivado da possibilidade de manipulação do vídeo;
- Observação mista: consiste na junção das duas observações anteriormente descritas, retirando o melhor que ambas têm para oferecer, permitindo uma complementação entre estas. É o tipo de observação mais rigorosa e que permite uma melhor identificação das características do adversário;

De acordo com Ventura (2013), a todo este processo de recolha de informação, é necessário juntar ainda a utilização de outras plataformas e suportes tecnológicos de forma a complementar a informação recolhida, procurando dados sobre variáveis informativas relacionadas com o jogador (pé preferencial, altura, peso, etc..) ou com a equipa (lesionados, castigados, sistema tático mais utilizado, etc...).

Isso mesmo é suportado por Garganta (1997), que afirma que previamente ao processo de observação e análise, é necessária a identificação prévia de informações relacionadas com a equipa.

Segundo Ventura (2013), existem alguns parâmetros a ter em conta pelo observador e analista no momento de identificação e caracterização da equipa adversária:

1. Modelo de Jogo adversário;
2. Dinâmicas ofensivas e defensivas, incluindo os esquemas táticos;
3. As substituições mais frequentes e a forma como estas alteram a dinâmica da equipa;
4. A forma como a equipa se comporta consoante o resultado do jogo;
5. Padrões coletivos em função da realização do jogo em casa ou fora;
6. Caracterização dos jogadores referência.

Pedreño (2014) afirma que num relatório de observação a um adversário, este deve conter os seguintes parâmetros:

1. Análise da dinâmica de jogo, onde devem ser incluídos os quatro momentos do jogo mais os esquemas táticos;
2. Informação relativamente à análise individual do plantel;
3. Sistema de jogo mais frequente;
4. Descrição dos comportamentos padrão em cada fase e por sector;
5. Pontos fortes e fracos da equipa;
6. Apresentação da informação de forma sintetizada e resumida.

Capítulo III – Operacionalização do Estágio

III. Operacionalização do Estágio

Serão apresentadas ao longo deste capítulo as tarefas desempenhadas por mim no decorrer da época 2015/2016 como estagiário do Sport Lisboa e Benfica na área de Observação e Análise do Jogo. É importante voltar a frisar que as tarefas operacionais executadas se dividem em dois momentos:

1º momento (julho – setembro): Tarefas desempenhadas exclusivamente para a equipa principal;

2º momento (outubro – junho): Tarefas desempenhadas maioritariamente para equipa de juvenis B, juntamente com algumas tarefas para a equipa principal.

A descrição do trabalho operacional realizado iniciar-se-á com tarefas realizadas com o intuito de diagnosticar e aferir as capacidades momentâneas de observação e análise, assim como do entendimento sobre o jogo, passando pela formação recebida em diferentes softwares e ferramentas necessárias para o cumprimento de alguns dos objetivos definidos no plano anual de atividades. Serão também apresentadas as tarefas realizadas enquanto vídeo-analista estagiário da equipa principal, assim como dos juvenis B.

É importante ressaltar que nem todas as tarefas realizadas poderão ser mencionadas e algumas poderão não ser descritas de forma exaustiva, dado o grau de confidencialidade definido pelo departamento de observação e análise do Benfica LAB.

3.1. Tarefas de Diagnóstico

3.1.1. Relatório de Jogo

A importância do observador e analista de jogo no seio de uma equipa técnica tem vindo a ser vinculada ao longo do relatório e, como tal, podemos reafirmar que é de extrema importância que o elemento encarregue desta função possua um conhecimento abrangente acerca da modalidade, de forma a poder identificar os comportamentos táticos desejados pelo treinador para a própria equipa, assim como os padrões táticos da equipa adversária.

A primeira tarefa delegada pelo Benfica LAB na fase inicial do estágio tinha o objetivo de aferir os conhecimentos atuais dos estagiários relativamente à observação e análise de um jogo de futebol. Para este efeito, foi proposta a realização de um relatório

de jogo entre o Sport Lisboa e Benfica e o Sporting Clube de Braga, relativo à época de 2014/2015, onde o objetivo da observação e da análise do jogo se direcionava para as duas equipas (Anexo 1).

Esta tarefa implicou da minha parte uma pesquisa online de relatórios de jogo de outros observadores, para verificar como é que a informação era estruturada, dado que a minha experiência neste campo era pouca - a única vez que tinha realizado tarefas nesta área tinha sido na disciplina de Metodologia do Treino Específica.

Esta tarefa foi bastante pertinente, pois permitiu verificar o meu conhecimento e capacidade de construção de um relatório de jogo no momento inicial do estágio, mas também comparar o conhecimento e capacidade adquiridos no momento inicial e final do estágio.

3.1.2. Análise Crítica – Artigo Científico

A capacidade crítica é fundamental no observador e analista de jogo e neste sentido, fazendo um paralelo, foi-nos pedida a escolha de um artigo científico relacionado com a modalidade de futebol onde deveríamos proceder à sua leitura e posteriormente realizar uma reflexão crítica sobre o mesmo.

O artigo científico escolhido por mim para a realização da tarefa foi: *“The hidden foundation of field vision in English Premier League soccer players”*, dos autores Jordet, G., Bloomfield, J., Heijmerikx, J. (2013), cujo propósito passava por recolher informações com base nos melhores jogadores da Premier League, na forma como estes utilizam ações visuais exploratórias no decorrer do jogo e testar a relação entre este tipo de comportamento e a sua performance. Verificou-se que existe uma relação positiva entre as ações visuais exploratórias do jogador antes de receber a bola e o rendimento (taxa de sucesso na ação) quando este se encontra na posse da mesma. Verificou-se ainda que são os médios que utilizam de forma mais predominante este tipo de ação visual exploratória.

A realização desta tarefa permitiu posteriormente uma discussão com elementos do Benfica LAB acerca do tema, assim como algumas sugestões sobre a abordagem futura de artigos e a sua crítica, que foram úteis, por exemplo, no desenvolvimento do presente relatório.

3.2. Formação Específica

O período de formação específica foi um momento que se caracterizou essencialmente por tentar dotar o estagiário de todas as ferramentas necessárias à consecução das tarefas a serem realizadas ao longo da época desportiva. Estes conhecimentos foram transmitidos pelos elementos integrantes da área de observação e análise de jogo do Benfica LAB.

Num primeiro momento deu-se ênfase à elaboração do relatório de jogo, abordando a sua estrutura, a qualidade-quantidade de informação e a importância da relação terminológica entre treinador e observador/analista. Posteriormente, iniciou-se a vertente formativa no que diz respeito à tecnologia auxiliar que permite observar, analisar e transmitir informação pertinente acerca do jogo/treino, sendo que é importante ressaltar que o Benfica LAB possui um conjunto alargado de ferramentas e softwares de última geração e até, em certos casos, exclusivo.

Neste capítulo abordaremos os métodos, ferramentas e *softwares* em questão, onde será explicado de forma resumida qual o seu objetivo e a sua ligação com as tarefas operacionais realizadas ao longo da época desportiva.

3.2.1. Técnicas de Filmagem – Plano Aberto

A filmagem de um jogo de futebol a ser analisado por um vídeo-analista, é um dos elementos chave na qualidade final do relatório de jogo, dado que o tipo de filmagem utilizado irá permitir mais ou menos informação acerca da equipa a ser observada.

No caso das filmagens realizadas ao longo da época desportiva 2015-2016 na equipa de juvenis B, estas foram realizadas sempre em plano aberto. Este tipo de filmagem permite recolher o máximo de informação possível nos diferentes momentos do jogo, dado que o foco da filmagem centra-se na bola e na disposição espacial dos jogadores (em função da equipa a observar) consoante a zona em que se encontra a bola e o momento do jogo, enquanto que o tipo de filmagem utilizado pelas transmissões televisivas se centra quase exclusivamente no centro do jogo, dado que o objetivo desta passa pelo entretenimento do consumidor.

Explicando mais aprofundadamente, utilizaremos duas imagens onde é possível verificar estes dois tipos de filmagens (Figuras 2 e 3):



Figura 2 - Filmagem em Plano Aberto – Benfica LAB



Figura 3 - Filmagem para Transmissão Televisiva

A primeira figura corresponde a um tipo de filmagem em plano aberto, enquanto que a segunda diz respeito a uma filmagem de transmissão televisiva. Apesar de as duas imagens pertencerem a jogos diferentes, o facto de a bola estar em zonas semelhantes nas duas imagens permite aferir a diferença entre as filmagens. Verificamos, por exemplo, que na filmagem em plano aberto é-nos permitido observar distâncias intra e inter-sectoriais, sendo que isto não é passível de ser verificado na imagem resultante da transmissão televisiva devido a um maior «zoom in» à zona onde se encontra a bola.

Abordando mais especificamente a tipologia de filmagem em plano aberto, que é o tipo padrão utilizado pelo Benfica LAB, esta requer alguns procedimentos antes e durante a mesma, de forma a termos um resultado final preciso e rigoroso. Passamos a descrever os fatores que influenciam a qualidade da filmagem em plano aberto:

- A câmara de filmar deve ficar num plano elevado e próximo da linha de meio campo;
- Ter atenção à calibração do tripé, de forma a termos uma manipulação fluída da câmara, quer no plano horizontal quer vertical;
- Necessidade de «*zoom in*» no decorrer do jogo e em momentos em que a bola se aproxima da linha lateral contrária à qual onde nos encontramos instalados, assim como quando esta se aproxima da grande área;
- Os esquemas táticos necessitam de alguma fluidez na manipulação do *zoom*, sendo que normalmente devemos focar o jogador que irá executar o canto ou livre e depois focar a filmagem na zona onde se encontram os restantes jogadores para defender ou atacar o mesmo.

Fazendo um resumo da minha experiência no que diz respeito a filmagens (essencialmente de jogos para o campeonato distrital), nem sempre tive a oportunidade de poder realizar as mesmas nas melhores condições, pois visitámos alguns campos que não possuíam essas mesmas condições. Apesar disso, essa circunstância permitiu desenvolver a minha capacidade de adaptação e improviso, facto que me permitiu imediata evolução.

3.2.2. *Sports Analyzer*

O *Sports Analyzer* é um *software* de apoio idealizado pelo Benfica LAB e criado pela Direção de Sistemas Informáticos do Sport Lisboa e Benfica que permite desenhar situações reais do jogo, como movimentações padrão ou esquemas táticos das equipas em modelos 2D permitindo posteriormente exportar o trabalho em formato de imagem.

3.2.3. *Longomatch*

O *Longomatch* é um software gratuito, disponível para download na internet e que essencialmente dá a possibilidade ao utilizador de criar sistemas de observação de forma a catalogar o jogo de forma sequencial.

Eu já tinha alguma experiência na utilização do *software* em questão, derivado de um trabalho de observação e análise para a disciplina de Metodologia do Treino Específica, sendo que a formação recebida na fase inicial por um elemento do Benfica LAB acerca da aplicação em questão serviu como complemento.

Esta foi uma das ferramentas com mais utilização da minha parte ao longo da época desportiva, utilizada esporadicamente para efetuar “cortes” nas filmagens dos treinos. A maior frequência de utilização esteve relacionada com a catalogação de eventos referentes aos jogos para o campeonato distrital. Relativamente ao último ponto, foi criado no início da época um sistema de catalogação padrão para ser utilizado com a filmagem dos jogos do campeonato, de forma a catalogar eventos por momento de jogo (organizações, transições e esquemas táticos) para posteriormente estes serem exportados em formato de vídeo (sendo agrupados e compilados com o *Adobe Premiere Pro*) com o fim de servir de suporte para a análise da partida e consequente criação do relatório de jogo para ser entregue ao Benfica LAB e ao treinador do escalão onde eu estava inserido.

3.2.4. *Adobe Premiere Pro*

O *Adobe Premiere Pro* é um dos *softwares* de edição de vídeo utilizados pelo Benfica LAB, sendo que durante o período inicial do estágio recebemos a formação necessária para a consecução das tarefas operacionais que necessitavam da utilização desta aplicação.

A utilização operacional deste software ao longo da época desportiva prendeu-se essencialmente com a compilação dos momentos do jogo catalogados e exportados pelo *Longomatch*, referente ao campeonato distrital, num único ficheiro de vídeo referente a cada momento, nomeadamente Organização Ofensiva, Organização Defensiva, Transição Ofensiva, Transição Defensiva, Esquemas Táticos Ofensivos e Esquemas Táticos Defensivos. Além da realização da tarefa descrita anteriormente, este *software*

foi utilizado ainda de forma esporádica para editar e compilar ações individuais de determinados jogadores num contexto de treino e jogo. Esta aplicação permite realçar o clip de vídeo com vários tipos de marcação, como círculos, linhas, setas, entre outras formas.

A formação no *software* em questão foi importante para o enriquecimento curricular pessoal, assim como para conseguir realizar as tarefas operacionais interligadas à utilização do mesmo, de forma a garantir a consecução das tarefas com o rigor e qualidade exigidos pelo Benfica LAB.

3.2.5. *Datastrax*

Este é um *software* que unicamente o Sport Lisboa e Benfica possui. É um sistema de *tracking*, que através de oito câmaras colocadas especificamente no Estádio da Luz, oferece a possibilidade de monitorizar e receber dados em tempo real de todos os jogadores que se encontram em jogo. Os dados fornecidos são de cariz técnico, tático e físico.

Sendo este um sistema exclusivo do SL Benfica, tive de receber a formação necessária para poder exercer corretamente as funções afetas ao mesmo, dado que desconhecia por completo a existência deste *software*. Desta forma, foi-nos transmitido conhecimento sobre o sistema num momento prévio ao jogo definido (conhecimento geral), assim como no dia da partida (*tracking*) e no dia seguinte à mesma (*repair*).

3.2.6. Simulador 360s

O simulador 360s é um sistema alternativo de treino, construído com o intuito de desenvolver aspetos técnicos, táticos e físicos nos jogadores, permitindo ainda auxiliar o processo de recuperação de lesões. Este sistema serve de suporte às equipas de formação e profissionais do SL Benfica e permite a criação de vários cenários de ação interligados com o jogo.

Relativamente ao aspeto formativo no simulador, não recebemos formação acerca do manuseio do sistema, mas sim acerca da sua forma de funcionamento, dado que no momento do estágio este era um sistema relativamente recente e ainda se encontrava em fase de testes.

3.3. Tarefas Operacionais

Ao longo da época desportiva, convém lembrar que as tarefas que realizei se dividiram em dois momentos. Numa primeira fase comecei por ser integrado em tarefas afetas unicamente à equipa principal do SL Benfica, sendo que posteriormente, e surgindo a oportunidade de desempenhar o papel de vídeo analista da equipa de Juvenis B, aceitei a mesma como forma de aumentar a área de intervenção-conhecimento. Desta forma, passei a desempenhar algumas tarefas comuns a todos os estagiários referentes à equipa principal, juntamente com tarefas operacionais diárias dos Juvenis B.

Rendimento e Desenvolvimento são dois termos que permitem definir as tarefas desempenhadas nas duas equipas. No caso da equipa principal o papel do observador e analista de jogo centra-se na própria equipa assim como nos seus adversários, com intuito de garantir a melhor preparação possível para os jogos futuros, enquanto que no escalão de Juvenis B, a maior preocupação passa pelo desenvolvimento integral dos jogadores de forma a garantir que tenham as condições necessárias para no futuro integrar as equipas profissionais do clube.

De seguida serão apresentadas as tarefas realizadas durante o período de estágio. Numa primeira fase abordaremos as tarefas operacionais afetas à equipa principal e de seguida serão descritos os trabalhos realizados para a equipa de Juvenis B, terminando com as tarefas complementares.

3.3.1. Tarefas Operacionais – Equipa Principal

As tarefas operacionais desempenhadas neste capítulo, tal como é indicado no título, dizem respeito unicamente à equipa principal do SL Benfica. Este período teve a duração de aproximadamente três meses, em que trabalhei diariamente com o José Pedro Silva e o Duarte Belchior (estagiários ligados unicamente à equipa principal), além dos elementos integrantes da estrutura do Benfica LAB. Na fase inicial do estágio, o grupo de estagiários da área de observação e análise de jogo era composto por seis elementos, sendo que foi pedido pelo Benfica LAB para definirmos entre nós o escalão a que pretendíamos estar ligados, acabando por haver consenso nas escolhas. Acabei por ficar na equipa que pretendia. Optei por estar ligado à equipa técnica principal de forma a obter conhecimento sobre o dia-a-dia e todo processo inerente ao treino e observação

de jogo numa equipa com grande dimensão mundial como é o caso do Sport Lisboa e Benfica.

De seguida, serão apresentadas as tarefas desempenhadas ao longo deste período de tempo, sendo que é importante voltar a referir que não será possível apresentar algumas delas devido a questões de confidencialidade para com o Benfica LAB.

3.3.1.1. Equipas Tipo

Baseia-se num documento onde é recolhida a informação individual e coletiva sobre as equipas a defrontar nos jogos seguintes pelo SL Benfica nas competições em que o clube estava inserido, nomeadamente: Liga NOS, Taça de Portugal, Taça CTT e UEFA Champions League.

Já existia um documento para esta tarefa criado pelo grupo de estagiários de anos transatos e permitia adicionar as seguintes informações:

- Últimos resultados da equipa;
- Sistema tático mais utilizado;
- Equipa Tipo;
- Classificação;
- Treinador;
- Jogadores lesionados ou indisponíveis;
- Informação sobre os jogadores;
 - Nome;
 - Posição;
 - Pé preferencial;
 - Número da camisola;
 - Número total de jogos disputados e minutos por competição;
 - Número de cartões amarelos e vermelhos;
 - Número de golos.

No entanto, enquanto grupo de estagiários, fomos incentivados a pensar sobre a estrutura do documento e rentabilizar ainda mais o mesmo, e desta forma, sem querer descurar o excelente trabalho realizado pelo grupo responsável pela criação do mesmo, realizámos algumas alterações:

- Jogadores em risco de suspensão;

- Número de assistências por jogador;
- Informação sobre a forma como a equipa marca golos;
- Número de vezes que o jogador foi suplente utilizado, de forma a ter noção das substituições mais comuns.

A recolha da informação necessária para a consecução desta tarefa centrou-se principalmente em jornais desportivos quando o adversário pertencia à Liga NOS, Taça de Portugal e Taça CTT, recolha de vídeos e através da internet, que foi um dos veículos informativos mais utilizados quando o adversário pertencia à *UEFA Champions League*.

3.3.1.2. Estratégia Posicional Adversária

A análise dos esquemas táticos das equipas adversárias é um processo que permite dar a conhecer à equipa técnica principal os pontos fortes e fracos na vertente ofensiva e defensiva do próximo opositor, de forma a que exista a melhor preparação possível para precaver situações de perigo, assim como rentabilizar a criação de oportunidades de golo a partir destes momentos.

A análise era realizada de forma indireta, dado que ao invés da observação ser realizada «*in loco*», a mesma era efetuada através de vídeos recolhidos por elementos do Benfica LAB, quer ao vivo, quer através de registo televisivo. Como já foi dito, a análise destes momentos divide-se em duas fases, onde eram observados:

- Esquemas Táticos Ofensivos
 - Pontapés de canto;
 - Livres;
 - Lançamentos de linha lateral;
 - Grandes penalidades;
- Esquemas Táticos Defensivos
 - Pontapés de canto;
 - Livres;
 - Lançamentos de linha lateral;
 - Grandes penalidades.

A observação e análise destes momentos centrava-se nos comportamentos e características dos jogadores adversários, desde o tipo de marcação realizada e as

referências utilizadas, movimentações e posicionamentos. Além desta análise, era realizado ainda um esquema com as situações onde verificávamos um padrão através da repetição e que tivessem permitido a criação de situações de finalização. Para passar a ideia para um suporte digital, o *software* utilizado foi o Sports Analyzer, sendo que após o término da tarefa, a informação era recolhida e transmitida à equipa técnica.

3.3.1.3. Observação ao Adversário «in loco»

A observação direta é essencial para os treinadores, pois permite uma visão mais ampla sobre a equipa e a forma de estar no jogo, assim como sobre alguns fatores externos, como por exemplo o tamanho e qualidade do campo, o ambiente, o tipo de iluminação existente, entre outras variáveis.

Ficou definido no período inicial do estágio que cada estagiário teria pelo menos uma oportunidade de experienciar uma observação «*in loco*», sendo que no meu caso o jogo definido para tal efeito foi o G.D. Estoril Praia vs. Moreirense F.C., referente à 2ª jornada da Liga NOS 2015/2016. É importante referir que o foco da observação se centrou efetivamente no Moreirense F.C.

O objetivo desta tarefa passava por realizar a observação direta da equipa definida, com um elemento do Benfica LAB que ficaria responsável pela filmagem em plano aberto para posterior análise e complemento das notas tiradas no local. Após a observação, a informação retirada da partida deveria ser compilada num relatório de jogo, havendo a necessidade de ao mesmo juntar todos os procedimentos logísticos afetos à globalidade da tarefa (Anexo 2).

Tivemos a liberdade necessária no que diz respeito à criação da estrutura do relatório de jogo. O relatório efetuado por mim foi constituído pelos seguintes pontos:

- **Primeira página:** anotação das informações referentes ao campeonato, jornada, estádio, árbitro, assim como a descrição estatística da equipa na partida em termos de jogadores utilizados, substituições, cartões, golos e assistências;
- **Segunda e terceira páginas:** descrição da organização da equipa na partida em questão, quer relativamente ao sistema tático inicial e variações ao longo do jogo, quer no que diz respeito à estruturação da mesma nos vários momentos do jogo (Organizações, Transições e Esquemas Táticos);

- **Quarta página:** resumo dos pontos chave da equipa, assim como a descrição dos procedimentos logísticos afetos ao processo antes/durante/após a observação «*in loco*».

Esta experiência foi bastante enriquecedora, pois permitiu perceber como funciona o processo, começando pela preparação da viagem (preparação prévia de conhecimento da equipa, definição do material necessário, solicitação de bilhetes, entre outras variáveis) e, acima de tudo, a forma de estar durante a observação, assim como a atuação após a mesma. Abordando o objetivo da tarefa, a observação e análise «*in loco*», uma das maiores dificuldades foi manter a concentração durante a totalidade do tempo de jogo, pois mesmo quando a partida estava parada, existia informação a ser retirada, quer nas indicações fornecidas pelo treinador ou indicadores corporais dos jogadores que podiam transmitir informação acerca da sua forma de estar para o jogo naquele momento.

Finalizando, esta foi uma experiência importante e complementar, que serviu para comparar a observação «*in loco*» com o registo em vídeo, de forma a verificar os pontos fortes e fracos dos dois tipos de observação.

3.3.1.4. Datatrax

A utilização do *Datatrax* divide-se em duas fases:

- *Tracking*: O *tracking* do jogo é realizado em tempo real e consiste na supervisão do sinal atribuído a cada jogador pelas câmaras. Este processo exige a colaboração de vários recursos humanos, sendo que por norma cada pessoa é responsável por supervisionar e evitar trocas de sinais de 2-3 jogadores, através de um constante acompanhamento do movimento do jogador atribuído no campo e no sistema de *tracking*;
- *Repair*: Consiste na procura e correção dos dados emitidos pelo sistema de *tracking*, corrigindo trocas de sinais e momentos em que o sistema não conseguiu captar o movimento do jogador. Este processo normalmente era efetuado no dia seguinte ao jogo e é importante para garantir ao máximo a fiabilidade dos dados, pelo que após o término do processo do *repair*, os mesmos são compilados e entregues à equipa técnica principal.

Apesar de todas as possibilidades permitidas por este sistema, o mesmo possui algumas limitações. Uma delas é que só é passível de ser utilizado em jogos realizados no Estádio da Luz, dado que se encontra montado numa estrutura fixa. Outra, é que por vezes o sinal dos jogadores desaparece por momentos durante o jogo, sendo que o processo de *repair* também revela alguma morosidade na correção dos dados.

Ao longo do estágio, tive a oportunidade de experienciar este tipo de tarefa nos seguintes jogos:

Tracking

- G.D. Estoril Praia – 1ª Jornada da Liga NOS – 16/08/2015
- C.F. “Os Belenenses” – 4ª Jornada da Liga NOS – 11/09/2015
- A. Académica de Coimbra – 12ª Jornada da Liga NOS – 04/12/2015
- S.C. Braga – Meia Final da Taça CTT – 02/05/2016

Repair

- C.F. “Os Belenenses” – 4ª Jornada da Liga NOS– 11/09/2015
- A. Académica de Coimbra – 12ª Jornada da Liga NOS– 04/12/2015
- F.C. Porto – 22ª Jornada da Liga NOS – 12/02/2016
- F.K. Zenit – 1ª mão dos Oitavos de Final da Liga dos Campeões – 16/02/2016
- S.C. Braga – Meia Final da Taça CTT – 02/05/2016

3.3.2. Tarefas Operacionais – Juvenis B

Os Juvenis B eram o único escalão até à data (a partir dos sub-15) que não tinham um elemento afeto à vertente de observação e análise de jogo, pelo que a estrutura Benfica LAB sentiu a necessidade de haver um recurso humano a dar suporte à equipa. Deste modo, dentro do grupo de estagiários ligados à equipa principal, foi sugerida a divisão das tarefas relativamente a esta equipa. Por já ter tido a oportunidade de experienciar e obter conhecimento proveniente de algumas tarefas realizadas para a equipa principal, abordei os colegas no sentido de verificar a possibilidade de ficar com todas as tarefas dos Juvenis B, ficando afeto à mesma, sendo que o pedido foi aceite e a partir do início de outubro até ao início do mês de junho desempenhei o papel de observador e analista de jogo dos Juvenis B.

Teria assim oportunidade de integrar uma equipa técnica, estar mais próximo do processo de treino, assim como desempenhar tarefas que eram desconhecidas por mim até à data e que permitiriam evoluir o meu conhecimento específico acerca da modalidade.

A equipa técnica dos Juvenis B referente à época 2015/2016 era constituída pelos seguintes elementos:

- **Treinador principal:** Luís Araújo;
- **Treinadores adjuntos:** João Oliveira, Nuno Oliveira e Sr. Adolfo Calisto;
- **Treinador de guarda redes:** Miguel Miranda;
- **Fisiologista:** Gonçalo Trindade;
- **Massagista:** José Miguéis.

No momento inicial, aquando a entrada neste novo escalão, houve uma reunião entre a minha pessoa, o responsável pelo estágio do Benfica LAB, Nuno Maurício, e o treinador principal, Luís Araújo, de forma a definir as guidelines de orientação para a função a desempenhar. Fui informado acerca das normas definidas pelo treinador principal relativamente à forma de estar, aos horários a cumprir relativamente aos treinos e aos procedimentos relacionados com o relatório de jogo.

3.3.2.1. Filmagem de Jogos e Treinos

A gravação das sessões de treino através de suporte de vídeo constitui uma ferramenta essencial para analisar o desempenho do jogador/equipa na medida em que, a partir da mesma, possibilita desenvolver estratégias para incrementar a qualidade do trabalho. Neste sentido, uma das responsabilidades impostas à minha pessoa como vídeo analista de jogo dos Juvenis B, passou por fazer a gravação em vídeo de todos os jogos e treinos da equipa.

Relativamente à filmagem dos jogos da equipa referentes ao campeonato distrital, com mais ou menos dificuldades fui capaz de filmar grande parte dos jogos, à exceção do jogo referente à 10ª jornada na casa do S.C.U. Torreense devido às condições climáticas que não permitiram a realização da tarefa.

A filmagem dos jogos foi realizada sempre em plano aberto, sendo um processo que envolvia algum trabalho prévio de forma a ter o material operacional no dia do jogo. No

que diz respeito ao material, utilizávamos uma câmara de filmar e um tripé, ambos com a qualidade necessária para o efeito. Para ter este material operacional no dia do jogo, no dia anterior tínhamos alguns procedimentos padrão, que passavam por verificar se o mesmo estava funcional, se a câmara tinha bateria suficiente e se o cartão de memória tinha espaço suficiente para a gravação. Em relação às filmagens dos jogos fora de casa, nos escalões que disputam o campeonato nacional, por vezes há a necessidade de pedir autorização prévia para realizar a filmagem do jogo, sendo que no caso deste escalão e também por tratar-se de um campeonato distrital nunca houve essa necessidade.

Abordando as dificuldades inerentes ao processo de filmagem dos jogos, os maiores obstáculos prenderam-se essencialmente com as condições climatéricas, dado que o material de filmagem não é à prova de água e quando jogávamos fora de casa, alguns dos campos não eram cobertos, o que dificultava a tarefa, pois havia sempre o risco de chover e a filmagem ser interrompida ou nem acontecer. Outra dificuldade, também inerente aos jogos fora de casa, prendia-se com a estrutura física dos campos, dado que nalguns deles, por não existir um local que permitisse uma filmagem num plano minimamente elevado e centrado, a filmagem não ficava com a qualidade. Tal resultou em algumas filmagens com planos quase ao nível do campo ou filmagens em zonas próximas da linha de uma da grande área.

Relativamente à filmagem dos treinos, foi realizada a filmagem de todos, com exceção daqueles em que as condições climatéricas não permitiam, dado que o campo mais frequentemente utilizado pela equipa não possuía cobertura. A preparação para a filmagem do treino começava cerca de uma hora antes do mesmo, através de diálogo, quer com o treinador principal, quer com os seus adjuntos, acerca da estrutura do treino. A ideia era perceber se havia algum foco específico para centrar a filmagem durante o mesmo. Após a filmagem do treino, o material era arrumado na sala de observação e o ficheiro do treino transferido para o computador. Caso fosse pedido algum clip de vídeo referente ao treino, o mesmo era cortado através do *Longomatch*, editado com o *Adobe Premiere* e posteriormente enviado ao treinador principal.

3.3.2.2. Editar, Exportar e “Cortar” o Jogo

Após a realização da filmagem do jogo, o próximo passo passava por editar, exportar e cortar os cliques necessários à realização do relatório de jogo. Neste sentido, e dado que a filmagem do jogo ficava em dois ficheiros de vídeo diferentes (1ª e 2ª parte), o mesmo era compilado num só. Procedia-se ainda à junção de uma imagem-capa, introdução de um timecode e do logotipo do Benfica LAB, para então ser exportado pelo *Adobe Premiere*. Após este processo, utilizávamos o *Longomatch* para realizar os cortes necessários por momento do jogo, tal como já foi referido anteriormente, sendo este um procedimento necessário à realização do relatório de jogo. Desta forma, os eventos aos quais era dado ênfase para integrarem o relatório, eram compilados por momento de jogo (organizações, transições e esquemas táticos) para serem transmitidos ao treinador como confirmação do que foi escrito.

3.3.2.3. Análise do Desempenho da Equipa – Relatório de Jogo

Terminado o processo de edição, exportação e cortes por momento de jogo, já tínhamos em nossa posse as ferramentas necessárias para a construção do relatório referente ao jogo. A construção e entrega do relatório era feita por duas fases, em que numa primeira instância era dada atenção à parte qualitativa (a ser entregue antes do primeiro treino semanal) e posteriormente a vertente quantitativa (a ser entregue antes do penúltimo treino).

3.3.2.3.1. Análise Qualitativa

A análise qualitativa do jogo resume-se à verificação e comparação de ações coletivas e individuais entre o de treino e jogo, onde basicamente procurávamos verificar se os comportamentos solicitados ao longo das sessões de treino estavam a ser aplicados na competição ou não, e, neste caso, tentar perceber o porquê de tal situação. Para desempenhar esta análise com sucesso existem dois fatores que a meu ver são determinantes: conhecimento sobre a modalidade e conhecimento sobre o modelo de jogo da equipa e os seus jogadores. O conhecimento do modelo de jogo da equipa foi-me facultado pelo treinador principal, de forma a interiorizar os objetivos propostos

para a mesma. Com o tempo, fomos incrementando o conhecimento quer sobre o jogo, quer sobre os jogadores.

O trabalho qualitativo de observação e análise consistia em “partir” o jogo em seis momentos e a partir daí analisar cada um deles, apontando os pontos positivos e negativos verificados em função da fase em que determinada ação foi apontada. Esta análise dividia-se em:

- **Organização ofensiva:** apontadas as ações coletivas e individuais mais frequentes ou relevantes nos diferentes momentos da fase em questão (1ª fase de construção, 2ª fase de construção, fase de criação de situações de finalização);
- **Organização defensiva:** registadas as ações coletivas e individuais mais frequentes ou relevantes nos diferentes momentos da fase em questão (1ª fase de recuperação, 2ª fase de recuperação);
- **Transição ofensiva:** assinaladas as ações coletivas e individuais mais frequentes ou relevantes nos diferentes momentos da fase em questão (1ª fase de recuperação, 2ª fase de recuperação);
- **Transição defensiva:** apontadas as ações coletivas e individuais mais frequentes ou relevantes nos diferentes momentos da fase em questão (zona de construção, zona de criação);
- **Esquemas táticos ofensivos:** analisado o comportamento da equipa nos cantos, livres, lançamentos e grandes penalidades ofensivas;
- **Esquemas táticos defensivos:** analisado o comportamento da equipa nos cantos, livres lançamentos e grandes penalidades defensivas.

Relativamente à observação e análise em si, para a consecução da mesma, o processo operacional passava por observar algumas vezes todos os clips de vídeo referentes a um momento do jogo de forma sequencial. Pretendia-se a assimilação de algumas ações mais frequentes ao longo do jogo, para posteriormente analisar detalhadamente cada uma delas. As ações registadas tinham obrigatoriamente que ser pertinentes, de forma a evitar excesso de informação a ser transmitida na vertente qualitativa do relatório. É importante referir que cada ação observada e referida na vertente qualitativa do relatório de jogo se fazia acompanhar pelo clip referente à mesma, de forma a que o treinador tivesse uma referência visual do acontecimento.

Como já foi referido anteriormente, esta vertente do relatório de jogo normalmente era entregue antes do primeiro treino semanal, de forma a que o treinador obtivesse informações sobre a forma como a equipa se apresentou no jogo anterior.

3.3.2.3.2. **Análise Quantitativa**

No processo de análise quantitativa, o ênfase é dado em grande parte à contabilização de ações, quer individuais quer coletivas, permitindo ao treinador ter dados que suportam e confirmam alguns dos apontamentos referidos na vertente qualitativa. De seguida, serão apresentadas as variáveis padrão analisadas por jogo, assim como a sua descrição:

- **Perdas e recuperações de bola:** considerávamos como perda de bola quando a equipa perdia a sua posse, sendo que se um jogador perdesse a mesma, mas o adversário não ficasse com ela controlada, não era considerado. Relativamente às recuperações, a lógica era a mesma;
- **Cruzamentos:** eram considerados todos os cruzamentos realizadas no jogo, quer pelo adversário quer pela própria equipa, pois ambas as variáveis representam informação pertinente. Desta forma, apenas considerávamos os cruzamentos que efetivamente chegavam à grande área. Era registado o jogador que efetuou o mesmo, a zona de onde este saiu, a zona onde chegou (1 ou 2º poste, meio da baliza ou atrasado), tipo de cruzamento (rasteiro ou pelo ar) e a sua conclusão (cabeceamento, remate, interceção, sem finalização, bola para fora, autogolo ou golo);
- **Remates:** nesta variável tínhamos em consideração os remates efetuados pela própria equipa, assim como pelo adversário, sendo registado o jogador que efetuava o mesmo, a zona, o antecedente (ação individual, cruzamento, bola perdida, passe de rutura, esquema tático), o tipo (finalização com a cabeça ou pé) e a sua conclusão (fora, intercetado, defesa, poste/barra, autogolo ou golo).

Relativamente às perdas e recuperações, era contabilizado o número de ações consoante a zona do campo. Nas perdas de bola tínhamos como limites espaciais a zona de construção, 1ª fase de preparação, 2ª fase de preparação e zona de decisão. Nas

recuperações, a zona defensiva, zona de pressão, 1ª fase de recuperação, 2ª fase de recuperação e zona defensiva.

É importante referir que em cada uma das variáveis referidas anteriormente era anexada a devida ilustração gráfica realizada através do *Sports Analyzer*.

Nos escalões de Iniciados, Juvenis A e Juniores eram analisadas, além destas, outras variáveis quantitativas (faltas, cartões, matriz de passes, passes verticais). Dado que eu era o único a desempenhar este tipo de funções no escalão de juvenis B, o número de variáveis a observar teve de ser reduzido de forma a conseguir ter o tempo necessário para entregar os trabalhos a tempo.

3.3.2.4. Catalogação de Exercícios de Treino

Uma das tarefas a realizar referente ao escalão em questão era a catalogação dos exercícios de treino, tarefa que faz parte do controlo do mesmo. Num documento padrão criado pelo Benfica LAB, tínhamos que descrever e ilustrar os exercícios de treino, que continham a seguinte informação:

- Informações gerais: (data, local, hora, campo, entre outros);
- Jogadores disponíveis/indisponíveis;
- Descrição e objetivos dos exercícios;
- Ilustração dos exercícios.

O objetivo da catalogação dos exercícios passa por digitalizar a informação, assim como permitir a quantificação do tempo de treino em cada categoria, sendo que esta tarefa é realizada em todos os escalões. Esta tarefa permitiu-me aumentar o conhecimento no que diz respeito a exercícios de treino e, acima de tudo, perceber os seus objetivos e propósitos.

3.3.2.5. Análise Individual e Coletiva da Equipa

Outra das tarefas que surgiram com o desenrolar da época desportiva, foram as análises individuais e coletivas da equipa através de suporte de vídeo. Esta tarefa surgia a pedido do treinador principal, que através do ficheiro de vídeo do treino ou jogo, requeria ações individuais (todas as ações em que o atleta em questão entrava em contacto com a bola) de um determinado jogador ou ações coletivas (por exemplo, verificar a distância intersectorial entre a linha defensiva e média) de forma a poder ter um suporte que permitisse ao destinatário visualizar a informação pretendida.

3.4. Tarefas Complementares

3.4.1 Biblioteca Virtual

Uma das tarefas complementares ao trabalho diário consistia em atualizar um documento denominado de Biblioteca Virtual que tinha sido criado por um grupo anterior de estagiários e que servia como base de dados para artigos, vídeos, entrevistas e jornais, divididos em duas categorias: ‘A evolução do futebol’ e ‘Observação e análise’.

Numa fase inicial, antes de pesquisar novos elementos para adicionar à biblioteca, o nosso grupo de estagiários teve de realizar uma filtragem na base de dados, confirmando que todo o material que lá estava ainda se encontrava online, acabando por apagar os links que já não funcionavam. Além do objetivo de verificação do estado do material, esta tarefa permitiu conhecer muita da informação introduzida do ano anterior.

Relativamente ao conteúdo a inserir na base de dados, quando encontrávamos algum elemento pertinente que se enquadrava nas duas categorias que compunham o repositório, o mesmo era inserido, colocando:

- Autor;
- Palavras-chave;
- Fonte;
- Ano de publicação;
- Nome do estagiário;
- Mês em que foi inserido na biblioteca.

Resumindo, na época desportiva 2015/2016 o grupo de estagiários adicionou à biblioteca virtual 42 referências na categoria de observação e análise (perfazendo um total de 175) e 12 sobre a evolução do jogo (total de 181).

3.4.2 Análise de situações de golo – Equipas de Elite Europeia

De forma a atingir patamares de excelência, o Benfica LAB, no desenvolvimento das suas atividades, procura obter informações sobre um conjunto de equipas europeias, denominadas de elite, com o principal objetivo de ficar a conhecer de forma aprofundada o modo como estas criam as suas oportunidades de golo e como as concedem. Deste lote, foi atribuída uma equipa a cada um dos estagiários, com o intuito de realizar esta análise.

Para além do conhecimento específico obtido com esta tarefa, esta tinha outra relevância. Caso o SL Benfica conseguisse ultrapassar a fase de grupos da Liga dos Campeões (situação que se verificou), poderia eventualmente enfrentar uma destas equipas e, desta forma, haveria informação pertinente sobre as mesmas.

Para a recolha dos dados, foi concebido através dos elementos do Benfica LAB um sistema de eventos que continha os seguintes critérios:

- Zona onde a bola foi recuperada (campograma com 12 zonas);
- Forma de ataque (organização ofensiva/defensiva, transição ofensiva/defensiva e esquemas táticos);
- Número de passes realizados (até à finalização);
- Zona onde se deu a finalização (último setor dividido em 10 zonas);
- Tempo do ataque (até à finalização);
- Assistência (cruzamento, passe, bola de ressalto ou ação individual);
- Parte do corpo utilizada para finalizar;
- Resultado do ataque (golo, defesa do guarda redes, poste/barra, fora, autogolo, intercetado, golo anulado, s/finalização).

Os jogos utilizados para extrair os dados diziam respeito ao campeonato onde a equipa estava inserida, assim como as partidas para a Liga dos Campeões. Os dados recolhidos podiam ser atualizados no máximo num período mensal.

3.4.3 Trabalho de investigação – Análise do Golo

Esta tarefa diz respeito ao projeto de investigação criado pelo Instituto Superior de Ciências Educativas (ISCE) com o Benfica LAB, cujo objetivo passava pela análise de situações de jogo que resultaram em golo, sendo que durante o processo foram analisados 557 golo referentes as 10 equipas europeias afetas às Ligas Portuguesa, Espanhola, Inglesa e Alemã.

É importante referir que foram apenas considerados os golos nos quais é possível verificar a zona onde se verificou a recuperação da posse de bola, sendo que o instrumento observacional para este efeito se denominava de Sistema de Observação do Golo e tinha sido criado pelos responsáveis do projeto do ISCE. Este sistema de observação continha os seguintes critérios:

- Forma de recuperação da bola;
- Zona da recuperação da bola;
- Zona do último passe para finalização;
- Método para obtenção do golo;
- Forma de obtenção do golo;
- Zona de finalização.

Após os testes de intra-inter fiabilidade entre observadores, foi iniciada a recolha dos dados através do software ‘Lince’, sendo que os vídeos foram facultados para este efeito pelo Benfica LAB. Nós enquanto grupo de estagiários e como já foi dito anteriormente ficámos responsáveis pela recolha da informação, enquanto que o tratamento da mesma ficou a cargo dos responsáveis do ISCE.

Concluindo, este estudo foi publicado com o nome “Análise do Golo em Equipas de Elite de Futebol na Época 2013-2014” (Santos, Mendes, Maurício, Furtado, Sousa & Pinheiro, 2016).

3.4.4. Geração Benfica

A possibilidade de intervir na Geração Benfica – Escola de Futebol foi uma oportunidade que me foi apresentada, a qual encarei como um desafio aliciante e que me permitiria obter valências ao nível do treino, que era algo que ambicionava.

Esta tarefa foi desenvolvida todos os sábados de cada mês entre as 08:30 e as 14:00 e o meu papel passava por auxiliar o treinador principal, o Mister Paulo Lourenço, no processo de treino das quatro turmas atribuídas ao mesmo. Com o decorrer do estágio surgiu a hipótese de desenvolver e aplicar dois planos de treino com a devida orientação do treinador principal, tarefa que foi benéfica para o meu desenvolvimento como treinador. Além dos treinos regulares, tive a oportunidade de uma vez por mês ficar responsável por uma equipa na Liga Interna, que é uma competição interna desenvolvida pela Geração Benfica.

Outra das tarefas realizadas no âmbito da Geração Benfica passou pela filmagem de sessões de treino que posteriormente serviram como suporte para análise interna, quer do comportamento dos jogadores, quer dos respetivos técnicos.

3.5. Controlo e Avaliação

3.5.1. Balanço Semanal e Mensal

De forma a existir um controlo das tarefas realizadas para a equipa à qual estávamos ligados no processo de estágio, foi criado um documento com vista a quantificar semanalmente e mensalmente todas as tarefas realizadas. O objetivo passava por enumerar essas tarefas, como por exemplo o número de filmagens, quer de treinos quer de jogos, o número de análises individuais realizadas, entre outras.

3.5.2. Reunião Mensal

Eram realizadas reuniões mensais com os elementos do Benfica LAB responsáveis pelo grupo de estagiários. As reuniões podiam ocorrer de forma individual ou coletiva, juntando todos os estagiários. Estas serviam essencialmente para dar feedback sobre o

decorrer do estágio, sendo apontados aspetos a melhorar, assim como aspetos positivos a manter, ou até solicitação para apresentação de trabalhos a desenvolver futuramente. Cada reunião mensal implicava o redigir de uma ata a ser entregue posteriormente ao Benfica LAB.

Capítulo IV – Estudo de Investigação

IV. Estudo de Investigação: Análise dos golos marcados pela equipa de sub-16 do Sport Lisboa e Benfica na época 2015-2016

4.1. Introdução

O estudo do jogo de Futebol através da observação dos comportamentos dos jogadores e equipas não é um fenómeno recente, sendo um processo que tem evoluído ao longo do tempo, permitido também a evolução da modalidade (Sarmiento et. al., 2010). Segundo alguns autores (Gréhaigne, Bouthier, & David, 1997; Garganta, 2001), a análise da performance nos jogos desportivos coletivos é um elemento chave para detetar padrões de atividade individuais e coletivos, permitindo aferir a presença/ausência de correlações com a eficácia dos processos que em última instância levam a atingir o desempenho desejado.

Encontramos na literatura alguns modelos que procuram caraterizar o jogo de futebol. Teodorescu (1984) e Barreira & Garganta (2007) definem que o jogo contempla duas fases, fase ofensiva e defensiva, que são diferenciadas pela posse ou não da bola. Oliveira (2004) e Velásquez (2005) descrevem que o jogo é constituído por quatro momentos: 1) organização ofensiva; 2) transição ataque-defesa; 3) organização defensiva; 4) transição defesa-ataque.

A fase de ataque é considerada por Mesquita et al. (2009) como uma fase fundamental do jogo de Futebol, pela sua intimidade com o objetivo do jogo, enquanto Hughes e Bartlett (2002) se referem à modalidade como um jogo de golos. No entanto, segundo Dufour (1993), o Futebol é uma modalidade que se distingue dos demais jogos desportivos coletivos devido ao facto de apenas uma reduzida quantidade de ataques se transformarem em golo.

O grau de eficácia proveniente dos diferentes comportamentos coletivos ofensivos no Futebol, é cada vez mais uma área de interesse no que diz respeito à análise do jogo (Bate, 1988; Dufour, 1993; Tenga & Larsen, 1998; Hughes & Franks, 2005) e desta forma, tem-se verificado um crescimento no estudo do desempenho das equipas com o objetivo de investigar as variáveis que influenciam o seu rendimento ofensivo, sendo que isto permite obter um conjunto de informações que são pertinentes para os treinadores, possibilitando que usem estes dados para conceber estratégias direcionadas

para o treino e competição (Moutinho, 1991; Franks, 1997; Carling, Reilly & Williams, 2009; Moraes, et. al., 2012;).

Mitrotasios & Armatas (2014) corroboram o que foi dito no parágrafo anterior, afirmando que uma das variáveis mais estudadas e analisadas relativamente à modalidade de Futebol são efetivamente os golos. A análise sobre a forma como uma equipa é capaz de construir os golos marcados permite aferir informação pertinente para rentabilizar este processo. Esta metodologia dá-nos também a possibilidade obter informação sobre a eficácia ofensiva da equipa e mais dados que não são perceptíveis a “olho nu” (Bate, 1988; Dufour, 1993; Tenga & Larsen, 1998; Hughes & Franks, 2005).

Santos et. al., (2016) afirma que estudar os processos que permitem as equipas atingir o golo devem ser prioritários dentro do paradigma da análise do jogo.

De acordo com Moraes et. al. (2012), o estudo sobre a forma como os golos são obtidos é um indicador decisivo para caraterizar equipas bem sucedidas. Desta forma, torna-se fulcral estudar e identificar a forma como os golos são marcados e a forma como são construídos, de modo a entender como estes ocorrem com maior frequência (Tenga et. al., 2010; Hughes & Churchill, 2005).

4.1.1. Objetivo do Estudo

Com este trabalho pretendemos analisar os golos marcados pela equipa de sub-16 do SL Benfica na época 2015-2016, procurando caraterizar a forma como estes foram construídos desde o momento da recuperação da bola até à consecução do golo. Achamos pertinente efetuar um estudo desta natureza de forma a verificar a existência de uma congruência entre os padrões táticos associados à obtenção do golo pela equipa e os resultados obtidos.

4.2. Metodologia

4.2.1. Amostra

A amostra do presente estudo é constituída pelos 104 golos apontados pela equipa de sub-16 do Sport Lisboa e Benfica na Divisão de Honra da Associação de Futebol de Lisboa na época 2015-2016, referentes a 28 jornadas. É importante referir que devido à falta de registo em vídeo não foi possível analisar os golos referentes às 10^a (S.C.U. Torreense 0 – 1 Sport Lisboa e Benfica “B”) e 30^a (S.G. Sacavenense “B” 0 – 3 Sport Lisboa e Benfica “B”) jornadas.

4.2.2. Instrumento

Para a investigação em questão, foi utilizado o instrumento de observação “Sistema de Observação do Golo no Futebol” (SOGF) utilizado originalmente no estudo “Análise do golo em equipas de elite de futebol na época 2013-2014” da autoria de Santos *et al.*, (2016). O SOFG (tabela 2) é um sistema que junta formatos de campos e sistemas de categorias, permitindo uma análise notacional de diferentes eventos na construção do golo. A codificação dos eventos deu-se com base nas seguintes categorias: Forma de recuperação da bola, zona de recuperação (figura 4), zona do último passe para finalização (figura 4), método de obtenção do golo, forma de obtenção da finalização, zona de finalização (figura 5) e minuto em que ocorreu o golo (tabela 3).

Tabela 2 - SOGF

Critério	Categorias	Código
Formas de recuperação da bola	Guarda-Redes	GR
	Interceção	INT
	Duelo aéreo	DA
	Desarme	DES
	Bola Perdida	BP
	Falta	FALTA
	Saída de bola pelas linhas finais do campo	SBLF
	Saída de bola pelas linhas laterais do campo	SBLL
	Saída de bola no meio campo	SBMC
	Comportamento Fair-Play	CF-P
Zona de recuperação da bola	Zona Defensiva Esquerda	DEZ
	Zona Defensiva Central	ZDC
	Zona Defensiva Direita	ZDD
	Zona Média Defensiva Esquerda	ZMDE
	Zona Média Defensiva Central	ZMDC
	Zona Média Defensiva Direita	ZMDD
	Zona Média Ofensiva Esquerda	ZMOE
	Zona Média Ofensiva Central	ZMOC
	Zona Média Ofensiva Direita	ZMOD
	Zona Ofensiva Esquerda	ZOE
	Zona Ofensiva Central	ZOC
	Zona Ofensiva Direita	ZOD
	Linha Lateral	LL
	Linha Final	LF
Zona do último passe para finalização	Zona Defensiva Esquerda	DEZ
	Zona Defensiva Central	ZDC
	Zona Defensiva Direita	ZDD
	Zona Média Defensiva Esquerda	ZMDE
	Zona Média Defensiva Central	ZMDC
	Zona Média Defensiva Direita	ZMDD
	Zona Média Ofensiva Esquerda	ZMOE
	Zona Média Ofensiva Central	ZMOC
	Zona Média Ofensiva Direita	ZMOD
	Zona Ofensiva Esquerda	ZOE
	Zona Ofensiva Central	ZOC
	Zona Ofensiva Direita	ZOD
	Sem passe/Finalização	SPF
Método para obtenção do golo	Contra-Ataque	CA
	Ataque Rápido	AR
	Ataque Posicional	AP
	Penalti	PEN
	Livre Direto	LD
	Livre Indireto	LI
	Lançamento Linha Lateral	LLL
	Canto Longo	CL
	Canto Curto	CC
	Pontapé de baliza	PB
	Bola de saída	BS
Forma de obtenção da finalização	Pé Direito	PD
	Pé Esquerdo	PE
	Cabeça	C
	Peito	P
	Outro	O
	Autogolo	AG
Zona de Finalização	Pequena Área ao 1º poste	PA1P
	Pequena Área ao 2º Poste	PA2P
	Pequena Área Frontal	PAF
	Grande Área ao 1º poste	GA1P
	Grande Área ao 2º Poste	GA2P
	Grande Área Frontal	GAF

	Grande Penalidade	GP
	Fora da Área Esquerdo	FAE
	Fora da Área Frontal	FAF
	Fora da Área Direito	FAD



Figura 4 - Campograma divisório das zonas do terreno de jogo (adaptado de Gréhaigne, Mahut & Fernandez, 2001)



Figura 5 - Zonas de finalização

Tabela 3 - Período de ocorrência do golo

Período de Ocorrência do Golo	Categoria
0 – 15 minutos	1
15 – 30	2
30 – 40	3
40 – 55	4
55 – 70	5
70 - 80	6

Descrição categórica dos Métodos de Obtenção do Golo

- Contra Ataque: Rápida transição defesa-ataque, com um reduzido tempo de construção (<10''), poucos jogadores envolvidos, poucas ações técnico-táticas, elevado ritmo de decisão, com a equipa adversária desorganizada;
- Ataque Rápido: Rápida transição defesa-ataque, com um reduzido tempo de construção, elevado ritmo de decisão, apesar da equipa adversária estar organizada defensivamente;
- Ataque Posicional: Maior tempo para construção do processo ofensivo, procurando maior segurança na construção de situações de finalização.

4.2.3. Procedimentos

Os golos utilizados na amostra foram obtidos através das filmagens dos jogos da equipa de sub-16 do Sport Lisboa e Benfica referentes à Divisão de Honra da Associação de Futebol de Lisboa na época 2015-2016.

Para realizar a codificação dos eventos que resultaram em golo foi utilizado o *software LINCE*, utilizando o mesmo programa para realizar a exportação dos dados em formato *Excel*.

A fiabilidade intra-observador foi determinada através do Kappa de Cohen, registando-se valores superiores $K > 0,9$, referenciados por Maroco (2014), como uma elevada consistência. Deste modo, atesta-se que o observador apresenta uma elevada consistência na recolha dos dados entre os dois momentos de avaliação.

4.2.4. Tratamento Estatístico

A contabilização dos eventos e a análise descritiva dos dados foi efetuada através do software *IBM SPSS Statistics*.

4.3. Resultados

Os resultados apresentados de seguida dizem respeito à análise efetuada à forma como a equipa de sub-16 do Sport Lisboa e Benfica construiu os seus golos, desde o momento da recuperação da bola até atingir o objetivo de fazer golo.

Tabela 4 - Forma de recuperação da bola

Forma de recuperação da bola	n=104	%
Bola Perdida (BP)	26	25,0
Desarme (DES)	20	19,2
Saída da bola pela linha final (SBLF)	15	14,4
Falta (FALTA)	14	13,5
Interceção (INT)	11	10,6
Saída da bola pela linha lateral (SBLL)	10	9,6
Duelo aéreo (DA)	5	4,8
Guarda redes (GR)	3	2,9

De acordo com a tabela 4, verificamos que a forma de recuperação mais frequente na origem do golo é a bola perdida (BP) (n=26). Este tipo de recuperação diz respeito a 25% das situações de jogo analisadas e caracteriza-se por recuperações que resultam de ações executadas pelo adversário onde o principal objetivo é tirar a bola de um espaço vital ou zona de pressão.

Tabela 5 - Zona de recuperação da bola

Zona de recuperação da bola	n=104	%
Zona Média Ofensiva Direita (ZMOD)	17	16,3
Zona Média Ofensiva Esquerda (ZMOE)	16	15,4
Zona Ofensiva Direita (ZOD)	15	14,4
Zona Média Ofensiva Central (ZMOC)	11	10,6
Zona Ofensiva Central (ZOC)	11	10,6
Zona Ofensiva Esquerda (ZOE)	8	7,7
Zona Média Defensiva Esquerda (ZMDE)	5	4,8
Zona Média Defensiva Central (ZMDC)	5	4,8
Zona Média Defensiva Direita (ZMDD)	5	4,8
Zona Defensiva Central (ZDC)	4	3,8
Zona Defensiva Direita (ZDD)	4	3,8
Zona Defensiva Esquerda (ZDE)	2	1,9
Linha Final	1	1,0

As zonas onde se verificam mais recuperações que resultaram em golo é pelos corredores laterais, havendo uma predominância da Zona Média Ofensiva Direita (ZMOD) (n=17), seguida da Zona Média Ofensiva Esquerda (ZMOE) (n=16) e Zona Ofensiva Direita (ZOD) (n=15). Isto significa que 53,8% dos golos marcados pela equipa tiveram início nos corredores laterais no meio campo defensivo do adversário. (tabela 5)

Tabela 6 - Zona do último passe para finalização

Zona do último passe para finalização	n=104	%
Zona Ofensiva Direita (ZOD)	34	32,7
Sem Passe para Finalização (SPF)	25	24,0
Zona Ofensiva Esquerda (ZOE)	17	16,3
Zona Ofensiva Central (ZOC)	10	9,6
Zona Média Ofensiva Esquerda (ZMOE)	7	6,7
Zona Média Ofensiva Direita (ZMOD)	5	4,8
Zona Média Ofensiva Centro (ZMOC)	3	2,9
Zona Média Defensiva Centro (ZMDC)	2	1,9
Zona Média Defensiva Direita (ZMDD)	1	1,0

Consultando a tabela 6, verificamos que a zona onde ocorrem mais passes para finalização é a Zona Ofensiva Direita (ZOD) (n=34), que diz respeito a 32,7% dos golos criados pela equipa. Existe também uma grande ocorrência de golos que resultam de situações Sem Passe para Finalizar (SPF) (n=25). Estes são cenários onde a recuperação

da bola resulta em finalização, como por exemplo defesa do guarda-redes seguida de remate que resulta em golo, o que resulta em 24% dos golos obtidos.

Verificamos ainda uma predominância nos passes para golo a partir dos corredores laterais (n=64; 61,5%) comparativamente com o corredor central (n=15; 14,4%).

Tabela 7 - Método para obtenção do golo

Método para obtenção do golo	n=104	%
Contra Ataque (CA)	29	27,9
Ataque Rápido (AR)	27	26,0
Ataque Posicional (AP)	21	20,2
Livre Indireto (LI)	9	8,7
Canto Longo (CL)	8	7,7
Canto Curto (CC)	6	5,8
Livre Direto (LD)	4	3,8

O método de obtenção de golo mais verificado dentro da amostra observada foi o Contra Ataque (n=29) (27,9%). Este método é seguido pelo ataque rápido (n=27) (26%) e ataque posicional (n=21) (20,2%). É importante realçar que a equipa foi capaz de construir 26% dos golos obtidos através de esquemas táticos (n=27).

Tabela 8 - Forma de finalização

Forma de Finalização	n=104	%
Pé Direito (PD)	53	51,0
Pé Esquerdo (PE)	24	23,1
Cabeça (C)	24	23,1
Auto golo (AG)	2	1,9
Outro (O)	1	1,0

Como podemos verificar na tabela 8, a forma de finalização mais frequente é através do pé direito (n=53) (51%), seguida do pé esquerdo (n=24) (23,1%) e cabeça (n=24) (23,1%).

Tabela 9 - Zona de Finalização

Zona de Finalização	n=104	%
Grande Área Frontal (GAF)	31	29,8
Grande Área 1º Poste (GA1P)	19	18,3
Pequena Área Frontal (PAF)	15	14,4
Pequena Área 2º Poste (PA2P)	14	13,5
Pequena Área 1º Poste (PA1P)	8	7,7
Fora de Área Frontal (FAF)	6	5,8

Grande Área 2º Poste (GA2P)	5	4,8
Fora de Área Esquerdo (FAE)	3	2,9
Fora de Área Direito (FAD)	3	2,9

Na tabela 9 apuramos que os golos foram marcados de forma predominante dentro da grande área (n=55) (52,9%), seguindo-se as finalizações efetuadas na zona da pequena área (n=37) (35,6%).

Tabela 10 - Período do golo

Período do golo	n=104	%
55 – 70 minutos	23	22,1
70 - 80	18	17,3
30 - 40	17	16,3
40 - 55	16	15,4
0 - 15	15	14,4
15 - 30	15	14,4

Verificamos na tabela 10 que a maior parte dos golos foram marcados na 2ª parte (n=57) (54,8%), existindo predominância nos golos conseguidos entre os 55 – 70 minutos (n=23) (22,1%).

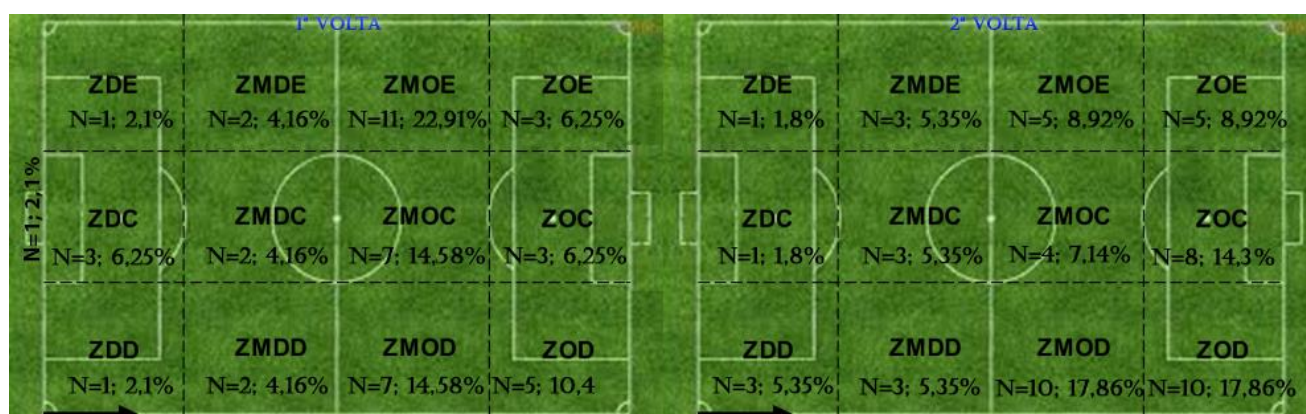


Figura 6 - Comparação da zona de recuperação da bola entre a primeira e segunda volta do campeonato

Consultando a figura 6, que permite aferir as diferenças na zona de recuperação da bola entre a primeira e segunda volta do campeonato, verificamos que na primeira metade do campeonato ocorreram 12 (25,03%) recuperações no meio campo defensivo e 36 (74,97%) no meio campo ofensivo. Em relação à segunda volta, verifica-se 14 (25%) recuperações de bola no meio campo defensivo e 42 (75%) no meio campo ofensivo. Através destes dados apuramos que não existiram grandes diferenças entre a primeira e segunda volta do campeonato. No entanto, e comparando as Zonas Médias

Ofensivas (ZMOE; ZMOC; ZMOD) e Zonas Ofensivas (ZOE; ZOC; ZOD), verificamos que primeira para a segunda volta, passou a haver mais recuperações próximas da baliza adversária (primeira volta: n=11; 22,9% / segunda volta: n=23; 41,08%).

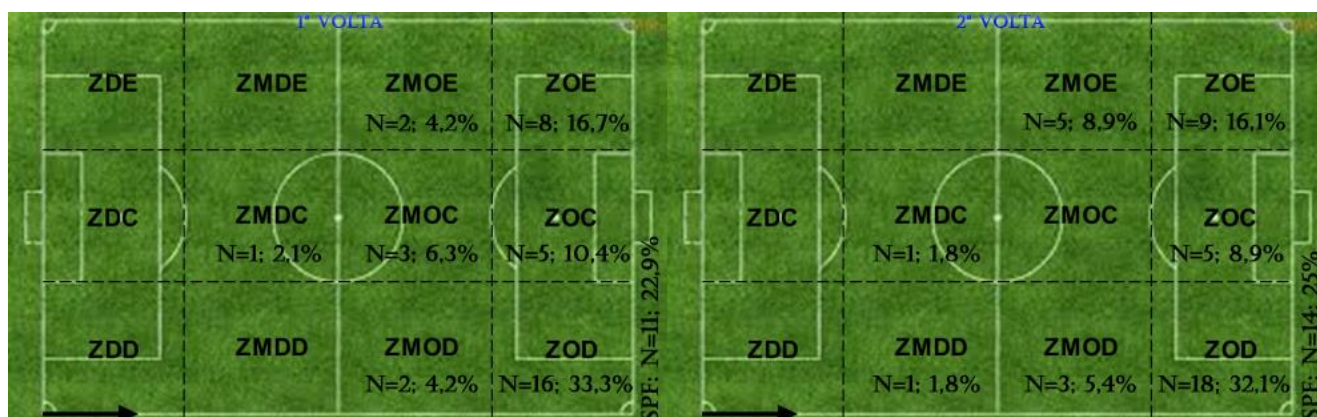


Figura 7 - Comparação da zona do último passe para finalização entre a primeira e segunda volta do campeonato

Na figura 7 verificamos que o número de passes para finalização no meio campo ofensivo entre a primeira e segunda volta são similares, à exceção da Zona Média Ofensiva Centro, onde na primeira metade do campeonato ocorreram 3 passes para finalização (6,3%), mas na segunda não se registaram assistências nesta zona.

Tabela 11 - Comparação do método de obtenção do golo entre a primeira e segunda volta do campeonato

Método para obtenção do golo		Volta	
		1	2
Contra Ataque (CA)	n	14	15
	% por volta	29,2%	26,8%
Ataque Rápido (AR)	n	12	15
	% por volta	25,0%	26,8%
Ataque Posicional (AP)	n	10	11
	% por volta	20,8%	19,6%
Livre Direto (LD)	n	0	4
	% por volta	0,0%	7,1%
Livre Indireto (LI)	n	5	4
	% por volta	10,4%	7,1%
Canto Longo (CL)	n	5	3
	% por volta	10,4%	5,4%
Canto Curto (CC)	n	2	4
	% por volta	4,2%	7,1%
Total	n	48	56
	% por volta	100,0%	100,0%

Analisando a tabela 11, verificamos que as diferenças mais relevantes entre a primeira e segunda volta do campeonato centram-se nos livres diretos. De facto, na primeira metade não houve qualquer golo obtido desta forma (n=0), mas na segunda ocorreram quatro (n=4) (7,1%) de acordo com este método. Nos cantos curtos também ocorreu um incremento para o dobro entre a primeira (n=2) (4,2%) e a segunda volta (n=4) (7,1%).

Tabela 12 – Comparação entre a zona de finalização entre a primeira e segunda volta do campeonato

Zona de Finalização		Volta	
		1	2
Pequena Área 1º Poste	n	2	6
	% por volta	4,2%	10,7%
Pequena Área 2º Poste	n	6	8
	% por volta	12,5%	14,3%
Pequena Área Frontal	n	7	8
	% por volta	14,6%	14,3%
Grande Área 1º Poste	n	7	12
	% por volta	14,6%	21,4%
Grande Área 2º Poste	n	4	1
	% por volta	8,3%	1,8%
Grande Área Frontal	n	19	12
	% por volta	39,6%	21,4%
Fora da Área Esquerdo	n	1	2
	% por volta	2,1%	3,6%
Fora da Área Frontal	n	1	5
	% por volta	2,1%	8,9%
Fora da Área Direito	n	1	2
	% por volta	2,1%	3,6%

Comparando a zona de finalização onde ocorreu o golo entre a primeira e segunda volta, na tabela 12 verificamos que existe uma ascendência nos golos marcados ao 1º poste na pequena área (n=2; n=6) (4,2% para 10,7%) assim como na grande área (n=7; n=12) (14,6% para 21,4%) da primeira para a segunda metade do campeonato. Notamos ainda um claro incremento dos golos marcados fora da grande área da primeira (n=3) (6,3%) para a segunda volta (n=9) (16,1%).

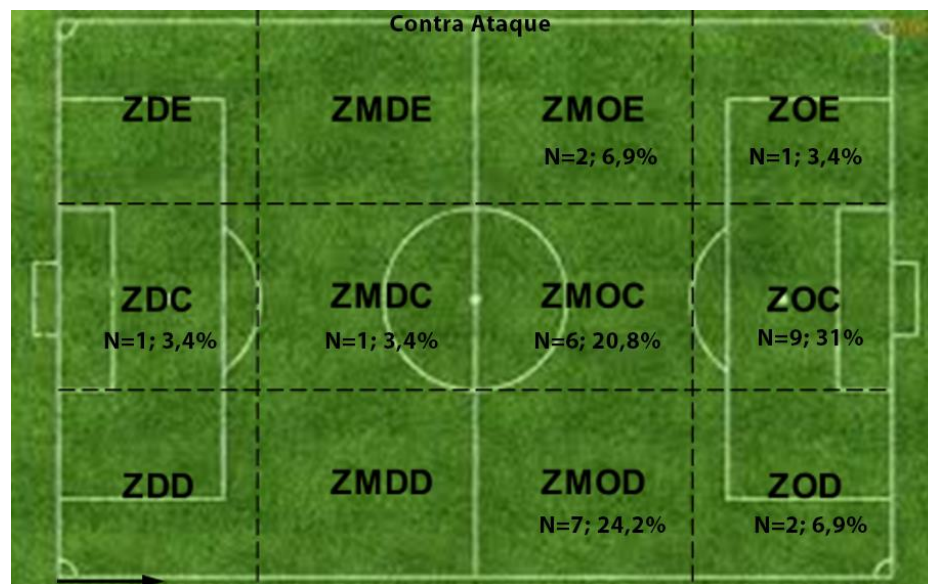


Figura 8 - Relação entre a zona da recuperação da bola e o método de obtenção do golo – Contra Ataque

A maior parte dos golos obtidos através do método de obtenção do golo – Contra Ataque resultaram de recuperações de bola no meio campo ofensivo (n=27; 93,2%), especialmente no corredor central (n=15; 51,8%). (Figura 8)

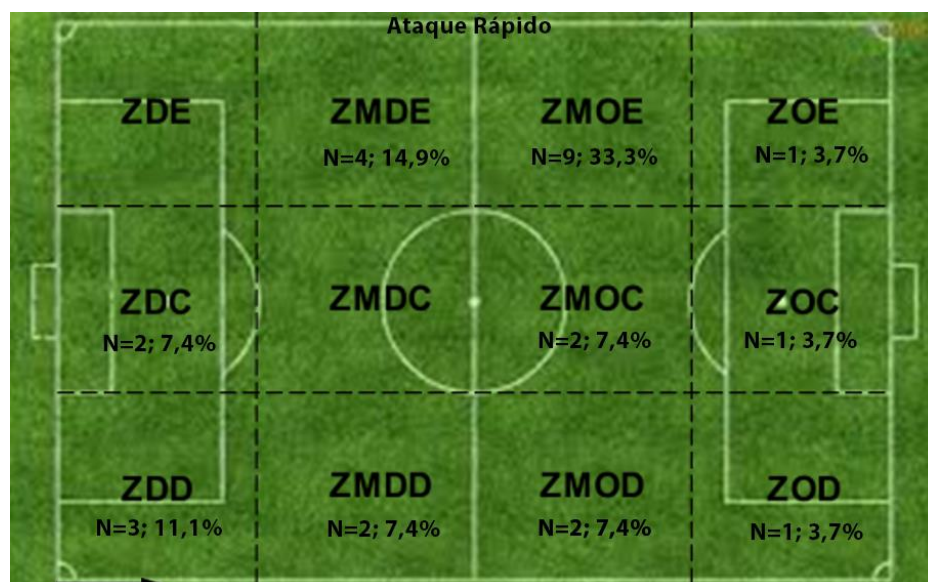


Figura 9 - Relação entre a zona da recuperação da bola e o método de obtenção do golo – Ataque Rápido

Na figura 9 verificamos que relativamente ao método de obtenção do golo Ataque Rápido, as zonas onde se verificou a recuperação da bola já não se centram tanto no meio campo ofensivo como no caso do Contra Ataque. No entanto, continua a ser nesta

zona do campo (n=16; 59,2%) onde se verifica o maior número de recuperações comparativamente com o meio campo defensivo (n=11; 40,8%). É importante referir que neste método de obtenção de golo deram-se mais recuperações nos corredores laterais (n=22; 81,5%) em detrimento do corredor central (n=5; 18,5%).

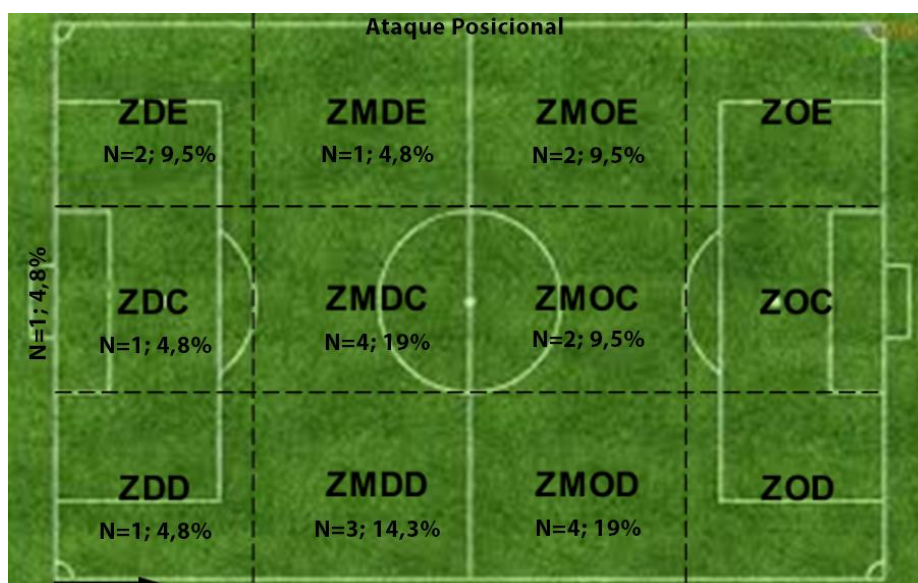


Figura 10 - Relação entre a zona da recuperação da bola e o método de obtenção do golo – Ataque Posicional

Na relação entre o método de obtenção do golo Ataque Posicional e a zona de recuperação da bola, verificamos na figura 10 que existe uma predominância de recuperações efetuadas na Zona Média Defensiva e Ofensiva do campo (n=16; 76,1%), existindo um equilíbrio entre as ações efetuadas entre os corredores laterais e central.

4.4. Discussão

Este estudo teve o objetivo de realizar a análise notacional de eventos em relação aos golos marcados pela equipa sub-16 do Sport Lisboa Benfica na divisão de honra da Associação de Futebol de Lisboa na época 2015-2016, desde o momento da recuperação da bola até à concretização do golo. É importante referir que não foram encontrados estudos semelhantes ao trabalho em questão (direcionados para o futebol de formação) e que as referências bibliográficas utilizadas dizem respeito maioritariamente ao futebol profissional.

Verificámos que a forma de recuperação da bola mais frequente é a Bola Perdida. Este tipo de recuperação caracteriza-se por recuperações que resultam de ações executadas pelo adversário onde o principal objetivo é tirar a bola de um espaço vital ou zona de pressão. A nosso ver, o facto de esta ser a forma de recuperação da bola mais frequente está relacionada com os princípios definidos no modelo de jogo da equipa, no qual é pretendido que a mesma execute uma pressão alta, evitando que o adversário tenha tempo e espaço para construir no seu meio campo defensivo, obrigando por vezes a que os jogadores, sem soluções de passe, sejam obrigados a tirar a bola dessa zona. Os resultados obtidos em relação a esta variável vão de encontro a um estudo de Kirkendall, Dowd, & DiCicco (2002), que ao estudar os jogos do Mundial de Futebol de 1998 concluíram que as formas mais frequentes de recuperação da bola são efetivamente a bola perdida, os desarmes e as interceções. Estas duas últimas formas de recuperação da bola também integram as variáveis analisadas neste estudo com relevância de casos.

No que diz respeito à zona de recuperação da bola, verificamos através dos resultados que as recuperações efetuadas no meio campo defensivo do adversário estão relacionadas com uma maior probabilidade de marcar golo. Estes resultados são suportados na literatura por Bate (1988), Tenga *et al.* (2010) e Lago *et al.* (2012) que referem que a eficácia ofensiva da equipa aumenta quanto mais perto da baliza adversária esta for capaz de recuperar a bola. Ainda dentro deste parâmetro, os resultados demonstram que existe uma maior recuperação de bola nos corredores laterais em detrimento do corredor central, o que vai de encontro aos princípios de organização e transição defensiva definidos no modelo de jogo da equipa. De facto, existia a preocupação de evitar passes interiores, procurando sempre direcionar a construção adversária para os corredores laterais. Outro ponto estudado neste trabalho

foi a comparação da zona de recuperação da bola entre a primeira e segunda volta do campeonato, não tendo sido notadas evidências relevantes na comparação entre as duas variáveis. No entanto, verificamos que na segunda metade do campeonato a equipa foi capaz de efetuar recuperações mais próximas da baliza adversária em relação à primeira metade.

Relativamente à zona do último passe para finalização, os resultados indicam que, em quase metade dos golos obtidos, a equipa utilizou os corredores laterais para efetuar a assistência para golo. Este resultado pode ser relacionado com os dados obtidos nas zonas de recuperação, onde verificamos que os corredores laterais foram preponderantes nas recuperações de bola. Podemos também relacionar estes resultados com a forma mais frequente como os adversários defendiam perante a equipa, optando muitas vezes por defender com as linhas baixas e aglomerando elementos na zona central defensiva, de forma a tentar evitar a criação de jogo interior. Isto resultava na procura do espaço através dos corredores laterais, podendo ser esta uma das possíveis razões para justificar este resultado. É importante ressaltar que uma das sub-variáveis com mais casos dentro da Zona do Último Passe para Finalização foi o Sem Passe para Finalização, que é um cenário onde o jogador recupera a bola e o próprio efetua a finalização que resulta em golo, ou quando o guarda-redes defende mas não agarra a bola e o jogador atacante é expedito a atacar a bola de ressalto. Este indicador revela uma capacidade de concentração e agressividade dos jogadores atacantes para atacar as bolas de ressalto. Indica também agressividade na primeira linha de pressão para condicionar o adversário e recuperar a bola perto da baliza adversária.

Foi efetuada também uma comparação entre a Zona do Último Passe para Finalização da primeira e segunda volta do campeonato, mas os resultados não mostraram diferenças relevantes.

O método de obtenção do golo mais frequentemente utilizado pela equipa foi o Contra Ataque. Os resultados obtidos neste estudo vão de encontro aos encontrados no trabalho realizado por Lago *et al.* (2012), que ao analisar o êxito ofensivo no Futebol de Elite, verificou que o Contra Ataque foi o método mais significativo no que diz respeito à criação de situações de finalização e consequente eficácia. Olsen e Larsen (1997) também mostraram que o Contra Ataque permite criar mais situações de finalização e consequente golo, comparativamente com o Ataque Posicional.

Por outro lado, os estudos de Yiannakos e Armatas (2006) sobre a avaliação dos padrões de golos no campeonato Europeu de Futebol de 2004, assim como Leite (2013)

centrado na análise e avaliação dos golos marcados no campeonato Europeu de Futebol de 2012, relatam que houve predominância dos golos obtidos através de Ataque Posicional em detrimento de Contra Ataque. É importante referir que a forma como uma equipa é capaz de criar e finalizar as suas jogadas depende sempre dos seus princípios e da especificidade do contexto. Relacionando o Contra Ataque com a Zona de Recuperação da Bola verificamos que as recuperações que resultaram em golo através deste método de obtenção de golo verificaram-se maioritariamente no meio campo defensivo adversário com uma ligeira sobreposição de casos no corredor central. Este resultado vai de encontro à informação encontrada na literatura, onde, como já foi referido, quanto mais próximo da baliza adversária for efetuada a recuperação, maior será a probabilidade de eficácia ofensiva, pois normalmente a distância entre os jogadores adversários é maior, o que resulta num maior tempo de organização dos processos defensivos da equipa.

Verificamos também uma grande ocorrência de golos através de Ataque Rápido. Relacionando os golos obtidos através deste método e a zona onde a bola foi recuperada, verificamos que comparativamente com o Contra Ataque, existe uma maior dispersão dos dados, existindo um grande número de recuperações nos meio campo defensivo da equipa, o que revela objetividade da mesma em tentar chegar à baliza adversária, apesar do adversário se encontrar minimamente organizado.

Os resultados também indicam que a equipa foi capaz de concretizar um número considerável de golos através de esquemas táticos (Cantos e Livres Ofensivos) que são momentos cada vez mais importantes no Futebol pois permitem elevada percentagem de situações de finalização (López & Fernández, 2013). Segundo Castelo (2009), os esquemas táticos apresentam um conjunto de vantagens, tais como eliminar o processo de pressão ao portador da bola ou permitirem um elevado número de jogadores a atacar a baliza adversária. Utilizando os estudos de Yiannakos e Armatas (2006) e Leite (2013), apontados anteriormente, verificamos que os Esquemas Táticos são a segunda forma mais utilizada para as equipas marcarem golo. No processo de planeamento de treino da equipa foi dado ao longo da época a devida importância a estes momentos, cujo resultado pode ser traduzido através dos números apresentados.

Em relação ao Ataque Posicional, verificamos que também teve alguns casos, mas que diferiram dos restantes devido à sua tipologia. As zonas de recuperação que permitiram este método de obtenção do golo diferem das apontadas no Contra Ataque e Ataque Rápido, na medida em que se verificou uma predominância de recuperações no meio

campo defensivo da equipa. A relação entre estas variáveis pode ser explicada pelo facto de a equipa recuperar a bola em zonas distantes da baliza, o que por vezes obrigou a adotar um estilo mais paciente, não forçando a verticalidade, o que resultou na circulação da bola entre corredores, procurando o espaço para então penetrar.

Não foram verificadas diferenças significativas entre a primeira e segunda voltas do campeonato, à exceção dos Livres Diretos, em que houve um claro incremento na segunda.

A Forma de Finalização mais verificada foi através do pé direito. Isto pode ser explicado pelo facto de a equipa, principalmente os jogadores que ocupam posições mais adiantadas, ser constituída maioritariamente por jogadores destros.

Este estudo demonstrou que foi dentro da grande área que a equipa realizou mais finalizações que resultaram em golo. Este resultado foi seguido de finalizações dentro da pequena área, como segunda sub-variável com mais casos. Estes resultados vêm no seguimento do estudo de Yiannakos e Armatas (2006), que identificaram que 76% dos golos marcados no campeonato da Europa de Futebol de 2004 foram marcados dentro da grande área. Bergier e Buraczewski (2007) verificaram que 65% dos golos marcados no Mundial de 2002, campeonato da Europa de Futebol de 2004 e Liga dos Campeões 2004/2005 foram marcados dentro da grande área. Tal pode ser relacionado com os métodos de obtenção de golos mais verificados neste estudo, neste caso o Contra Ataque, Ataque Rápido e Esquemas Táticos. No caso do Contra Ataque, o facto de a equipa aproveitar a desorganização defensiva adversária, poderá pressupor a existência de espaço livre próximo da grande área adversária, o que facilita a entrada na mesma e a ocorrência de finalizações dentro desta. Em relação aos Esquemas Táticos, à exceção dos Livres Diretos, todas as finalizações foram efetuadas entre a grande e pequena área o que ajudou a incrementar este resultado. Segundo Bate (1988) e Dufour (1993), as finalizações efetuadas dentro da grande área têm maior valor qualitativo no que diz respeito à precisão e probabilidade de resultar em golo, em detrimento dos remates efetuados fora da grande área.

Por fim, estudámos o período temporal em que ocorreram os golos da equipa. Verificamos que existe predominância de golos marcados na 2ª parte, especificamente nos últimos 25' de jogo. Um estudo realizado por Silva (2007), no qual foi avaliado o tempo de ocorrência de golos no Futebol de Elite, verificou-se que ocorreram mais golos na segunda parte comparativamente com a primeira. Segundo Reilly (1996), o facto de alguns estudos referirem uma maior ocorrência de golos na segunda parte do

jogo, pode estar relacionado com a urgência que as equipas enfrentam, à medida que o jogo se vai aproximando para o seu fim, para obter a vitória, levando a que as mesmas passem a correr mais riscos.

Alguns autores (Silva, 2007; Di Salvo *et al.*, 2007b) referem que uma maior ocorrência de golos na 2ª parte pode estar relacionada com a fadiga experienciada. No entanto, Mohr, Krustup, & Bangsbo (2005) concluíram que a fadiga no desempenho de um jogador ocorre em várias fases do jogo e não somente no final deste, pelo que não podemos atribuir uma grande ocorrência de golos na segunda metade do jogo única e exclusivamente a este fator.

4.5. Conclusões

O presente estudo foi efetuado com a intenção de analisar os golos marcados pela equipa de sub-16 do Sport Lisboa Benfica na divisão de honra da Associação de Futebol de Lisboa na época 2015-2016. Estes golos foram analisados e caracterizados desde o momento em que a bola foi recuperada até ao momento de finalização, para posteriormente se verificar a existência de ligação entre os resultados e os padrões táticos da equipa associados à obtenção do golo.

A forma de recuperação mais frequente foi através da Bola Perdida, o que deverá estar relacionado com o facto de a equipa efetuar muitas recuperações de bola no meio campo defensivo adversário.

O maior número de passes para golo ocorre a partir dos corredores laterais, o que vai de encontro aos princípios definidos pela equipa de procura dos corredores laterais quando não se verifica o espaço necessário para atacar a baliza pela zona central.

Relativamente ao método de obtenção do golo, verificou-se uma distribuição de casos semelhante entre as categorias, o que revela uma equipa que obteve golos quase indiferenciadamente em Ataque Posicional, Ataque Rápido ou Contra Ataque.

A zona onde se deu um maior número de finalizações foi dentro da grande área, seguida da pequena área, sendo que este resultado estará relacionado com o facto de a equipa ter marcado uma parte significativa dos seus golos através de Contra Ataque e Ataque Rápido onde beneficiou da desorganização defensiva adversária, tendo a oportunidade de finalizar em zonas próximas da baliza adversária.

Em suma, verificamos que parece existir congruência entre a forma como os golos foram obtidos e os padrões táticos ofensivos definidos para a equipa.

Na nossa opinião este tipo de estudo tem pertinência, na medida em que permite a identificação de padrões ofensivos de eficácia e verificar se os padrões ofensivos exibidos pela equipa vão de encontro às ideias definidas no modelo de jogo.

Num estudo futuro desta natureza poderá ser importante efetuar o “corte” dos golos e a sua catalogação em função da zona de recuperação e método de obtenção do golo, de forma a ter um suporte visual que permita aferir outro tipo de informação, como por exemplo, o jogador responsável por mais recuperações que resultaram em golo ou o número de passes por método de obtenção de golo.

Capítulo V – Relação com a Comunidade: ‘Sports Sciences Day’

V. Relação com a Comunidade: ‘Sports Sciences Day’

5.1. Enquadramento Geral

No processo de estágio, além de todo o trabalho operacional desenvolvido, está definido que cabe ao estagiário e respetivo grupo a organização de um evento que aproxime a relação entre a instituição, o estagiário e a comunidade.

A realização deste evento é um momento muito rico no que diz respeito à partilha de conhecimento, pois permite a presença de diferentes experiências, quer da parte de quem organiza o evento, quer de quem atende ao mesmo e tem a possibilidade de intervir e opinar sobre os temas abordados.

Passando a abordar o evento em si, a ideia sugerida pelo grupo de estagiários, quer da vertente observação e análise de jogo, quer de fisiologia, passava por mostrar as áreas de intervenção do grupo ao longo do processo de estágio, ideia esta que foi recebida com agrado da parte do Benfica LAB.

A área de observação e análise de jogo encontra-se em ascensão na modalidade de futebol, sendo parte integrante da maior parte dos clubes profissionais. Desta forma, definiu-se que seriam apresentadas no evento as tarefas operacionais executadas pelo grupo de estagiários. A parte da manhã destinar-se-ia à vertente de observação e análise de jogo, enquanto que o turno da tarde ficaria centrado na vertente de fisiologia.

Os objetivos gerais definidos para o evento passavam por:

- Criar e promover um evento relacionado com algumas das áreas de atuação do Benfica LAB, destinado a agentes do futebol e alunos de faculdades;
- Enquadrar os estagiários na instituição e transmitir a importância do trabalho realizado no Benfica LAB na área de observação e análise de jogo, assim como na vertente de fisiologia;
- Transmitir os valores do Benfica LAB.

5.2. Procedimentos e Logística

5.2.1. Oradores e Conteúdo

Como já foi referido anteriormente, o evento dividiu-se em duas partes: turno da manhã direcionado à observação e análise de jogo e o turno da tarde destinado à área da fisiologia. Relativamente à parte da observação e análise de jogo, de forma a proporcionar a melhor experiência possível às pessoas presentes, convidámos alguns elementos que integram o Benfica LAB e a equipa técnica principal de forma a abordar a sua função.

A abertura do evento ficou a cargo de Nuno Maurício e Bruno Furtado, que são efetivamente os coordenadores da área de observação e análise do Benfica LAB. Eles introduziram ao público o que é esta estrutura e em que é que consiste.

Os primeiros convidados a falar ao público foram o David Pereira e o Nuno Cesário, que também integram a equipa do Benfica LAB. O tema apresentado pelos mesmos prendia-se com a análise da performance da equipa profissional do Sport Lisboa e Benfica e a forma como o trabalho era realizado. O evento prosseguiu com Marco Pedroso, que abordou a forma como é realizada a observação e análise da própria equipa durante o jogo.

O terceiro convidado foi o vídeo-analista Rúben Soares, que partilhou a sua experiência como estagiário e analista na época 2014/2015 nos sub-15 do Sport Lisboa e Benfica.

Após as preleções referidas anteriormente, deu-se a apresentação do trabalho operacional realizado pelos estagiários, quer no âmbito da observação e análise de jogo quer no âmbito da fisiologia.

Relativamente ao turno da tarde, destinado à área da fisiologia, foi uma sessão que esteve direcionada para a formação interna de todos os intervenientes do Caixa Futebol Campus. O tema foi “Treino de força no futebol”, tendo sido convidados: Professor Doutor Pedro Mil Homens, com o tema “Treino de força: adaptações induzidas pelo treino e orientações metodológicas para o treino do jovem futebolista”; a Professora Doutora Anna Volossovitch, com o tema “Treino de força em jovens: efeitos a longo prazo de treino de força em jovens atletas de modalidades coletivas”; o Professor Óscar Tojo, com o tema “Gestão das cargas: de que forma o controlo do treino ajuda na gestão

da relação das cargas do treino técnico-tático e de força”. Foi convidado ainda o Luisão, jogador e capitão da equipa principal do Sport Lisboa e Benfica, para falar da sua experiência como jogador e a importância do treino de força no seu desempenho.

5.2.2. Data e Local do Evento

O evento, intitulado “Sports Sciences Day” realizou-se no dia 11 de abril de 2016, entre as 8.45 e as 20.00 na sala de conferências do Caixa Futebol Campus.

5.2.3. Distribuição de Tarefas

As tarefas foram divididas entre todos os elementos, permitindo que cada um focasse a sua atenção num detalhe específico, incrementando a qualidade geral do resultado. Desta forma, o grupo de estagiários (de observação e análise, assim como de fisiologia) reuniu algumas vezes para efetuar a divisão das tarefas, verificar o estado das mesmas, assim como o seu resultado final. As responsabilidades dos diversos elementos foram as seguintes:

Tabela 13 – Distribuição de tarefas

Distribuição das Tarefas	
Responsável	Tarefa
André Gaspar Duarte Belchior Sandro Canha	Criar o layout a ser utilizado na apresentação “powerpoint” e dos flyers a serem utilizados para a promoção do evento
José Silva Dinis Cruz	Responsáveis pelas inscrições
David Almeida Gonçalo Inácio	Criação e divulgação dos trajetos para chegar ao Caixa Futebol Campus
Vasco Monteiro Mário Vieira	Organização do “Coffee-Break”

No dia do evento, as tarefas foram divididas da seguinte forma:

Tabela 14 – Tarefas por estagiário: Observação e Análise de Jogo

Período da manhã	
Responsável	Tarefa
André Gaspar Gonçalo Trindade	Receção dos participantes
Sandro Canha Dinis Cruz	Creditação
André Gaspar Gonçalo Trindade Dinis Cruz Diogo Fonseca	Coffee Break
Diogo Fonseca	Controlo do microfone para questões

Tabela 15 – Tarefas por estagiário: Fisiologia

Período da tarde	
Responsável	Tarefa
Sandro Canha José Silva	Receção aos participantes
David Almeida Mário Vieira Vasco Monteiro	Creditação
Duarte Belchior Gonçalo Inácio	Coffee Break
José Silva	Controlo do microfone para questões

Realizámos ainda a divisão do trabalho operacional diário a ser apresentado ao público, sendo que no meu caso e devido ao falecimento de um familiar próximo no dia anterior à apresentação do *Sports Sciences Day*, não tive as condições necessárias para poder estar presente no dia em questão.

5.2.4. Recursos

5.2.4.1. Recursos Humanos

A atividade foi levada a cabo pelo grupo de estagiários do Benfica LAB referente à época 2015/2016, que foram os responsáveis pelo delineamento e execução do projeto, com o auxílio dos coordenadores da área de observação e análise e da área de fisiologia, assim como de todos os oradores convidados.

5.2.4.2. Recursos Logísticos

No dia do “Sports Sciences” foram utilizados dois espaços, um destinado à realização do evento em si e outro para o *coffee break*. Relativamente ao espaço destinado ao evento, tivemos a oportunidade de utilizar o auditório do Caixa Futebol Campus, que tem capacidade para 73 pessoas sentadas, sendo que o espaço adjacente ao mesmo foi a sala utilizada para o *coffee break*.

Assegurámos ainda a impressão de um certificado de participação (Anexo 3), um questionário para apurar a satisfação do participante (Anexo 4), uma folha de notas e o programa do evento.

É importante referir que a entrada para o evento não tinha qualquer custo para a participação no mesmo, sendo que apenas foi pedida a inscrição num momento prévio ao dia da atividade.

5.2.4.3. Recursos Materiais

Os materiais afetos e necessários ao evento em si foram:

- Três câmaras de filmar;
- Microfones;
- Computador;
- Projetor.

5.2.4.4. Orçamento

Este, como qualquer outro evento, acarreta custos, sendo que os mesmos foram suportados pelo grupo de estagiários, desde a impressão de certificados de participação, comida disponibilizada no coffee break, águas distribuídas pelos participantes, entre outros elementos. No total, deu um valor de aproximadamente 15€ por estagiário.

É importante referir que a impressão dos questionários de satisfação, folhas para notas e os programas relativamente ao evento foi efetuada pelo Benfica LAB.

5.2.4.5. Divulgação do evento: “Sports Sciences Day”

Como já foi referido anteriormente, a realização deste evento tinha como objetivo a partilha de conhecimento entre a instituição, o estagiário e a comunidade. Relativamente aos papéis da instituição e do estagiário, passavam por apresentar as tarefas operacionais realizadas e as oportunidades recebidas no âmbito do processo de estágio.

Um dos focos de divulgação foram as faculdades com as quais o Benfica LAB tinha protocolo, dado que a instituição já recebe estagiários há alguns anos e desta forma dá-se a conhecer a futuros estagiários o papel a desempenhar num futuro e possível estágio no Benfica LAB. De forma a podermos chegar ao máximo de alunos possível, a informação relativamente ao evento (Anexo 5) foi passada aos docentes das universidades, sendo os mesmos responsáveis pela sua transmissão aos alunos. É importante referir que as inscrições foram limitadas, ditadas pelo número de lugares disponíveis do auditório.

5.2.4.6. Avaliação do Evento

Entendemos que seria pertinente obter feedback do participante relativamente ao desenrolar do evento. Assim, criámos um questionário de avaliação que abordava os seguintes aspetos:

- Receção e Creditação;
- Horários;
- Coffee Break;
- Pertinência do conteúdo;
- Clareza das intervenções;
- Suporte das apresentações;
- Espaço para esclarecimento de questões.

É importante referir que cada tópico foi avaliado numa escala numérica entre 1 e 5, onde 1 diz respeito ao termo qualitativo “mau” e 5 refere-se a “muito bom”. Deixámos ainda um espaço para dar a oportunidade de o participante referir algumas sugestões para futuros eventos com este cariz.

5.3. Formato Final – “Sports Sciences Day”

Como já foi referido anteriormente, o evento foi realizado no dia 11 de abril de 2016 no auditório do Caixa Futebol Campus, sendo que o programa do evento foi estruturado da seguinte forma:

Tabela 16 – Programa do “Sports Sciences Day”

Horário	Apresentação
08.45	Abertura do Secretariado /Creditação
09.30	Apresentação do Benfica LAB
	Abertura/Receção do Nuno Maurício e Bruno Furtado – Benfica LAB
	Observação e Análise
	Intervenção do David Pereira e Nuno Cesário – Benfica LAB
	Observação e Análise

10.00	De estagiário a observador da formação – Rúben Soares, Observador dos Iniciados A do SL Benfica
10.30	Coffee Break
11.00	Apresentação do grupo de estagiários de observação e análise – Futebol Profissional
11.30	Apresentação do grupo de estagiários de observação e análise – Futebol de Formação
12.00	Apresentação do grupo de estagiários – Fisiologia
12.30	Visita guiada pelo Caixa Futebol Campus
15.30	Intervenção do Prof. Pedro Mil-Homens – Treino de força: “Adaptações induzidas pelo treino e orientações metodológicas para o treino do jovem futebolista.”
17.20	Intervenção da Prof ^a . Anna Volossovitch – Treino de força em jovens: “Efeitos a longo prazo do treino de força em jovens atletas de modalidades coletivas.”
18.40	Gestão das cargas: “De que forma o controlo do treino nos auxilia na gestão da relação das cargas do treino técnico-tático e de força.”
19.40	Espaço para debate

5.3.1.1. Avaliação Final do Evento

Na sua globalidade, o evento foi apreciado positivamente pelos coordenadores. Em relação ao feedback fornecido pelos participantes externos, o mesmo também foi positivo, sendo este um facto percebido através dos questionários aplicados.

Com base nos resultados dos questionários, apurámos que os pontos menos positivos do evento relacionaram-se com os horários, onde ocorreram alguns atrasos nas apresentações devido à falta de cumprimentos dos tempos de apresentação dos palestrantes, assim como com o *coffee break*, tendo os participantes referido que a comida oferecida era insuficiente.

Relativamente às sugestões para os próximos eventos, a opinião de alguns participantes é de que seria pertinente num evento futuro apresentar o modelo de jogo da formação, assim como utilizar os técnicos do futebol de formação para apresentar temas relacionados com as suas equipas.

Fazendo um balanço geral do evento, penso que podemos considerar que este teve um impacto positivo sobre os participantes, realçando que tal foi fruto da coordenação do trabalho realizado entre o grupo de estagiários e os coordenadores do Benfica LAB.

Capítulo VI – Reflexão sobre o Estágio

VI. Reflexão sobre o Estágio

Como já foi referido anteriormente, o período de estágio dividiu-se sobre duas vertentes. Numa primeira fase estive ligado unicamente ao Futebol Profissional e posteriormente passei a estar afeto aos sub-16, enquanto continuava a desenvolver algumas tarefas para a equipa principal. Esta foi uma das grandes mais valias deste processo, pois tive a oportunidade de experienciar duas realidades diferentes, onde o ênfase é dado ao resultado (Futebol Profissional), enquanto que na outra se centra no processo (Futebol de Formação). Além de todos os benefícios retirados da execução das tarefas propostas para o desenvolvimento pessoal, seja enquanto elemento integrante de uma equipa técnica, seja na vertente de observação e análise, assim como no treino propriamente dito, é importante ressaltar que ao longo deste período fomos sempre incentivados a adotar valores como a lealdade, rigor, responsabilidade, inovação e solidariedade em todos os trabalhos criados e apresentados.

De seguida, apresentaremos as reflexões relacionadas com as áreas que abrangeram o processo de estágio e que foram sendo descritas ao longo do presente relatório.

6.1. Formações Específicas

O período de formação específica serviu para dotar o grupo de estagiários com o conhecimento necessário relativamente aos *softwares* necessários para o desenvolvimento dos trabalhos a serem realizados ao longo do estágio. Este foi um período crítico e que exigiu concentração e acima de tudo treino da minha parte.

Através deste período formativo ganhei competências em *softwares* de apoio à observação e análise, como o *Longomatch*, *Adobe Premiere Pro*, *Sports Analyzer*, entre outros. No entanto, e consultando os objetivos específicos definidos na fase inicial do estágio, não tive a oportunidade de receber formação no *Edius* (software de edição de vídeo, embora tenha recebido no *Adobe Premiere Pro*) e no *Sports Code*.

É importante referir que este período formativo não foi estanque, na medida em que ao longo do estágio, e devido à diversidade de tarefas que iam surgindo, foi necessário ir atualizando o conhecimento nas diferentes ferramentas, quer através da consulta dos elementos do Benfica LAB, quer sendo proativo e procurando conteúdos na internet, de forma a solucionar as adversidades encontradas.

Uma das tarefas que exigiu uma maior adaptação e treino foi sem dúvida a filmagem dos treinos e jogos, sendo que principalmente no período inicial esta aprendizagem foi efetuada na tarefa em si. Não tinha qualquer experiência neste âmbito e no período inicial as principais dificuldades deveram-se a manter a concentração e o plano de filmagem no objetivo, assim como realizar «zoom» e transições bruscas. Estes problemas foram sendo ultrapassados à medida que o número de horas atrás da câmara ia aumentando.

A filmagem dos jogos referentes à divisão de honra também revelou por vezes algumas adversidades, especificamente nos jogos fora de casa, dado que visitámos alguns complexos desportivos sem condições para efetuar a filmagem com boa qualidade. Para superar esta situação foi necessária alguma perícia da minha parte, acabando em algumas situações por filmar o jogo em lugares menos comuns (bar do estádio ou terraços), de forma a ter um registo com um mínimo de qualidade que permitisse realizar o relatório de jogo. Em relação à filmagem dos treinos, penso que seria um benefício para o SL Benfica se procedesse à instalação de plataformas de filmagem em alguns campos, de forma a permitir a filmagem com condições climáticas adversas.

Este foi um período crítico, pois permitiu-nos criar as bases para as tarefas a serem desempenhadas ao longo do estágio, mas não só. Transportamos este conhecimento para além do processo de estágio, sendo uma base importante para poder vir a integrar uma equipa técnica e continuar a desenvolver tarefas relacionadas com a observação e análise de jogo com “selo de qualidade”. Esta qualidade deriva não só dos conhecimentos relacionados com os *softwares* em questão, mas acima de tudo pelos valores que nos foram transmitidos, onde qualquer que fosse a tarefa a ser desempenhada, a mesma deveria ter sempre rigor e qualidade, com base num espírito de responsabilidade e solidariedade.

6.2. Tarefas na Equipa Principal do Sport Lisboa e Benfica

As tarefas desempenhadas para a equipa principal do SL Benfica foram importantes para o meu desenvolvimento pessoal, pois além de todo o conhecimento adquirido através destas, permitiram-me ter noção do trabalho que é realizado numas das melhores equipas da Europa e quais as variáveis estudadas pela mesma. Desde as equipas tipo, que me permitiram um grande conhecimento dos plantéis das equipas adversárias do SL Benfica na época 2015-2016. O estudo da estratégia posicional adversária, fez com que aprendesse conceitos e aspetos táticos relacionados com esta vertente do jogo. Também o trabalho com o Datatrax deu-me conhecimento sobre o estudo de variáveis do jogo que desconhecia até à altura.

De todas as tarefas realizadas para a equipa principal do SL Benfica, a que me deu mais prazer em realizar foi as observações «in loco», pois permitiram-me sentir na globalidade a função de observador e analista. Desde o processo pré-jogo, passando pelo próprio momento de observação, até chegar ao momento pós-jogo. Na consecução desta tarefa foi-nos dada total liberdade de ação em todos os momentos, sendo que o resultado final foi posteriormente analisado com elementos do Benfica LAB, de forma a apurar os aspetos positivos, assim como os aspetos a melhorar, permitindo a compreensão através da prática daquilo que realmente deve ser a observação em tempo real de um potencial adversário.

Fazendo um resumo, todos os objetivos relacionados com tarefas destinadas à equipa principal foram conseguidos. No entanto, penso que teria sido benéfico ter tido a oportunidade de realizar mais observações «in loco», de forma a poder corrigir os aspetos a melhorar do relatório anterior. Compreendo, porém, que devido ao número de estagiários esta seria uma tarefa difícil de conjugar. Relativamente ao Datatrax, penso que teria sido importante ver o resultado final, nomeadamente o relatório de jogo exportado a partir dos dados, algo que não foi possível.

6.3. Tarefas na equipa Sub-16 do Sport Lisboa e Benfica

O período em que se proporciona a integração da minha pessoa na equipa de sub-16 do SL Benfica é um momento chave no processo de estágio. Tendo em conta os objetivos definidos por mim no início do mesmo, que passavam por adquirir e desenvolver conhecimento relativamente à modalidade de Futebol, passar a estar ligado de forma integral a uma equipa técnica e ter conhecimento sobre a maior parte dos processos de gestão da equipa e do processo de treino-jogo foi uma mais valia.

Relativamente ao processo de integração na equipa, a abertura e disponibilidade do Mister Luís Araújo e restante equipa técnica foram extremamente importantes, pois desde o primeiro dia senti-me como parte do grupo e percebi que o tipo de trabalho que iria desenvolver era valorizado pelos mesmos. O período inicial foi importante para definir conceitos e conhecer o modelo de jogo da equipa, pois uma das tarefas principais nesta vertente, o relatório de jogo, necessitava que tivesse conhecimentos dos princípios definidos para a equipa em cada momento do jogo.

Todas as tarefas relacionadas com a equipa foram importantes para o meu desenvolvimento pessoal como observador e analista de jogo. No entanto, as que originaram uma maior atitude crítica e evolução da minha parte no que diz respeito ao conhecimento sobre o jogo, foram a observação e análise dos jogos para criação do relatório de jogo, assim como a filmagem dos treinos.

Em relação ao desenvolvimento dos relatórios de jogo, a minha experiência neste âmbito era curta, tendo anteriormente realizado apenas trabalhos deste tipo na disciplina de Metodologia de Treino Específica, na qual tivemos que efetuar uma tarefa de diagnóstico, e na observação «*in loco*» realizada no âmbito das tarefas para a equipa principal. Estas tarefas e o feedback recebido através das mesmas deram-me conhecimento importante para, pelo menos, evitar repetir erros apontados nas mesmas. A estrutura do relatório de jogo já estava definida, sendo que o molde era utilizado em todas as equipas do futebol de formação (sub-15, sub-17 e sub-19), com a condicionante de que, devido ao facto de ser o único elemento na área da observação e análise neste escalão, tivemos que eliminar algumas variáveis a analisar (como por exemplo a caracterização individual e matriz de passes) de forma a ter o tempo necessário para entregar o produto final nos horários definidos. Como seria de esperar, experienciei algumas dificuldades iniciais no desenvolvimento dos relatórios, que se deveram ao

pouco conhecimento sobre o jogo, o que revelou alguma falta de profundidade nos mesmos. Esta situação foi sendo ultrapassada através de diálogos com a equipa técnica acerca da informação detalhada no relatório de jogo, dos *feedbacks* que ia captando nos treinos provenientes dos treinadores e também através da consulta de informação sobre o jogo em revistas e *websites* especializados na modalidade. À medida que o tempo foi avançando e a experiência na execução desta tarefa foi aumentando, a meu ver os relatórios foram ficando cada vez mais de acordo com daquilo que era esperado, tanto pela equipa técnica, como pelos orientadores do Benfica LAB. Ainda dentro da tarefa de realização dos relatórios de jogo, após muitas horas a analisar clips de vídeo referentes aos momentos de jogo da equipa contra adversários que se caracterizavam por diferentes formas e atitudes perante as diferentes situações de jogo, fui realizando alguns exercícios mentais, principalmente quando a equipa experienciava algumas dificuldades, quer a atacar quer a defender, de exemplos de *feedbacks* que poderia fornecer em situação de jogo, substituições de jogadores ou alterações ao sistema tático, de forma a contrariar estas adversidades.

No que diz respeito à filmagem dos treinos, esta foi uma experiência rica em aquisição de conhecimento, pois permitiu-me captar os *feedbacks* fornecidos pelos treinadores nos diferentes exercícios, adquirindo conhecimento a nível técnico, tático, físico e de gestão do grupo, acabando por fazer a ligação entre os mesmos e aquilo que era pretendido no jogo. Deu-me também a oportunidade de conhecer como era realizado o microciclo e os conteúdos abordados em cada dia da semana. Nesta vertente, procurei sempre ter uma atitude crítica, principalmente em relação aos exercícios, tentando criar exercícios que fossem ao encontro aos princípios de jogo da equipa, sendo que esta tarefa foi definida unicamente por mim, sem nunca a transmitir à equipa técnica. Penso que poderia ter mostrado os exercícios à equipa técnica de forma a poder discutir a estrutura dos mesmos e assim obter *feedbacks*.

No decorrer do estágio, e devido à diversidade de tarefas, tive que recorrer a alguns *softwares* de apoio para a consecução dos trabalhos, sendo os mais utilizados o *Longomatch* (edição e exportação de clips de vídeo) e *Adobe Premier Pro* (edição e junção dos clips de vídeo), que na minha opinião servem perfeitamente para o efeito pretendido.

6.4. Tarefas Complementares

As tarefas complementares dizem respeito a tarefas que eram comuns a todos os estagiários, independentemente da equipa em que estavam inseridos.

A biblioteca virtual foi uma base de dados criada e atualizada por um grupo de estagiários de anos anteriores e serviu como suporte na pesquisa de informação quando surgia alguma dúvida relacionada com a área de Observação e Análise do jogo. Essa biblioteca foi sendo atualizada pelo nosso grupo de estagiários ao longo do período de estágio. Este instrumento acabou por ser importante no desenvolvimento do presente relatório, para compor o capítulo da Revisão da Literatura, assim como na fundamentação da discussão de resultados referente à Área 2 – Estudo de Investigação.

Em relação ao desenvolvimento da tarefa “Análise de situações de golo – Elite Europeia”, assim como à colaboração no estudo de investigação “Análise do golo em equipas de Elite de Futebol na época 2013-2014”, estes foram trabalhos importantes, na medida em que a análise dos golos destas equipas permitiu aferir os padrões de golo mais frequentes entre as mesmas.

A minha participação na Geração Benfica – Escola de Futebol foi uma experiência gratificante, quer pela criação de laços entre elementos da equipa técnica e com os jovens que integraram as diferentes turmas em que estava inserido, quer pela oportunidade de experienciar os métodos de treino de base aplicados num dos melhores clubes da Europa no que diz respeito à formação de jogadores.

6.5. Sports Sciences Day

A organização de um evento direcionado para a comunidade é um dos pontos requeridos no âmbito do estágio, pelo que o grupo de estagiários decidiu organizar o *Sports Sciences Day*.

O processo de definição daquilo que seria o evento, desde a atribuição do nome até ao conteúdo a ser apresentado ao público, foi sempre realizado em grupo. Foram apresentadas ideias, sendo as mesmas discutidas e definidas consoante aquilo que seria mais proveitoso para quem estaria a assistir. Após a definição do tema, o processo de distribuição de tarefas e a execução das mesmas decorreu sem qualquer problema, derivado do bom espírito de grupo vivido, assim como da capacidade de trabalho individual de cada elemento. Todas as tarefas e horários definidos foram cumpridos.

Tivemos que ter em conta algumas variáveis no processo de desenvolvimento do evento, como por exemplo o orçamento. Não foi permitido procurar patrocinadores para o evento, pelo que teve de ser o grupo a financiar o mesmo. Os custos estiveram associados principalmente à comida disponibilizada no *coffee break* e na impressão dos certificados. Era na impressão dos certificados que podíamos ter encontrado uma solução de forma a evitar este custo e porventura aplicá-lo no *coffee break*. A solução podia ter passado por definir um certificado digital a ser entregue posteriormente ao evento.

Relativamente ao dia do evento, como já foi referido anteriormente, não tive disponibilidade para comparecer e ajudar na consecução do mesmo devido ao falecimento de um familiar próximo, sendo que tive o apoio dos restantes elementos do grupo e as minhas tarefas foram asseguradas pelos mesmos. Através de discussão com o grupo e também pela análise dos questionários de satisfação, considero que o mesmo decorreu sem grandes problemas, sendo que os pontos menos positivos apontados, tanto pelos colegas como pelos participantes, foram a comida insuficiente, assim como alguns atrasos, que se deveram ao exceder do tempo de palestra pelos responsáveis pelas mesmas. Relativamente aos conteúdos abordados, foi possível apurar que estes foram pertinentes e foram de encontro às expectativas das pessoas que assistiram ao evento. Houve uma outra possível situação problemática que acabou por ser prevista pelo grupo, que se deveu à afluência de participantes que não tinham efetuado o registo no evento, mas acabaram por aparecer no próprio dia. Ora, esta situação foi resolvida pelo grupo, ao ter reservado alguns lugares livres para estes casos.

A organização deste evento permitiu atingir os objetivos propostos para o estágio e teve também a aprovação da coordenação do Benfica LAB.

6.6. Considerações finais

O estágio realizado no Sport Lisboa e Benfica, nomeadamente no Departamento de Observação e Análise teve início no dia 6 de julho de 2015 e teve o seu término no dia 11 de junho de 2016.

Esta foi uma oportunidade que surgiu através do Mestrado em Treino Desportivo na Faculdade de Motricidade Humana. No momento em que escolhi esta opção para realizar o estágio não esperava ser selecionado, pois ao contrário dos meus colegas de turma, não tinha qualquer experiência na vertente de treino na modalidade de Futebol. Quando recebi a notícia de que tinha sido selecionado, após a entrevista realizada com os elementos do Benfica LAB, Nuno Maurício e Bruno Furtado, foi um momento de grande orgulho e responsabilidade, por ter a oportunidade de integrar uma estrutura na qual poderia adquirir e desenvolver conhecimento e, por isso, quero agradecer aos mesmos pela confiança depositada na minha pessoa.

O ano em questão foi um período que exigiu muito esforço e capacidade de trabalho, onde por vezes foi necessário sacrificar algumas questões de ordem pessoal de forma a poder apresentar as tarefas com qualidade e nos *timings* definidos. No entanto, foram opções que valeram a pena e que voltaria a tomar, pois este foi sem dúvida um ano inesquecível, quer pelas relações interpessoais criadas com elementos afetos à organização do Sport Lisboa e Benfica, quer por todo o conhecimento adquirido e que servirá como rampa de lançamento para o meu futuro profissional.

Destaco deste estágio os principais aspetos positivos:

- Relação interpessoal com os restantes estagiários, orientadores de estágio, equipa técnica e restantes elementos do Benfica LAB;
- Possibilidade de integrar uma equipa técnica e conhecer as suas metodologias para atingir patamares de excelência;
- Conhecimento proveniente de todas as tarefas operacionais;
- Possibilidade de aprender e utilizar diversas ferramentas de apoio à observação e análise;
- Participação em ações de formação promovidas pelo SL Benfica.

Como já foi referido anteriormente, um dos principais objetivos pessoais para o processo de estágio era desenvolver o conhecimento pessoal acerca do jogo e de todas as suas variáveis, sendo que tenho a humildade para reconhecer que no momento inicial do estágio este era relativamente curto. Após todas as tarefas e formações que tive a oportunidade de experienciar no Benfica LAB, o conhecimento sobre o jogo saiu sem dúvida reforçado e com as bases necessárias para poder integrar uma equipa técnica, quer na vertente de observação e análise como no treino propriamente dito. Sei, porém, que o conhecimento está em constante evolução e que será necessário da minha parte uma incessante procura pelas novas tendências, sempre com uma atitude crítica para com as mesmas.

Desempenhar o papel de observador e analista de jogo ao longo do estágio teve como consequência a clarificação daquilo que pretendo para a minha vida profissional no futuro. O papel de observador e analista de jogo é uma função chave e que deve ser considerada em todas as equipas técnicas. No entanto, no futuro, pretendo deixar esta função de parte e centrar-me em desenvolver-me como treinador, pois necessito da componente emocional vivida na condução de sessões de treino assim como o sentimento de responsabilidade no desenvolvimento de um grupo, quer nas valências técnicas, táticas, físicas e psicológicas, quer na transmissão de valores e comportamentos a adotar na vida.

Relativamente aos objetivos propostos para estágio, os mesmos foram concretizados e em alguns casos superados, sendo que foi sempre minha intenção a realização das tarefas com a qualidade e *timings* exigidos pelo Benfica LAB. Este trabalho só foi possível com a cooperação dos vários elementos que integram o Benfica LAB, assim como dos colegas estagiários.

Em jeito de conclusão, é importante ressaltar o ambiente de cumplicidade vivido com os colaboradores do Benfica LAB assim como com os colegas estagiários. Estes revelaram-se como um grande suporte ao longo do estágio, estando sempre disponíveis para auxiliar em questões relacionadas com as tarefas operacionais e questões de foro pessoal, o que ajudou a suportar o peso de estar longe de casa.

Concluindo, quero deixar um agradecimento a todos os meus colegas estagiários assim como os elementos do Benfica LAB por todo o companheirismo e referir que levo amigos para a vida.

Bibliografia

- Araújo, M., & Garganta, J. (2002). Do modelo de jogo do treinador ao jogo praticado pela equipa. Um estudo sobre o contra ataque em Futebol de Alto Rendimento. *Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física*, pp. 161-168.
- Barreira, D., & Garganta, J. (2007). Padrão sequencial da transição defesa-ataque em jogos de futebol do Campeonato Português 2004/2005. *1º Consegresso Internacional de Jogos Desportivos*.
- Bate, R. (1988). Football chance: tactics and strategy. *Science and football*, pp. 293-301.
- Bergier, J., & Buraczewski, T. (2007). Analysis of successful scoring situations in football matches. *Journal of Sports Science and Medicine*, pp. 199-209.
- Carling, C., Reilly, T., & Williams, A. M. (2009). Performance Assessment For Field Sports. *London and New York: Routledge - Talor & Francis Group*.
- Carling, C., Williams, M., & Reilly, T. (2005a). Handbook of Soccer Match Analysis. *Routledge*.
- Carling, C., Williams, M., & Reilly, T. (2005b). Handbook of Soccer Match Analysis. A systematic approach to improving performance. *Routledge*.
- Castelo, J. (1996). Futebol - A organização do jogo. *Edição de Autor*.
- Castelo, J. (2009). *Futebol - Organização dinâmica do jogo (3ª ed.)*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Comas, M. (1991). La estratégia pré partido. *Madrid: Editorial Gymnos Volume 10*.
- Di Salvo, V., Baron, R., Tschan, H., Calderon, Montero, F., Bachl, N., & Pigozzi, F. (2007b). Performance characteristics according to playing position in Elite Soccer;. *Sports Med*, pp. 222-227.
- Dufour, W. (1990). Las técnicas de observación del comportamiento motor. Fútbol: La observación tratada por ordenador. *Revista desportiva de entrenamiento*.
- Dufour, W. (1993). Computer-assisted scouting in soccer. *Science and Football*, pp. 160-166.
- Franks, I. (1997). Use of feedback by coaches and players. *Science and football III*, pp. 267-268.

- Garganta, J. (1997). Modelação Tática do jogo de futebol. *Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física*.
- Garganta, J. (2000). Análise do jogo de futebol. *Revista de Entrenamiento Desportivo*.
- Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 57-64.
- Gouveia, R. (1995). Análise à equipa adversária. *Monografia apresentada na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto*.
- Gréhaigne, J., Bouthier, D., & David, B. (1997). Dynamic-system analysis of opponent relationship in collective action in soccer. *Journal of Sports Sciences*, pp. 137-149.
- Hughes, M., & Bartlett, R. (2002). The use of performance indicators in performance analysis. *Journal of Sports Sciences*, pp. 739 - 754.
- Hughes, M., & Franks, I. (2005). Analysis of passing sequences, shots and goals in soccer. *Journal of Sports Sciences*, pp. 509-514.
- Kirkendall, D., Dowd, W., & DiCicco. (2002). T Patterns of sucessful attacks: a comparison of men's and women's games in World Cups. *Int J Soccer Sci*, pp. 29-36.
- Lago, C. (2008). El análisis del rendimiento en los deportes de equipa. Algunas consideraciones metodológicas. *Asociación científico cultural en actividade física y deporte (ACCAFIDE) Las Palmas de Gran Canaria. Revista nº.1*.
- Lee, M. (2011). The use of video feedback as a performance analysis coaching tool in amateura level ice hockey,. *Dissertação apresentada à University of Applied Science*.
- Leite, W. (2013). Euro 2012: Analysis and Evaluation of Goals Scored. *International Journal of Sports Sciences*, pp. 102-106.
- López, A., & Fernández, D. (2013). Orientaciones Metodológicas del Entrenamiento de las Acciones de Balón Parado. *Revista de Preparación Física en el Fútbol*.
- Mesquita, I., Farias, C., Oliveira, G., & Pereira, F. (2009). A intervenção pedagógica sobre o conteúdo do treinador de futebol. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esportes*, pp. 25-38.
- Mitrotasios, M., & Armatas, V. (2014). Analysis of goal scoring patterns in the 2012 European Football Championship. *The Sport Journal*.

- Moraes, J., Cardoso, M., Vieira, R., & Oliveira, L. (2012). Perfil caraterizador dos golos em equipas de futebol de alto rendimento. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, pp. 140-150.
- Moutinho, C. (1991). A importância da análise do jogo no processo de preparação desportiva nos jogos desportivos coletivos: O exemplo do voleibol. *Univ. Porto Editorial*, pp. 265-275.
- Nevill, A., & Hughes, G. A. (2008). Twenty-five years of sport performance research in the Journal of Sports Sciences. *Journal of Sports Sciences*, 413-426.
- Oliveira Silva, P. (2006). Análise do Jogo em Futebol. . *Dissertação de Mestrado apresentada à FMH*.
- Oliveira, J. (2004). Conhecimento específico em futebol: contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo de "ensino-aprendizagem-treino" do futebol. *Universidade do Porto*.
- Olsen, E., & Larsen, O. (1997). Use of match analysis by coaches. *Science and Football III*, pp. 209-220.
- Pedreño, J. M. (2014). *Scouting en Fútbol: Del Fútbol Base Al Alto Rendimiento*. Vigo: MCSports.
- Reilly, T. (1996). Motion analysis and physiological demands. *Science and Football III*, pp. 65-81.
- Santos, F., Mendes, B., Maurício, N., Furtado, B., Sousa, P., & Pinheiro, V. (2016). Análise do golo em equipas de elite de futebol na época 2013-2014. *Revista de Desporto e Actividade Física*, 11-22.
- Sarmiento, H. (2012). *Análise do jogo de futebol - Padrões ofensivos em equipas de alto rendimento: uma abordagem qualitativa*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Sarmiento, H., Anguera, T., Campaniço, J., & Leitão, J. (2010). Development and validation of a notational system to study the offensive process in football. *Medicina*, pp. 401-407.
- Sarmiento, H., Marcelino, R., Anguera, M., Campaniço, J., Matos, N., & Leitão, J. C. (2014). Match analysis in football: a systemic review. *Journal of Sports Sciences*, 37-41.

- Silva, C. (2007). Golos: uma avaliação no tempo de ocorrência no futebol internacional de Elite. *Revista Digital*.
- Silva, P., Castelo, J., & Santos, & P. (2011). Caraterização do processo de análise do jogo em clubes da 1ª liga Portuguesa profissional de futebol na época 2005/2006. *Revista Brasileira Educação Física Esporte*, 441-453.
- Tenga, A., & Larsen, O. (1998). A new method for a comprehensive analysis of a soccer match-play. *Faculty of Sports Sciences and Physical Education, University of Porto*, pp. 71-77.
- Teodorescu, L. (1984). Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos. *Livros Horizonte*.
- Vásquez, A. (2014). Fútbol: Del análisis del juego a la edición de informes técnicos. *Coruña*.
- Velásquez, R. (2005). El fútbol, factores de rendimiento para planificar se enseñanza y entrenamiento. *Educ. Fís. Deportes Rev. Digital*.
- Ventura, N. (2013). *Observar para ganhar - O Scouting como ferramenta do treinador*. Estoril: Prime Books.
- Yiannakos, A., & Armatas, V. (2006). Evaluation of the goal scoring patterns in European Championship in Portugal 2004. *International Journal of Performance Analysis on Sport*, pp. 178-188.

Anexos

É importante referir que por motivos de confidencialidade, não foi possível colocar anexos das tarefas relacionadas diretamente quer para a equipa principal assim como para os sub-16.

Anexo 1 – Tarefas de Diagnóstico: Relatório de Jogo



Sport Lisboa e Benfica



Sistema Tático

Equipa Titular:

20 – Júlio César
14 – Maxi Pereira
4 – Luisão
33 – Jardel
19 – Eliseu
7 – Samaris
21 – Pizzi
18 – Salvio
10 – Gaitán
17 – Jonas
11 – Lima



Suplentes:

1 – Artur Moraes
34 – André Almeida
2 – Lisandro López
6 – Rúben Amorim
8 – Miralem Sulejmani
15 – Ola John
9 – Derley

Sport Lisboa e Benfica



Sistema Tático

Equipa Titular:

20 – Júlio César
14 – Maxi Pereira
4 – Luisão
33 – Jardel
19 – Eliseu
7 – Samaris
21 – Pizzi
18 – Salvio
10 – Gaitán
17 – Jonas
11 – Lima



Suplentes:

1 – Artur Moraes
34 – André Almeida
2 – Lisandro López
6 – Rúben Amorim
8 – Miralem Sulejmani
15 – Ola John
9 – Derley

Alteração:
84'

Troca de jogadores numa posição direta, sai o Gaitán e entra o Ola John.

Sport Lisboa e Benfica



Sistema Tático

Equipa Titular:

20 – Júlio César
14 – Maxi Pereira
4 – Luisão
33 – Jardel
19 – Eliseu
7 – Samaris
21 – Pizzi
18 – Salvo
15 – Ola John
17 – Jonas
11 – Lima

Alteração:
87'



Suplentes:

1 – Artur Moraes
34 – André Almeida
2 – Lisandro López
6 – Rúben Amorim
8 – Miralem Sulejmani
9 – Derley

Troca de jogadores numa posição direta, sai o Samaris e entra o Rúben Amorim.

Sport Lisboa e Benfica



Sistema Tático

Equipa Titular:

20 – Júlio César
14 – Maxi Pereira
4 – Luisão
33 – Jardel
19 – Eliseu
6 – Rúben Amorim
21 – Pizzi
18 – Salvo
15 – Ola John
17 – Jonas
11 – Lima

Alteração:
89'



Suplentes:

1 – Artur Moraes
34 – André Almeida
2 – Lisandro López
8 – Miralem Sulejmani
9 – Derley

Troca de jogadores numa posição direta, sai o Maxi Pereira e entra o André Almeida.

Sport Lisboa e Benfica



Organização Ofensiva

Os jogadores iniciaram o jogo dispostos sobre um sistema: 1-4-4-2. Numa primeira fase de construção, a bola sai pelos centrais (principalmente pelo Luísão, sendo que o Jardel por vezes revela alguma dificuldade ao nível do passe) que ou colocam a bola nos laterais e a partir daí a jogada desenvolve-se através de combinações com os extremos (realizam muitos movimentos nas costas destas), ou beneficiam do recuo do Samaris que procura sempre providenciar linhas de passe à defesa para auxiliar esta primeira fase de construção. **S1** Numa segunda fase de construção, o jogador referência é o Pizzi, pois é o elemento responsável por comandar as ações ofensivas, descendo muitas vezes nos flancos, apoiando os extremos/laterais e o avançado que recua. É importante ter em mente que se este jogador encarar a baliza contrária de frente é muito perigoso pois é um elemento com boa visão de jogo e que consegue descobrir linhas de passe para colocar a bola em profundidade, sendo ele que por exemplo, inicia a jogada do primeiro gol. É preciso ter atenção que muitas vezes um dos avançados (principalmente o Jonas) recua até à zona do meio campo, efetuando combinações com os colegas. **S2** Numa terceira fase de construção, a equipa caracteriza-se por um futebol fluido, com muitas deambulações da posição **S3** (principalmente entre os dois avançados), sendo normal o Lima posicionar-se entre os centrais, enquanto o Jonas recua para auxiliar na construção do jogo e/ou criar espaços nas suas costas, que serão aproveitados pelo Pizzi ou pelos extremos da equipa. O Salvi é um elemento desequilibrador e muito agressivo nas ações de um-contrá-um procurando movimentos retílicos ou diagonais entendendo-se muito bem com o Maxi Pereira que é um elemento que participa de forma ativa nas jogadas do seu corredor. Quando o Gaitán se encontra na posse da bola é um elemento imprevisível, pois tanto pode realizar movimentos retos, procurando a linha de fundo e o consequente cruzamento, como pode derivar para o meio, sendo que quando isto acontece, por vezes um dos avançados descreve um movimento contrário ao seu, anastando consigo um marcador direto e abrindo espaços. É importante ter em conta a dupla de avançados pois caracterizam-se por uma grande mobilidade, com especial atenção ao Jonas que com a sua capacidade técnica pode fazer a diferença.

Sport Lisboa e Benfica



Situação 1: Construção de jogo numa primeira fase, onde a bola sai na posse dos centrais, sendo que a partir daí este tem de tomar uma decisão, consoante a pressão adversária e a movimentação dos colegas para: 1- aproveitar o recuo do Samaris e transmitir-lhe a bola; 2 - passar a bola as laterais que normalmente encontram-se abertos.



S2: A segunda fase de construção passa normalmente pela ação do Pizzi, sendo que se este se encontrar de frente para o alvo adversário, torna-se perigoso, pois consegue descobrir espaços para lançar os colegas.



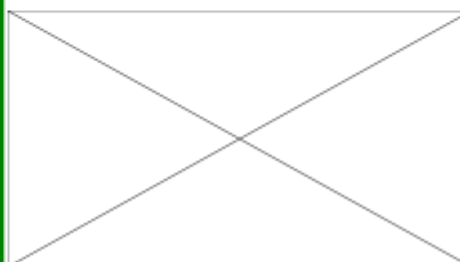
S3: A terceira fase, é um momento que se caracteriza por uma grande dinâmica de movimentos onde os jogadores assumem uma liberdade de ações que permite imprimir um grande dinamismo ao ataque. Podemos verificar no vídeo um conjunto de movimentações dos atacantes da equipa que permite em última instância a criação de espaço para que o Jonas tenha tempo e espaço para poder finalizar a jogada.

Sport Lisboa e Benfica



Transição Ofensiva

As transições ofensivas realizadas no próprio meio campo e quando existe espaço livre nas laterais realizam-se de forma muito rápida e direta, procurando normalmente a velocidade e capacidade de um-contru-um do Salvió e assim passam por um conjunto de triangulações/combinacões entre os elementos que se encontram na zona central (Pizzi-Samaris-Jonas-Lima) para e quando o extremo direito do Benfica se encontrar em posição favorável e com espaço, a bola ser colocada no mesmo. **S4** ||| Quando a bola é recuperada no meio campo adversário e não exista espaço para explorar, o portador da bola normalmente ou procura o apoio recuado ou guarda a bola enquanto os colegas de equipa realizam movimentos no sentido da baliza adversária. Resumindo, o Benfica nas suas transições ofensivas demonstra ser uma equipa experiente e que acima de tudo sabe ler os indicadores fornecidos pelo jogo e pelo adversário, moldando a sua forma de atacar consoante os mesmos, sabendo na maioria das vezes quando é que deve partir em contra ataque ou conservar a bola e atacar o alvo adversário de forma organizada e controlada.



S4: Transição Ofensiva Rápida

Sport Lisboa e Benfica



Organização Defensiva

A linha defensiva da equipa organiza-se maioritariamente à zona e em linha com um bloco médio alto, sendo que se caracteriza por defender de forma compacta com o raio de ação dos vários jogadores muito próximo. ||| A linha média apresenta-se muito agressiva e com uma mentalidade que visa a recuperação da posse de bola no menor espaço temporal possível, sendo que ambos os extremos têm o papel de marcar os laterais contrários, evitando que tenham a possibilidade de auxiliar na construção de jogo, enquanto que nos médios centro, o Pizzi é o elemento com ordens para pressionar mais alto em detrimento do Samaris que costuma ficar mais recuado. **S5** || Os dois avançados têm um papel essencial na organização defensiva, pois um destes (normalmente o Lima) pressiona os centrais enquanto que o outro (Jonas) fica com a função de acompanhar o médio adversário que procura construir jogo numa primeira fase. De forma geral, o Benfica revelou um conjunto de processos coordenados no que toca à sua organização defensiva que foram capazes de inibir o adversário de construir jogo na primeira fase de construção, obrigando-os assim ao erro, através de um tipo de jogo mais direto. **S6** || O Samaris ficou encarregue de marcar o elemento mais criativo do adversário (Rúben Micael), não de uma forma constante, mas zonal.

Transição Defensiva

No momento em que a equipa perde a posse de bola no seu meio campo (e se estiver em inferioridade numérica), existe a preocupação em haver uma contenção, recuando as linhas, aguardando que os restantes jogadores retomem as suas posições e auxiliem o processo defensivo. || Quando a bola é recuperada pelo adversário no seu meio campo, os avançados têm um papel fulcral na medida em que um pressiona o portador da bola enquanto que o outro realiza uma espécie de cobertura, esperando a próxima ação do adversário. Os extremos também são importantes pois ou efetuam pressão sobre o lateral (se este tiver na posse de bola) ou posicionam-se de forma a que se a bola chegar a estes, possam efetuar uma pressão imediata. Em relação aos médios mais centrais, o Pizzi é responsável por fazer uma pressão mais agressiva enquanto que o Samaris tem um papel mais posicional e/ou de cobertura.

S7

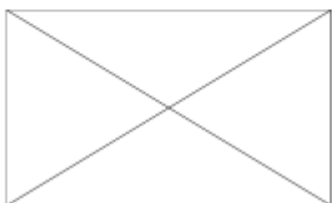
Sport Lisboa e Benfica



S5: Verificamos que a defesa encontra-se em linha, enquanto que os jogadores que formam as linhas mais avançadas encontram-se todos próximos da zona onde se encontra a bola, onde o Lima e o Pizzi realizam uma pressão intensa que visa a recuperação da mesma, enquanto que o Gaitán assume uma posição que lhe permite pressionar o lateral adversário, se assim for necessário.



S6: Verifica-se uma pressão alta da parte das linhas avançadas da equipa onde os avançados não deixam que os defesas centrais recebam a bola, assim como os extremos assumem uma posição para que se o esférico for distribuído para os laterais, estes possam exercer de imediato pressão sobre os mesmos.



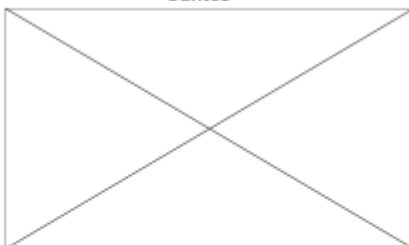
S7: Existe uma intenção de obrigar a defesa do adversário a jogar de forma direta com uma pressão intensa dos avançados e um posicionamento de forma a impedir os laterais assim como os médios de poderem receber a bola.

Sport Lisboa e Benfica



Bolas Paradas Ofensivas

Cantos

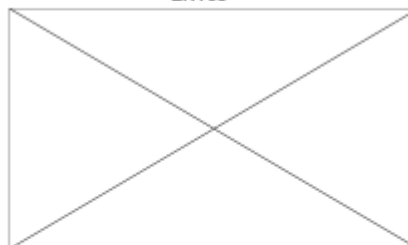


Nos cantos ofensivos, a equipa apresenta basicamente três formas de se executar:

- 1 – A bola é batida para a zona de marcação das grandes penalidades, onde apareceram normalmente o Luísão e o Jardel sem a oposição do seu adversário direto, fruto das movimentações e até algum bloqueio dos colegas;
- 2 – A bola é batida para o segundo poste onde aparece o Jardel a cabecear (ou a tentar) para a zona de marcação das grandes penalidades onde se encontra principalmente o Luísão pronto a finalizar;
- 3 – Canto curto, onde o Salvié com um primeiro toque em direção da linha final engana o seu adversário direto ficando com tempo e espaço para colocar a bola na zona de penalty, onde se verifica uma grande concentração de jogadores.

NOTAS: Pizzi é o jogador encarregado da marcação dos cantos ofensivos; Existe o posicionamento constante de um jogador na zona da meia-lua que por norma é o Samir; Fica sempre um jogador no meio campo que na maioria das vezes foi o Maxi Pereira ou o Eliseu; Nestes lances é importante que ter um silêncio que tanto o Jardel como o Luísão representam os maiores focos de perigo e assim, devem ser marcados de forma apertada; Existe sempre um jogador fixo na zona de penalty que na maioria das vezes foi o Jonas. Os restantes jogadores além do Jonas, Jardel e Luísão realizam um conjunto de movimentações com o intuito de tentar tentar colocar a bola e finalizar como de tentar que as defesas centrais tenham o espaço necessário para poderem finalizar a jogada.

Livres



Nos livres ofensivos a equipa apresenta maioritariamente duas formas de atuar:

- 1 – A bola é colocada na zona de penalty;
- 2 – A bola é colocada no 2º poste de forma a ser cabeçada (normalmente é o Jardel o encarregado destes lances) para a zona de penalty onde se encontram um conjunto de jogadores fruto de um conjunto de movimentações coletivas.

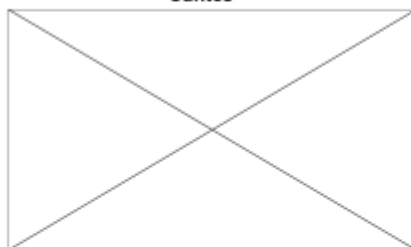
NOTAS: Pizzi é o jogador encarregado pela marcação; Existe o posicionamento na zona da meia-lua de um jogador; Um dos laterais fica atrás enquanto o outro fica perto da zona da bola; Normalmente a equipa coloca 5 jogadores na grande área para o momento de finalização; Jogadores referenciados são claramente o Jardel e o Luísão pela sua capacidade e por aquilo que conseguem oferecer à equipa neste tipo de lances;

Sport Lisboa e Benfica

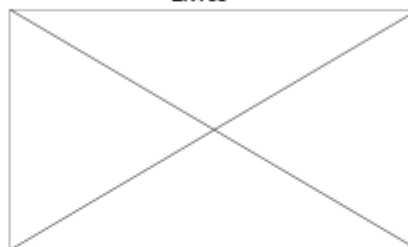


Bolas Paradas Defensivas

Cantos



Livres



A equipa apresentou a capacidade de se adaptar às diferentes formas de execução dos cantos defensivos adversários, de forma a que:

- 1 – Quando o canto é executado de forma curta, existe a movimentação de dois jogadores do Benfica de forma a marcar tanto o adversário que inicia o lance como o que recebe a bola;
- 2 – Quando o canto é batido de forma direta, os jogadores concentram-se na grande área;

Na grande área encontram-se um jogador a marcar o poste mais próximo do lado em que o canto é batido e depois uma linha de 5 jogadores na linha limite da pequena área, sendo que à frente desta mesma linha encontram-se dois jogadores soltos que acompanham a trajetória da bola;

NOTAS: Normalmente a equipa deixa apenas um jogador na zona do meio campo, sendo que os restantes concentram-se na grande área. O maior foco de perigo deu-se com os cantos curtos e posteriormente a colocação da bola ao segundo poste.

Os jogadores formam uma linha na zona limite da grande área, sendo que quando a bola é batida pelo adversário, existe uma movimentação no sentido de acompanhar a sua trajetória para de seguida atacar a mesma;

Não existe a preocupação dos jogadores com mais capacidades em termos defensivos e de marcação em marcar os jogadores mais altos e mais fortes ao nível do cabeceamento adversários, sendo que isto pode revelar-se um ponto de instabilidade e de grande perigo.

Sport Lisboa e Benfica



Análise Individual

Nº.	Nome	Descrição
20	Júlio César	Não foi verdadeiramente testado, dado que o Braga pouco ou nada produziu em termos ofensivos;
14	Maxi Pereira	Boa capacidade física, muito determinado e proporciona uma grande profundidade ao jogo ofensivo da equipa pelo seu flanco;
4	Luísão	Líder da defesa, bem posicionado, revelou boa leitura de jogo o que permitiu antecipar-se em alguns lances ao adversário;
33	Jantel	Bem posicionado e rápido o que lhe permite ser importante no processo defensivo, tanto no desarme ao adversário, como a cobrir a ação dos colegas. Revela algumas dificuldades no passe;
19	Eliseu	Lateral que ataca melhor do que defende. Tentou dar apoio ao Gaitán sempre de uma forma comedida, sendo que avançou no terreno após a expulsão adversária e conseguiu alguns remates perigosos e inclusive, marcar um gol;
7	Samaris	Jogador referência na primeira fase de construção, revelou boa capacidade de ler o jogo e de transportar a bola, no entanto falhou alguns passes que com um adversário mais atrevido em termos ofensivos, poderia ter resultado em perigo para a sua equipa;
21	Pizzi	Importante na manobra ofensiva da equipa, boa capacidade de passe e de leitura do jogo, o que permitiu descobrir colegas em posições privilegiadas;
18	Salvio	Rápido, boa capacidade técnica e sem medo de assumir o confronto contra o adversário direto;
10	Gaitán	Imprevisível, pois tanto realiza movimentos em direção da linha como flete para o meio e realiza passes de rotura. Muito bom tecnicamente;
17	Jonas	Bom jogador técnico e muito inteligente, capaz de perceber os diversos momentos do jogo;
11	Lima	Jogador muito determinado que trabalha imenso em prol da equipa, quer na pressão ao portador da bola, quer na procura constante em criar linhas de passe. Razoável tecnicamente;
15	Ola John	No pouco tempo que esteve em campo conseguiu realizar um bom cruzamento e um lance em que dribla dois adversários e remata à baliza;
6	Ruben Amorim	Desempenhou um papel semelhante ao Samaris, sendo responsável pela primeira fase de construção;
34	André Almeida	Pouco tempo em campo, tentou auxiliar o ataque.

*Identificação clara no nome dos jogadores em modo de apresentação

Sport Lisboa e Benfica



Outras Informações

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<ol style="list-style-type: none"> Existência de um conjunto de padrões coletivos ofensivos que permitem que a equipa se caracterize por uma grande dinâmica ofensiva; Capacidade de realizar um pressing alto e coordenado; Ataque constituído por jogadores muito fortes tecnicamente; 	<ol style="list-style-type: none"> Eliseu pode ser um problema devido ao seu fraco posicionamento contra equipas mais atrevidas ofensivamente;

Sporting Clube de Braga



Sistema Tático

Equipa Titular:

92 – Matheus
 15 – Baiano
 33 – Aderlan
 6 – André Pinto
 3 – Tiago Gomes
 25 – Pedro Tiba
 19 – Danilo
 14 – Rúben Micael
 90 – Pardo
 20 – Zé Luis
 18 – Rafa



Suplentes:

1 – Stanislav Kritciuk
 2 – Vincent Sasso
 8 – Luiz Carlos
 23 – Pedro Santos
 30 – Alan
 7 – Salvador Agra
 17 – Éder

Sporting Clube de Braga



Sistema Tático

Equipa Titular:

92 – Matheus
15 – Baiano
33 – Aderlan
6 – André Pinto
3 – Tiago Gomes
25 – Pedro Tiba
19 – Danilo
14 – Rúben Micael
90 – Pardo
20 – Zé Luis
18 – Rafa

Alteração:
61'



Suplentes:

1 – Stanislav Kritciuk
2 – Vincent Sasso
8 – Luiz Carlos
23 – Pedro Santos
30 – Alan
7 – Salvador Agra
17 – Éder

Devido à expulsão do Tiago Gomes, o treinador do Braga substituiu o Rúben Micael pelo Pedro Santos, colocando o último no lugar do jogador expulso.

Sporting Clube de Braga



Sistema Tático

Equipa Titular:

92 – Matheus
15 – Baiano
33 – Aderlan
6 – André Pinto
23 – Pedro Santos
25 – Pedro Tiba
19 – Danilo
90 – Pardo
20 – Zé Luis
18 – Rafa

Alteração:
71'



Suplentes:

1 – Stanislav Kritciuk
2 – Vincent Sasso
8 – Luiz Carlos
30 – Alan
7 – Salvador Agra
17 – Éder

De forma a providenciar um elemento que não estivesse fatigado ao ataque, o treinador do Braga optou por retirar o Zé Luis, introduzindo o Salvador Agra, posicionando-o na lateral esquerda, reposicionando o Rafa no centro do terreno.

Sporting Clube de Braga



Sistema Tático

Equipa Titular:

92 – Matheus
15 – Baiano
33 – Aderlan
6 – André Pinto
23 – Pedro Santos
25 – Pedro Tiba
19 – Danilo
90 – Pardo
18 - Rafa
7 – Salvador Agra

Alteração:
78'



Suplentes:

1 – Stanislav Kritciuk
2 – Vincent Sasso
8 – Luiz Carlos
30 – Alan
17 - Eder

Substituição do Rafa (que aparentava um certo desgasto) pelo Eder.

Sporting Clube de Braga



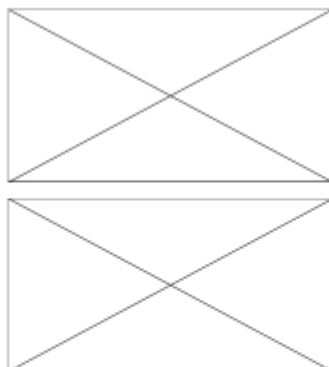
Organização Ofensiva

A equipa iniciou o jogo num sistema 1-4-2-3-1 com uma linha de quatro defesas (Tiago, André, Aderlan, Baiano), dois médios (Tiba, Danilo) com funções de apoiar, tanto o processo de ataque como de defesa, deixando o médio mais avançado (Rúben Micael) um pouco mais livre de tarefas defensivas, dois extremos (Rafa, Pardo) com a preocupação de acompanhar o lateral adversário e um ponta de lança (Zé Luis). O facto de o Braga estar a jogar contra um adversário que normalmente assume um pressing alto teve como consequência a inexistência da criação de jogo numa primeira fase de construção, na medida em que o processo ofensivo da equipa desenvolveu-se quase sempre através de um tipo de passe mais direto à procura do jogo de cabeça do seu ponta de lança (Zé Luis), esperando o movimento nas costas dos anéis os extremos. 50 [1]. Como foi referido, a equipa nunca teve a capacidade ou sequer a mentalidade de tentar abarcar o jogo, criando jogo a partir de uma primeira fase, quer pela incapacidade técnica dos defesas centrais em contrariar o pressing alto contrário, quer pelo papel dos dois médios de apoio que não eram capazes de fornecer linhas de passe seguras de forma a desenvolver o jogo. 53 – 510 [2]. De forma geral, a estratégia do Braga passou essencialmente por defender de forma compacta, para após a recuperação da posse de bola, tentar colocar a mesma no espaço das costas da defesa de forma a serem aproveitadas tanto pelos extremos, como pelo ponta de lança, sendo esta uma estratégia que não surtiu efeito, pois não houve nenhum lance perigoso a partir desta tipo de padrão coletivo. Mesmo após sofrer o primeiro gol, a sua forma de organizar as ações ofensivas nunca se alterou, sendo que a primeira alteração tática deu-se devido a um momento chave do jogo que foi a expulsão do Tiago Gomes, sendo que a partir deste momento, a equipa passou a jogar num sistema: 1-4-4-1 [3]. O processo de organização ofensiva da equipa depende em grande parte daquilo que o Rúben Micael pode realizar quando se encontra na posse de bola e assim, é importante que o mesmo seja acompanhado de perto, evitando que seja capaz de estar de frente para a baliza adversária e acima de tudo, tenha tempo e espaço para organizar o ataque da sua equipa.

Transição Ofensiva

Após a recuperação da posse de bola, a equipa procura na maioria das vezes, o seu jogador referência no que toca à construção de jogo que é o Rúben Micael, sendo este o elemento da equipa com maior propensão e capacidade de pautar o jogo da equipa e assim, a estratégia para as transições passou por colocar a bola nas costas da defesa para que os extremos aproveitassem o espaço livre ao procurar o ponta de lança colocando a bola entre o lateral e o defensor central. Quando o Rúben Micael encontrava-se marcado ao fim da jogada e a bola estava na posse de um dos outros jogadores do meio campo, o processo é semelhante. Resumindo, as transições ofensivas da equipa funcionam à base de um futebol direto, que visa explorar um possível mau posicionamento alto cobertura dos laterais adversários (isto que a forma de jogar do Benfica depende em grande parte do apoio fornecido pelos seus laterais) de forma a isolar um dos extremos, sendo que o ponta de lança, o extremo central e o médio mais avançado acompanham sempre a ação visando uma possível ação de finalização, embora a mesma nunca se tenha verificado ao longo do encontro.

Sporting Clube de Braga



S8 - S9: A organização ofensiva da equipa assume predominantemente um estilo muito direto, procurando maioritariamente o jogo aéreo do Zé Luís, de forma a procurar os movimentos pelas suas costas dos extremos. Quando a bola encontra-se na posse da equipa perto da sua baliza, nota-se claramente a dificuldade da parte dos centrais (principalmente do André Pinto) em progredir com a bola controlada ou na ação de passe, sendo este um ponto fraco que foi muito bem explorada pela equipa adversária.



S10: Nesta imagem nota-se a falta clara do auxílio de um dos médios para auxiliar o processo de construção de jogo, sendo que isto também pode dever-se a indicações da parte do treinador para quando a bola se encontrar nas defesas centrais/guarda-redes esta ser bombeada para a zona do meio campo.

Sporting Clube de Braga



Organização Defensiva

A forma de defender da equipa centra-se num sistema de jogo: 1-4-4-1-1, sendo que o Zé Luís é o elemento mais avançado da equipa e responsável por realizar pressão ao portador da bola. || Num primeiro fase do jogo, o Braga procura posicionar a sua defesa de forma próxima da linha de meio campo, orientando-a em linha e marcando à zona. A dupla de centrais (Aderlan e o líder da defesa) tenta controlar os avançados contrários jogando em antecipação, sendo que por vezes, esta situação originava a criação de espaços nas costas do defesa que se antecipava à ação contrária, e assim estas espaços poderiam ter sido aproveitadas pelos movimentos interiores dos extremos adversários. || Consoante o avançar do tempo e com o avolumar de jogo ofensivo do adversário, a equipa baixou a sua linha para uma posição média-baixa. **S11 - S12** || Os extremos têm o papel de auxiliar o processo ofensivo, acompanhando normalmente o lateral adversário, sendo que cabia ao Rafa (então houve um período do jogo em que os extremos trocaram de lado) a tarefa mais difícil, dada a propensão ofensiva do seu lateral adversário (Rafael Pereira). **S13** || A linha de dois homens do meio campo (Tiba - Danilo) apresenta alguma descoordenação quer no processo defensivo, sendo que o primeiro gole do Benfica nasce da falta de coordenação destes dois elementos (um devia ter pressionado o Pizzi e o outro fechado o espaço central), quer no processo ofensivo, pois nunca foram capazes de coordenar ações de forma a voltar a criação de linhas de passe e de espaços vazios. **S14** || Após sofrer o primeiro gol, o Braga tentou reagir, adiantando novamente a linha defensiva, de forma a acompanhar a subida das linhas do meio campo e do ataque, tentando pressionar o adversário ainda no seu meio campo. || Com a expulsão do Tiago Gomes, o treinador do Braga optou por retirar o Rúben Micael e colocar o Pedro Santa (posição natural: defesa) no lugar do jogador expulso e assim, o Braga passou a utilizar o seguinte esquema tático: 1-4-4-1. A equipa em geral, passou a adotar uma atitude mais conservadora no que toca à recuperação da posse de bola e passou a ocupar uma posição mais baixa no terreno e mais próxima da sua baliza. || O maior foco de desestabilização (além da expulsão) passou a ser o posicionamento de Pedro Santa como defesa esquerdo, sendo que isto originou a criação de espaços nas suas costas que foram aproveitadas pela ala direita adversária.

Transição Defensiva

Nas transições defensivas efetuadas no meio campo adversário a equipa demonstrou inicialmente uma intenção em pressionar alto, mas na mesma medida alguma descoordenação nas linhas e no posicionamento correto a adotar, sendo que passou a pressionar a o meio de ação da bola com os jogadores que lá se encontravam, enquanto que os restantes recuperavam, revelando no entanto alguma apatia ou falta de agressividade. **S15** || Após o primeiro gol sofrido, a equipa procurou novamente tentar realizar um pressing mais alto, pressionando o adversário ainda no seu meio campo, mas novamente, a falta de pressão e posicionamento coletivo resultou na criação de espaços livres entre a linha de defesa e do meio campo que foram aproveitados pelo adversário para criar situações de finalização. || A partir do momento da expulsão de Tiago Gomes, a equipa optou por baixar as linhas defendendo maioritariamente com todos os jogadores atrás da linha da bola, ficando a cargo do Zé Luís ser o primeiro jogador a escutar pressão sobre o portador da bola (na zona central).

Sporting Clube de Braga



S11 – S12: Defesa em linha com grande proximidade da linha do meio campo, onde podemos verificar que não existe uma marcação H-H da parte dos defesas centrais, mas sim a procura de haver uma antecipação às ações do adversário, como é visível nas fotos, onde verificamos a movimentação do Aderlan Santos. Este tipo de movimentação da parte dos defesas, origina a criação de "buracos" que poderiam ter sido aproveitados pelo avançado que não efetua a ação de recuo no terreno ou pelos extremos através de movimentos interiores.

S13: Ao longo do jogo foi possível verificar que, os extremos da equipa tinha instruções claras para acompanhar as subidas do lateral adversário, principalmente o extremo que tinha de acompanhar o Maxi Pereira.

Sporting Clube de Braga



S14: Falta de coordenação entre a dupla Tiba-Danilo origina o primeiro golo do Benfica, na medida em que um devia ter pressionado o portador da bola enquanto o outro fechava o espaço.

S15: Com a entrada do Pedro Santos para o lugar do expulso Tiago Gomes, passou a haver espaços para explorar nas suas costas, fruto do mau posicionamento do jogador que foram aproveitados tanto pelos avançados como pelo médio mais atacante do adversário.



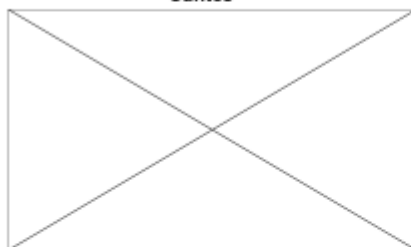
S16: Existe a intenção de tentar recuperar a posse da bola no meio campo adversário, mas alguma passividade/mau posicionamento de alguns jogadores resultam num desequilíbrio tático da equipa e que permite transições ofensivas rápidas ao adversário.

Sporting Clube de Braga



Bolas Paradas Ofensivas

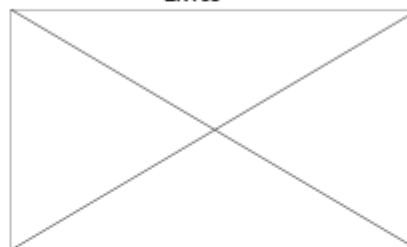
Cantos



Os cantos ofensivos foram executados através de duas formas:
1 – Canto curto cobrado pelo Pardo com o possível apoio do Rúben Micael, a bola é colocada na esquina da grande área para o cruzamento ao segundo poste do Tiago Gomes, na tentativa de encontrar a referência ofensiva neste tipo de lances que é o Aderlan Santos. Encontravam-se 6 jogadores da equipa na área adversária, sendo que 2 ficaram na zona de meio campo;
2 – Canto batido de forma direta pelo Salvador Agra para a zona de penalty, onde não existe qualquer movimentação coletiva conjunta, sendo que os jogadores estão dispostos à volta da marca de grande penalidade, encontrando-se o Aderlan e o André Pinto no epicentro do conjunto.

NOTAS: É necessário dar a devida atenção à capacidade que o Aderlan Santos possui em abordar lances de bola parada ofensivos.

Livres



No decorrer do jogo a equipa apresentou três formas de bater os livres:

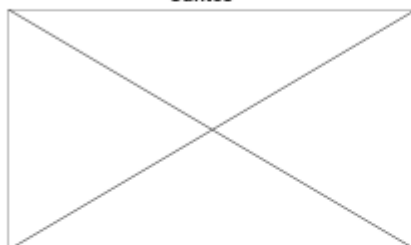
- 1 – Remates de longa distância que não revelaram qualquer perigo;
- 2 – Bola colocada na grande área onde se encontravam 6 jogadores posicionados em linha e prontos a acompanhar a trajetória da bola de forma a poder atacá-la. Este tipo de lance não revelou qualquer estratégia ou movimentação com uma intencionalidade coletiva;
- 3 – Livre lateral perto da bandeirola de canto, onde a bola foi transferida para trás para o remate do Tiba, sendo este um lance que levou perigo à baliza adversária não tanto pelo aspeto qualitativo do remate mas principalmente pela desconcentração do Jonas em acompanhar a subida dos restantes elementos, sendo que isto permitiu deixar vários jogadores do Braga em posição privilegiada para finalizar;

Sporting Clube de Braga



Bolas Paradas Defensivas

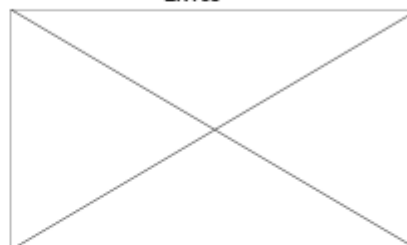
Cantos



No momento de defender os cantos adversários, a equipa assume predominantemente uma marcação H-H, deixando no entanto alguns jogadores em postos específicos: no 1º poste, no 2º poste e à entrada da grande área.

Existe uma clara intenção da equipa em marcar de forma apertada alguns dos jogadores adversários mais perigosos, como por exemplo, o Jonas, Jardel e o Luisão.

Livres



Na defesa de livres atacantes adversários onde exista a possibilidade da baliza ser visada, existe a preocupação em colocar a equipa alinhada consoante a linha limite da grande área, onde os defesas centrais da equipa têm a responsabilidade de marcar os jogadores adversários mais perigosos.

Sporting Clube de Braga



Análise Individual

Nº	Nome	Descrição
52	Mathias	Guarda redes seguro, bom sentido posicional e capaz de tomar boas decisões. No entanto, revela alguma dificuldades técnicas na relação com a bola, principalmente ao nível do passe longo;
15	Baiano	Elemento que procura sempre que possível dar profundidade ao seu flanco;
33	Aderlan Santos	Líder da defesa, revelou-se atento às movimentações adversárias. Possui um bom sentido posicional e capacidade de desarme;
6	André Pinto	Não esteve ao nível do companheiro do sector revelando dificuldades para acompanhar as constantes movimentações dos avançados adversários. Revelou ainda uma incapacidade técnica para progredir com a bola controlada;
3	Tiago Gomes	Dificuldades para marcar o Salvo, sendo que por vezes o seu mau posicionamento, permitiu a criação de espaços nas suas costas. Expulso;
25	Pedro Tiba	Jogador combativo que tinha a função de ligar a linha defensiva à linha atacante. Esteve melhor a defender (principalmente na pressão ao portador da bola) do que a atacar;
19	Danilo	Grande preponderância na recuperação da posse bola e no equilíbrio da equipa, no entanto podia ter assumido um papel mais fulcral numa primeira fase de construção;
14	Rúben Micael	Faz um jogo aquém das suas capacidades fruto da marcação e pressão constante de que foi alvo;
90	Pardo	Lutou muito e auxiliou a defesa acompanhando o ala contrário, ainda assim fica ligado ao segundo golo do Benfica;
18	Rafael Silva	Papel importante a ajudar a fechar o comedor, no entanto no processo de ataque foi uma peça a menos;
20	Zé Luis	Sozinho na frente, foi importante para ganhar alguns lances aéreos e liderar uma primeira fase de pressão;
23	Pedro Santos	Entrou para desempenhar o papel de defesa esquerdo, mas denotou imensas dificuldades ao nível do posicionamento;
7	Salvador Agra	Entrou com vontade de alterar o estado do jogo, mas não conseguiu ser uma mais valia;
17	Éder	Entrou a poucos minutos de acabar o jogo e não teve nenhuma ação relevante;

Sporting Clube de Braga



Outras Informações

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<ol style="list-style-type: none"> 1. Guarda Redes que transmite segurança à equipa; 2. Aderlan é um bom defesa e líder que consegue ser perigoso nas bolas paradas ofensivas. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dupla Tiba-Danilo revela descoordenação quer numa dimensão defensiva, quer atacante; 2. Incapacidade da equipa em criar jogo numa primeira fase de construção contra equipas que executam um pressão alta; 3. Dificuldade dos defesas centrais em participar na construção de jogo; 4. Falta de dinâmicas ofensivas.



Nota: Os espaços em branco que se encontram sem imagem, dizem respeito a zonas onde foram introduzidos clips de vídeo como suporte à informação introduzida.

Anexo 2 – Observação ao Adversário «in loco»



Relatório de Observação

Sandro Miguel Gonçalves Canha



2ª Jornada - Domingo, 23 de Agosto de 2015 – 17H00

Estádio António Coimbra da Mota - 1387 Espetadores

Árbitro: Luís Godinho



Estoril Praia

2 – 0

Moreirense

10 – Gerso 67'
9 – Léo Bonatini 80'

Nº	Jogador Titular						
1	Pawel Kieszek						
5	Anderson Luis						
2	Yohan Tavares						
34	Diego Carlos						
7	Mano	4T					
6	Afonso Taira						
55	Babanco	7T					
31	Leandro Chaparro						84'
20	Bruno César						89'
10	Gerso			1	1		92'
9	Léo Bonatini			1			
Nº	Jogador Suplente						
12	Georgemy						
15	Diakhité						
13	Anderson Essi						84'
27	Matheus						
33	Matheusinho						92'
8	Bilal						
30	Dieguinho						89'

Nº	Jogador Titular						
1	Nilson						
12	Pedro Coronas						38'
26	Marcelo Oliveira	63'					
4	Danielson						
6	Evaldo						
66	Filipe Gonçalves	87'					
7	Alan Schons						
95	Pierre Sagna						
23	Vitor Gomes						
25	Luis Carlos	1T					68'
29	Boateng						76'
Nº	Jogador Suplente						
52	Stefanovic						
2	André Micael						
13	João Sousa						
27	Patrick						38'
9	Ramón Cardozo						76'
11	Ernest						
17	Fati						68'

1. Sistema Tático Inicial



1.1. Variações do Sistema Tático Inicial

Foram efetuadas 3 substituições ao longo do jogo:

1ª Parte - 38' (lesão): Sai 12 - Pedro Coronas | Entra 27 - Patrick | 95 - Pierre Sagna faz a posição de Defesa Lateral Direito no lugar do jogador que saiu, o 25 - Luís Carlos passa a desempenhar a posição de ALA Direito, enquanto que o jogador que entrou 27 - Patrick assume a posição de ALA Esquerdo; **Sistema Tático Inicial mantém-se apesar das alterações.**

2ª Parte - 68': Sai 25 - Luís Carlos | Entra 17 - Fati | Troca de jogadores que assumem a mesma posição; **Sistema Tático Inicial mantém-se apesar das alterações.**

2ª Parte - 76': Sai 29 - Boateiro | Entra 9 - Ramon Cardoso | Troca de jogadores que assumem a mesma posição; **Sistema Tático Inicial mantém-se apesar das alterações.**

NOTA: Com as alterações que o jogo foi sofrendo, a equipa do Moreirense nunca abandonou o sistema tático inicial, no entanto verifica-se que após sofrer o primeiro gol é a medida que o jogo aproxima-se do fim, que passa a haver uma maior distância entre os sectores, vincando a utilização permanente de jogo direto.

2. Organização Ofensiva

Em fase de Organização Ofensiva, a equipa do Moreirense dispõe-se no terreno através de um 4-2-3-1. O processo ofensivo da equipa baseia-se principalmente através de pontapés longos para os corredores laterais executados pelo GR 1 - Nilson (boa capacidade no que diz respeito ao passe longo), solicitando outros jogadores a executar os **ALAS 25 - Luís Carlos | 95 - Pierre Sagna | 27 - Patrick** e do **PL 29 - Boateiro**. Os **DL's 12 - Pedro Coronas | 6 - Eraldo | 95 - Pierre Sagna** proporcionam pouco auxílio ofensivo, principalmente na Zona de Decisão o que resulta no facto de normalmente, nesta zona e principalmente nos corredores laterais, os **ALAS** encontram-se em inferioridade numérica perante o adversário. Os **DC's 26 - Marcelo Oliveira | 4 - Danielson** são elementos seguros defensivamente, mas que demonstram várias dificuldades no que diz respeito à construção de jogo, optando na maioria das vezes por lançar a bola para o elemento mais avançado da equipa. A equipa assume um jogo predominantemente direto, devido à incapacidade de construção, nas Zonas de Construção e Preparação, pois nenhum dos **MC's 66 - Filipe Gonçalves** (médio mais recuado) | 7 - Alano Schons (médio com mais liberdade posicional) é capaz de recuar no terreno e assumir este processo, assim como a falta de cobertura ofensiva dos jogadores mais adiantados no terreno, verificando-se uma distância considerável entre os sectores da equipa. Quando existe efetivamente a tentativa de construção de jogo em zonas mais adiantadas do terreno, a equipa resiste-se do facto de possuir dois **MC's** que partilham na maioria das vezes os mesmos espaços e que são pouco móveis, aliado à incapacidade do **MO 23 - Vitor Gomes** em assumir o papel de principal referência na construção de jogo da equipa, sendo incapaz de ligar o jogo ofensivo da equipa. Os **ALAS 25 - Luís Carlos | 95 - Pierre Sagna | 27 - Patrick** não foram capazes de dar a profundidade e amplitude que a equipa precisava, devido ao facto de a equipa procurar um jogo mais direto, assim como da falta de apoio tanto dos **DL's** assim como de um dos **MC's** ou **MO**. O **PL 29 - Boateiro** é o elemento mais ofensivo da equipa sendo submetido a diversos duelos aéreos ao longo do jogo. Procura de forma constante proporcionar linhas de passe ao portador da bola, sendo que uma das suas movimentações mais características passa por movimentos verticais nas costas dos **DL's** adversários; Para o lugar do **29 - Boateiro** entrou o **9 - Ramon Cardoso**, que tem características diferentes do primeiro, revelando-se um jogador mais posicional, bom cabeceamento e boa capacidade de segurar a bola.

3. Transição Defensiva

A equipa do Moreirense raramente se encontra desequilibrada nas transições defensivas, pois normalmente realinha as suas ações defensivas apenas com os **ALAS, MO** e **PL**. No momento da perda da posse de bola, atacam a bola, o jogador que a perdeu e o elemento que se encontra mais próximo da zona; Os restantes elementos posicionam-se atrás da linha da bola. Os jogadores em geral, revelam falta de agressividade na recuperação da posse de bola (com a exceção do **66 - Filipe Gonçalves**) concedendo ainda demasiado espaço ao adversário para efetuar as suas ações. Quando a equipa perde a bola na Zona de Decisão, os **ALAS, MO** e **PL** demoram algum tempo a recuperar as suas posições.

4. Organização Defensiva

Em Organização Defensiva, a equipa assenta sobre um sistema tático em 4-4-2 que se transforma num 4-4-1-1 quando o adversário consegue entrar na sua Zona Defensiva, ficando assim o **PL 29 - Boateiro** no meio campo, enquanto que o **MO 23 - Vitor Gomes** posiciona-se em zonas adjacentes às dos **MC's**; O Moreirense mantém a linha defensiva e média com pouca distância de forma a evitar espaços entre linhas, defendendo de forma compacta e com a maioria dos seus jogadores atrás da linha da bola. Os **DC's 26 - Marcelo Oliveira | 4 - Danielson** são dois elementos razoavelmente bons no momento defensivo, com boa estatura, complexidade física, ganhando alguns lances em antecipação. Os **DL's 12 - Pedro Coronas | 6 - Eraldo | 95 - Pierre Sagna** proporcionam demasiados espaços nas suas costas, sendo que isto deve-se muitas vezes a saídas da sua zona na tentativa de antecipação às jogadas do adversário; Estes espaços são aproveitados pelos médios adversários que levam a uma consequente movimentação de um dos **MC's 66 - Filipe Gonçalves** ou 7 - Alano Schons para acompanhar o movimento do adversário, fazendo com que o outro **MC** fique em inferioridade numérica na sua zona; O mau posicionamento dos **DL's** também obriga por vezes a que um dos **DC's** tenha de intervir cobrindo a sua posição, resultando na criação de espaços na linha defensiva que podem ser utilizados pelo adversário para penetrar na defesa da equipa e colocar bolas em profundidade; É importante salientar ainda que os **DL's** da equipa são pouco agressivos e permitem espaço e tempo necessário ao adversário nos corredores laterais na Zona de Decisão (do adversário) para efetuarem cruzamentos para a grande área. Em relação aos **MC's**, o **66 - Filipe Gonçalves** é o elemento mais importante na organização defensiva da equipa pois revela-se como um membro importante na ocupação dos espaços e na pressão ao adversário na Zona Defensiva/2ª Zona de Recuperação. Os **ALAS 25 - Luís Carlos | 95 - Pierre Sagna | 27 - Patrick** têm um papel importante no processo de organização defensiva da equipa, pois referenciam os **DL's** adversários e acompanham-nos se estes revelarem a intenção de atacar os espaços nos corredores laterais; No entanto, revelam-se pouco agressivos na recuperação da posse de bola. O **PL 29 - Boateiro** é o elemento que tem a função de pressionar o adversário no meio campo avançado, sendo que a partir do momento em que este consegue transitar para o meio campo defensivo da equipa do Moreirense, posiciona-se na zona central (incluindo corredores), de forma a auxiliar a transição ofensiva da equipa. **NOTA:** Mesmo após sofrer o primeiro gol, a organização defensiva da equipa não se alterou de forma radical, dado que continuaram a defender no seu próprio meio campo à exceção do **MO** e **PL** que tentaram pressionar o portador da bola no meio campo adversário. É importante referir que começou a haver mais espaços entre linhas a partir do momento em que a equipa sofreu o primeiro gol.

5. Transição Ofensiva

Quando a equipa consegue recuperar a posse de bola, procura de imediato o **PL 29 - Boateiro** através de jogo direto; Se o jogador conseguir receber a bola e tiver espaço para progredir, é isso que fará, independentemente de haver cobertura ofensiva ou não; Se não tiver espaço para progredir com a bola controlada e estiver a ser pressionado pelo adversário, tenta segurar a bola, esperando pela subida dos **ALAS**. Foram raras as situações em que a equipa conseguiu construir uma jogada de perigo através de transições ofensivas, dado que a maioria das recuperações são realizadas na sua Zona Defensiva (fruto da forma de defender) e após a recuperação, a bola é enviada para o **PL** que se encontra no meio campo despojado e na maioria dos casos em inferioridade numérica; De forma geral, neste tipo de transição temos de ter atenção principalmente aos movimentos laterais do **PL** à procura da bola e a subida dos **ALAS** para dar apoio à ação ofensiva.

6. Esquemas Táticos

Esquemas Táticos Ofensivos

Canos Ofensivos: Marcadores: 23 - Vitor Gomes (Aberto/Fechado); 6 - Eraldo (Aberto); - 2 jogadores no meio campo; 2 jogadores à entrada da grande área; 5 jogadores na grande área (2 movimentam-se para o 1º Espaço Interior; 2 para o 2º Espaço Interior; 1 para o 3º Espaço Interior); **A bola é colocada no 1º Espaço Interior/2º Espaço Interior;** REFERÊNCIAS: 26 - Marcelo Oliveira; 4 - Danielson.
Livres Ofensivos: Frontal: Marcador: 17 - Fati - Livre frontal desviado para canto pelo GR.
Lateral: Marcador: 23 - Vitor Gomes (Fechado); - 4 jogadores na linha da grande área que irão atacar a zona do 2º Espaço Interior; 3 jogadores à entrada da grande área; 1 jogador no corredor onde será marcado o livre; **A bola é colocada no 2º Espaço Interior/2º Espaço Exterior;** REFERÊNCIAS: 26 - Marcelo Oliveira; 4 - Danielson.
Lançamento Lateral: Ofensivo: Zona de Preparação: Lançamento à procura do cabeceamento do **PL** e consequente movimento pelas costas do **ALA**.
Zona de Decisão: Lançamento longo para o 1º Espaço Interior visando o desvio para a 2ª Espaço Interior/Exterior.
Transição Defensiva: Os jogadores recuperam de forma rápida as suas posições.

Esquemas Táticos Defensivos

Canos Defensivos: Equipa defende predominantemente à zona, posicionando 6 jogadores para esse efeito; 2 jogadores (66 - Filipe Gonçalves e 29 - Boateiro) referenciam dois adversários, acompanhando-os; 2 jogadores posicionados perto da bola para evitar/contrariar o canto curto.
Livres Defensivos: Defendem com todos os jogadores; 2 jogadores na barreira; 6 jogadores em linha ao longo do 1º, 2º e 3º Espaço Exterior; 2 jogadores na linha limite da grande área.
Lançamento Lateral: Defensivo: Neste tipo de lances, os jogadores revelam-se pouco agressivos na recuperação da bola, dando espaço e tempo ao adversário para executar as suas ações.
Transição Ofensiva: 29 - Boateiro é a referência para as transições, sendo que a partir do momento que a bola é recuperada, é colocada neste jogador.



7. Pontos Chave

- O Moreirense perde muitos duelos aéreos nas Zonas de Preparação e Decisão, logo se os obrigamos a jogar de forma direta, podemos obter vantagens neste tipo de lances;
- A equipa mostra dificuldade em sair da Zona de Decisão;
- Podemos iniciar um dos nossos **MC's** a aproveitar os espaços nas costas dos **DL's** do Moreirense, enquanto que o **ALA** ou **DL** desse corredor realiza movimentos interiores, com o intuito de realizarem combinações ofensivas entre os mesmos;
- Devemos aproveitar o facto de os **DC's** e do Moreirense nos corredores laterais da Zona Defensiva serem pouco agressivos, para induzirmos os nossos jogadores a efetuar encastamentos a partir desta zona;
- No 2º tempo, os pontapés de bola possuem a ser feitos pelo **35 - Marcelo Oliveira**, o que pode indicar que o **1 - Nilson** pode se ter lesionado no decorrer do jogo e assim pode estar ausente do primeiro jogo.

8. Procedimentos Logísticos

- O jogo **União de Leiria vs. Moreirense** teve lugar no Estádio Cidade de Coimbra no dia 21 de Agosto de 2013 pelas 17h00. Foi possível ter observação por dois observadores e um observador do Sport Lisboa e Benfica;
- O objetivo da observação passou essencialmente por observar todos os aspetos relativos ao jogo da equipa do Moreirense, para mais tarde efetuar um relatório acerca da mesma;
- O ponto de encontro para a saída teve lugar no Estádio da Luz, Lisboa por volta das 13h30;
- A deslocação para o estádio onde se realizou a observação foi efetuada no carro particular do observador e demorou cerca de 45 minutos;
- Foi equipada para a filmagem do jogo um tipo e uma câmara com lente de grande abertura;
- Para podermos entrar no estádio, foi enviada por e-mail uma autorização à entidade do estádio para a utilização de três câmaras e a respetiva permissão para a filmagem do jogo;
- O local indicado para a filmagem encontra-se por cima da zona central do estádio, mas demasiado perto do terreno de jogo;
- O observador ficou encarregado da presença de filmagem ao longo do jogo, sendo que a mesma decorreu sem qualquer problema;
- Os dois observadores entraram-se em observação e registar as incidências do jogo;
- A saída do estádio deu-se por volta das 19h00;
- O objetivo da observação, a mais vez foi cumprido com sucesso.

Anexo 3 – Certificado de Participação no Sports Sciences Day





Certificado de Participação

Certifica-se que _____ participou no seminário em Observação e
Análise de Jogo, integrado no "Sport Sciences Day", promovido pelo Benfica LAB do Sport
Lisboa e Benfica – Futebol, SAD, realizado no auditório do Caixa Futebol Campus.

Seixal, 11 de Abril de 2016

O Coordenador do Benfica LAB do Sport Lisboa e Benfica	Director do Centro de Formação e treinos
_____ Bruno Mendes	_____ Nuno Ribeiro







Anexo 4 – Questionário de Satisfação Sports Sciences Day



Resultados do Questionário de Satisfação

Média das respostas ao questionário	Resultados dos Questionários de Satisfação Sports Sciences Day – Benfica LAB								
	Avaliação da Organização Geral do Evento				Avaliação Preletores e Conteúdos				Algumas Sugestões
	Receção / Acreditação	Horários	Organização	Coffe Break	Pertinência conteúdos	Clareza da Intervenção	Suportes à apresentação	Espago questões	
	4	4	5	4	4	4	4	4	
	Adicionar numa próxima edição a presença de técnicos do futebol de formação e profissional para complementar as questões abordadas.								
	Os conteúdos abordados terem uma maior relação com a parte prática nomeadamente o treino e seu planeamento								
	Apresentação de mais situações práticas. Mais informação de como entrar no estágio								
	Realizar este evento noutras instituições de ensino superior.								

Anexo 5 – Cartaz de divulgação do Sports Sciences Day



Sport Sciences Day
Estagiários Benfica LAB

11 de Abril 2016

Programa

- 08h45 – Abertura do Secretariado / Creditação
- 09h30 – Apresentação Benfica LAB
 - Abertura / Receção
(Nuno Maurício – Benfica LAB – Observação e Análise)
 - Intervenção
(David Pereira e Nuno Cesário – Benfica LAB – Observação e Análise)
- 10h00 – De Estagiário a Observador da Formação
(Ribeiro Soares – Observador Iniciados A do SL Benfica)
- 10h30 – Coffee Break
- 11h00 – Apresentação Grupo Estagiários Observação e Análise
(Futebol Profissional)
- 11h30 – Apresentação Grupo Estagiários Observação e Análise
(Futebol Formação)
- 12h00 – Apresentação Grupo Estagiários Fisiologia
- 12h30 – Visita Guiada ao Caixa Futebol Campus

Entrada Livre
Inscrições em
sib.seminario.obs@gmail.com

BENFICA LAB     

Local: Caixa Futebol Campus